



KATE PALACE

A BELA &
O XERIFE

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

**A Bela
&
O Xerife**

KATE PALACE

Copyright © 2019 by Kate Palace

Tradução e Revisão: Hugo Teixeira

Edição: Hashtags

Capa: Hashtags

Imagem: Pexels

Reservados todos os direitos desta produção

Observações para o(a) leitor(a):

* Não é aconselhável para leitores menores de 18 anos. Contém cenas de sexo e violência.

* Este livro pode ser lido de forma independente.

* Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

* Caso queria enviar uma mensagem para a autora, o contato pode ser feito por meio do seu tradutor no Brasil, pelo e-mail: hteixeiratradutor@gmail.com

Sinopse

Depois que perdeu o irmão em um terrível acidente de carro, o xerife Jack McQueen teve que deixar a vida agitada da SWAT para viver na pacata cidade de Blue Lake, no interior do Texas, onde se dedica à criação da pequena sobrinha Mandy. Sua vida é consideravelmente tranquila, até ele se deparar com uma bela e misteriosa mulher, que alega não se lembrar sobre seu passado.

Ele quer evitá-la. Ele quer mantê-la à distância. Ele não quer confiar nela. Porém, pouco a pouco, o xerife vai se dando conta de que não consegue resisti-la.

Ela poderá ser sua salvação. Ou sua ruína.

Prólogo

Flórida

Um mês antes...

Julie

O rangido da porta me faz ter a sensação de que estou presa em um calabouço. De uma certa forma, estou realmente presa, mas a um homem que odeio. Descobri, apenas algumas horas antes, que teria que me casar com Michael, um dos maiores gangsters de Miami.

Ele não é apenas um homem sem escrúpulos e sem um pingo de empatia por seres humanos. Michael é também teimoso. E, desde que nós dois éramos crianças, ele decidiu que, um dia, eu me tornaria sua esposa.

Infelizmente, esse dia será hoje. Uma parte de mim sente-se enojada com Michael, com a expectativa de formar uma família com alguém que eu jamais admirei e que nunca serei capaz de amar. Outra parte de mim está morrendo de medo. Se sei algo sobre Michael, é que ele não se preocupa com o bem-estar de mulheres, considera-nos objetos com o único propósito de dar prazer e filhos aos homens.

Não acredito que confiei no meu irmão. Ele é a última família que tenho no mundo, e eu sou a sua. Como ele foi capaz de fazer isso? Como foi capaz de me vender a um monstro? Olho para o espelho, a fim de verificar quem acabou de entrar no quarto, e sinto a bile subir à garganta.

Michael está aqui dentro. Ao menos, não estamos a sós; três mulheres que deveriam me ajudar a trocar de roupa estão conosco. Sei que nenhuma delas me defenderá caso ele decida me machucar, mas não estou sozinha, o que me deixa um pouquinho menos desconfortável.

Meu corpo treme dos pés à cabeça, mas não quero que ele veja que tenho medo dele. Não posso demonstrar qualquer vulnerabilidade. Homens predadores como Michael aproveitam-se do menor sinal de fraqueza. Elevo o queixo e o encaro pelo reflexo do espelho.

Seus lábios transformam-se numa linha, e sua expressão se fecha em uma escuridão que me faz querer gritar. Eu deveria ter fugido quando seus capangas apareceram no meu escritório; ao invés disso, com o intuito de não causar constrangimento no meu local de trabalho, acabei indo com eles.

Mal sabia eu que seria sequestrada e que me trariam para a casa da família de Michael, na pequena cidade onde nós dois crescemos. Agora, não há saída; se ele já é poderoso em Miami, aqui ele é praticamente dono de todos os moradores. Ninguém vai me ajudar, ninguém vai me salvar.

Ele caminha até o centro do cômodo, e noto que as três mulheres em minha companhia prendem a respiração. Uma delas, que segura o véu, deixa-o cair no chão sem perceber.

— Por que ainda não está pronta? — seu tom é frio e distante, mas sei que, se eu disser qualquer coisa errada, ele vai explodir como um vulcão, destruindo tudo no seu caminho.

Por isso, baixo os olhos, e concentro-me nas minhas mãos. Sinto novamente o vômito na boca ao olhar para a monstruosidade que ele colocou à força no meu anular esquerdo. É um anel de noivado que pesa mais que o meu relógio, tão brega quanto os carros ridiculamente caros que ele dirige por Miami.

Ouç-o aproximando-se por trás, e espero o golpe, que não chega. Ao invés disso, ele dá um tapa na cara da senhora que está em pé ao meu lado, e o som da agressão ressoa pelo cômodo.

— Sua inútil! Disse que a queria pronta em quinze minutos.

— Desculpe-me, senhor — a pobre senhora responde em um tom choroso, e preciso segurar os braços da cadeira com força para continuar quieta.

Céus, o que fiz para merecer esse monstro em minha vida? Eu jamais o maltratei, e tampouco lhe dei qualquer atenção. Nunca exibí meu corpo para ele, como muitas meninas faziam desde que me dou por gente. Jamais me atrevi olhar na direção dele, porque ele sempre me provocou arrepios de medo.

Somado ao terror, sinto nojo. Ódio. Rancor. Asco. Vou me casar com o pior tipo de ser humano que poderia existir. Um verdadeiro sociopata. Meu coração acelera ainda mais quando o escuto se aproximar de mim.

Ele coloca a mão em volta do meu pescoço, e levanta meu queixo, obrigando-me a encará-lo pelo reflexo. Os olhos dele são de um castanho chocolate, porém, neste momento, as pupilas dilatadas escondem o castanho quase por completo. Quero manter minha pose neutra, mas não consigo evitar um tremor que perpassa meu corpo.

Michael se inclina para frente, até nossos rostos estarem lado a lado, até eu sentir o calor que emana dele, até sentir o bafo de uísque caro. Além de tudo, ele está bêbado. Não poderia ser pior. Se ele já é agressivo quando está sóbrio, ao beber ele se torna um assassino em série.

— Perguntei por que você ainda não está pronta.

Continuo calada. Agora, no entanto, não faz parte da minha estratégia de não arriscar dizer algo que possa ofendê-lo. Estou com tanto medo do que ele vai fazer que a garganta se recusa a funcionar.

— Responda-me!

Pelo reflexo, vejo a mulher em quem ele bateu. Seu olho já está ficando roxo, e ainda há traços de sangue em seu nariz. Ela deve ter mais do que sessenta anos, o que torna a ação dele ainda mais vil. Covarde desgraçado. Duvido que faria isso com alguém do tamanho dele.

De repente, todo o meu pavor é substituído por ódio, que corrói minhas entranhas, que se espalha por meu corpo como sangue. É esse ódio que me faz dizer em um tom duro:

— Porque não tenho pressa de me casar com um homem que odeio.

Ele me agarra pelos ombros com tamanha força que sei que ficarei com marcas roxas, e me puxa para cima. Quando estou de pé, ele me segura pelo pulso e me arrasta até o centro do cômodo. Posiciona-se de frente para mim e aproxima o rosto do meu.

Tudo dentro de mim grita que devo me afastar, meu corpo repele o dele de dentro para fora. Entretanto, obrigome a ficar parada, mesmo quando seus lábios praticamente tocam os meus.

— Sempre disse que a faria minha — Michael sussurra, o bafo de bebida me deixando zonzinha de nojo. — Vou domá-la, até você ser mais uma das minhas putas submissas.

— Posso me tornar sua esposa, mas jamais serei sua — rebato, e suas mãos voltam a me tocar, segurando-me pelos braços expostos.

Michael escolheu o meu vestido de noiva. Como tudo que ele compra, é brega e pomposo. É um vestido de marca, que deve custar mais do que meu carro. É justo no busto, e a saia mais parece um circo montado, com camadas e mais camadas de tecido.

É um vestido sem mangas, tomara-que-caia, e sei que meus braços já devem estar cobertos de hematomas avermelhados. Ele não parece se preocupar nem um pouco com isso. E por que se importaria? Todos os convidados devem saber que eu estou sendo obrigada a me casar. Que diferença alguns machucados farão?

— Vamos ver se vai continuar dizendo isso quando eu estiver dentro de você — ele diz, me segura pela cintura, e acaba com os milímetros entre as nossas bocas.

Eu o empurro, mas de nada adianta; ele é forte demais para mim. Ao menos, consigo impedi-lo de me penetrar com sua língua nojenta. Depois do que parece ser uma eternidade, ele desiste de tentar me beijar à força e me solta.

Vejo a irritação em seus olhos; uma promessa das coisas que ele fará quando estivermos a sós, depois do casamento. Sei que deveria me manter calada, mas meu espírito é teimoso demais para ouvir a voz da razão.

— Vou sentir nojo cada segundo que passar ao seu lado, seu estuprador.

— Deixe de ser uma vadia mal-agradecida! Sabe quantas mulheres queriam estar no seu lugar agora?

— Então chame uma delas.

O murro me surpreende. Devo admitir que, enquanto minha garganta vomitava palavras, eu apenas conseguia imaginar, com desespero, se aguentaria ir para a cama com esse monstro.

Caio no chão com um baque. Sinto uma dor aguda no quadril, mas me recuso a gritar na frente de Michael. Sinto o gosto salgado nos meus lábios, e me dou conta de que ele abriu uma ferida na minha boca. Olho para baixo e reparo que algumas gotas já sujaram o vestido branco.

Que bom. Se for para eu me casar à força, que fique claro que lutei contra isso até o fim. Não tenho esperanças de que algum príncipe apareça para me salvar. Porém, quero que todas as pessoas desta cidade, que me viram crescer, que ajudaram mamãe a me criar, se sintam tão culpadas quanto Jonas deveria se sentir.

— Espero que seja virgem, como seu irmão me prometeu. E que me dê herdeiros saudáveis logo.

Até onde vai a traição de Jonas? Meu irmão não apenas me meteu nessa situação terrível, como ainda contou a Michael que jamais me entreguei a nenhum homem? Sempre esperei pelo cara certo, pelo homem que faria meu coração bater mais forte de excitação, e não de nojo, como acontece agora.

— Eu o odeio.

— E, ainda assim, vai ter que me aguentar pelo resto da vida.

Ele vira-se para sair, mas para ao lado da senhora em quem bateu antes.

— Tia, deixe-a apresentável. Minha noiva está parecendo uma vadia barata agora. E ela me custou muito caro — ele nos deixa e bate a porta atrás dele com força.

As três mulheres me cercam e, ao ver a mistura de empatia e pena em suas expressões, eu desabo. Começo a chorar como uma criança, soluço incontrolavelmente.

As três, muito gentilmente, me ajudam a levantar e me sentam novamente na frente da penteadeira. Com um cuidado que me emociona, elas secam as minhas lágrimas, limpam o sangue, mas as marcas da violência estão espalhadas pelo meu rosto e meus braços.

— Queridas, podem nos deixar a sós, por favor? — a tia de Michael pede às outras duas. — Preciso me concentrar para conseguir deixá-la apresentável.

As mulheres acenam lentamente. Nenhuma delas questiona a ordem. Ela termina de abotoar o vestido, agora coberto por gotas de sangue. Ficamos as duas em silêncio, mas percebo que ela me observa pelo espelho.

— Sei como se sente — ela diz de repente.

— Como sabe como eu me sinto? — Apesar de minhas palavras duras, minha voz sai trêmula. É como se toda a minha vulnerabilidade tivesse se libertado de vez, agora que Michael não está mais aqui. — Eu vou me casar contra a minha vontade com alguém que odeio.

Segundo Michael, se eu não me casar com ele, Jonas passará o resto da vida na cadeia. Sei que Jonas não é mais uma criança, que ele não merece mais a minha proteção, não depois de ter se metido com a gangue de Michael.

Porém, a minha última promessa à mamãe, antes dela sucumbir ao câncer, foi que eu cuidaria dele. Nosso pai nos abandonou quando éramos pequenos, por uma *stripper* que ele conheceu em um bar da cidade. Tentei ajudar o Jonas, de verdade. Mas é impossível ajudar alguém que se recusa a receber ajuda.

— Também estive nessa mesma cadeira, querida. Vinte anos atrás.

Surpreendo-me com suas palavras. Sei que ela não é tia de sangue de Michael, mas não tinha ideia de que ela também havia se casado contra a sua vontade. Será que algum homem da família de Michael se casa com uma mulher que os deseja?

— Eu... Eu não sabia.

— Se eu pudesse voltar no tempo, teria fugido — Ela continua. — Infelizmente, agora que tenho três filhos, jamais os abandonarei. E meu marido me mataria antes de permitir que eu fosse embora com eles.

Ela falou como se estivesse me aconselhando a fugir. Será que ela quer me testar?

— Sinto muito — digo a única coisa que não vai me comprometer.

— Hum, vejo que meu pó de arroz não está aqui.

— Este não serve? — aponto para a maquiagem que está sobre a penteadeira.

— Não para o seu tom de pele. Já volto.

O pó de arroz é perfeito para o meu tom de pele. Ouço a porta bater e viro-me para o cômodo. Ela me deixou sozinha.

Se isso é uma armadilha, não faz qualquer sentido. Por que uma mulher que é maltratada pelo sobrinho o ajudaria com algo tão cruel? A resposta mais óbvia é: porque ela não está ajudando Michael. Ela está *me* ajudando.

No fim das contas, não é um príncipe que veio me salvar de um monstro. É uma sobrevivente de outro.

Por um momento, considero se deveria fugir por causa de Jonas. Ele pode ser ganancioso e ter pouco juízo, mas é um rapaz esperto. Deve estar bem longe da Flórida a esta altura, com o dinheiro do banco que ele assaltou uma semana atrás. Mesmo que Michael o entregue à polícia pelo crime, ele já estará longe demais para ser localizado. A essa

altura, é capaz de ele estar em alguma praia no México com uma bebida na mão.

Se Jonas pode se dar ao luxo de fugir, tampouco passarei o resto da minha vida com Michael por causa dos erros do meu irmão.

No cômodo onde estou, há uma janela que dá para o Parque Nacional de *Everglades*. Enquanto tiro o maldito vestido de noiva, arrancando os botões, observo a mata. Já escureceu, mas eu reconheço essa parte do parque com facilidade. Cresci aqui, escondendo-me de Jonas e fazendo piqueniques no meio do parque. Eu o conheço como a palma da minha mão.

Apenas me mudei para Miami quando fui fazer faculdade, poucos anos depois de Michael. Foi assim que nos reencontramos. Quando eu e Jonas fomos para a cidade e ele tomou a decisão mais estúpida de sua vida: largou a faculdade e foi pedir emprego a Michael.

Depois de colocar a minha própria roupa de volta, que deixaram em um canto do quarto, abro a janela e calculo a distância até a mata fechada.

Estou prestes a pular, quando um objeto brilhante na penteadeira chama a minha atenção. A tia de Michael deixou sua bolsa aqui. Terá sido de propósito? Resolvo verificar; afinal de contas, tiraram a minha bolsa quando me trouxeram para cá, então estou sem um centavo no bolso.

Dentro da pequena bolsa prateada, há um envelope pardo com dezenas de notas de cem dólares. Ai, meu Deus. Ela realmente planejou a minha fuga. Como eu queria abraçá-la agora. Ouço passos se aproximando do corredor, e sei que não posso desperdiçar mais um segundo sequer. Pulo a janela e desapareço na noite.

1

Texas

Dias atuais...

Jack

Dia de cão da porra. Quando deixei Austin e retornei para ser xerife na pequena cidade onde cresci, Blue Lake, um ano atrás, esperava que fosse levar meus dias sem estresse, para poder focar todos os meus esforços em criar Mandy.

Ao invés disso, descobri que, para uma cidade com pouco mais de cinco mil habitantes, Blue Lake é bem agitada, mesmo quando estamos fora do período de férias, época em que turistas de todo o país vêm se hospedar aqui e encher a porra do meu saco.

O auge do meu dia de merda foi prender um cara por roubar o porco do outro. O motivo? Não foi por fome, ou para vender a merda do porco. Ah, mas não mesmo. Aparentemente, os dois envolvidos (o ladrão do porco e o proprietário do porco) participariam de um concurso de porcos, e o porco roubado foi o campeão nos últimos dois concursos.

Sim, eu moro em um lugar que faz concurso de beleza para porco.

Passo a mão pela cabeça, considerando todas as tarefas de amanhã. Não apenas farão esse concurso bizarro, como também o prefeito exigiu que eu montasse um esquema de segurança, já que, segundo ele, haverá convidados suínos de todo o estado, e ele não quer que nenhum deles seja roubado e vire churrasco.

Estou morto, morrendo de fome e com uma vontade enorme de ver a Mandy. Porém, levarei quase uma hora para chegar em casa. Eu poderia ter vendido o rancho do meu irmão mais novo, Robert, e da minha cunhada, Carly, para comprar uma casa no centro da cidade. Porém, Rob sempre deixou claro que queria criar sua filha no campo, cercada de natureza e animais.

Claramente, ele não se importava de cheirar a merda de cavalo vinte e quatro horas por dia. Nunca fui do tipo que curte natureza, tanto que, assim que fiz dezoito anos, me mandei para Austin e, pouco tempo e muito treinamento depois, fui aceito pela SWAT.

O caminho até o rancho tem uma estrada de terra, com pouca iluminação e uma encosta do lado esquerdo, que deve ter quase dez metros de altura. A lua está cheia esta noite, senão eu não teria conseguido ver um vulto rolando morro abaixo. Não é comum haver deslizamentos nessa parte da estrada, mas pode acontecer.

Uma parte de mim acredita que se trata de uma rocha solta, mas a outra parte de mim, formada por muitos anos de treinamento, diz que eu tenho o dever de averiguar. Para minha caminhonete da polícia no acostamento, saio do

carro e uso minha lanterna para tentar localizar o vulto que vi caindo lá de cima.

A luz do luar me auxilia na busca, e logo encontro uma forma no canto da estrada. Ao me aproximar, percebo que não se trata de uma pedra, e sim, de uma pessoa. Aproximo-me do corpo, tentando verificar se tem pressão. Seu coração bate, mas bem lentamente.

Vejo o inchaço na altura do peito, longos cabelos embaraçados e espetados para todo canto, e consigo identificar que se trata de uma mulher. Afasto algumas mechas do seu rosto, mas está tão escuro, e sua pele está coberta de terra e sangue, então não consigo saber se é uma conhecida da cidade ou não.

Provavelmente, trata-se de uma moradora de rua, pelo aspecto de suas roupas e de seus cabelos. Se tivesse que chutar, acho que ela tem pouco mais de vinte anos, mas toda a sujeira atrapalha até mesmo nisso.

— Senhorita? Pode me ouvir?

Ela não responde, continua imóvel. Já é impressionante que ela tenha sobrevivido a esta queda, então não posso arriscar mais. Preciso conseguir ajuda, o quanto antes.

Tiro meu celular do bolso, sem muita esperança, porque sei que esta área tem um péssimo sinal. Olho para a tela e confirmo meus temores. Não conseguirei ligar para ninguém com meu celular.

Corro até o carro e pego meu rádio. Felizmente, ele funciona bem em toda a cidade. Foi um dos investimentos que exigi do prefeito. Como posso proteger os cidadãos se metade do município não tem cobertura de telefonia móvel?

O mais rápido seria eu colocar a mulher no carro e levá-la eu mesmo para o hospital. Entretanto, como a queda dela foi séria, não quero movê-la e arriscar deixá-la parapléica. Calculo que o mais seguro é falar com meus homens na delegacia.

— *Mal saiu e já está sentindo nossa falta, chefe?* — John, meu policial mais jovem e que se acha um engraçadinho, me pergunta.

— Cale a boca e chame uma ambulância agora.

— *O que houve?* — o tom dele fica imediatamente sério.

Esta cidade pode ser uma dor de cabeça, o prefeito é um pão-duro que não aceita aumentar nossas verbas para contratação de pessoal e compra de novos equipamentos, mas, pelo menos, eu conto com excelentes funcionários.

— Uma mulher caiu da encosta. Ela está muito ferida, mas ainda respira.

— *Chamarei a ambulância agora.*

Apesar dos meus policiais e dos paramédicos serem competentes e ágeis, eles levam quase quarenta minutos para chegarem. Afinal de contas, estamos no meio do nada.

Enquanto eu os aguardo, aviso para a moça que ela está bem, que a ajuda está a caminho. Cubro-a com o meu casaco, estaciono a minha caminhonete na frente do local onde ela está, para poder iluminá-la, mas ela continua imóvel.

Ainda usando minha lanterna, e com o auxílio do farol da minha caminhonete, verifico os arredores, à procura de uma

bolsa, mochila, ou qualquer objeto que possa me ajudar a identificar a mulher misteriosa.

Depois de dar meia dúzia de voltas nela, sem conseguir encontrar absolutamente nada de interessante, enfim ouço o som das sirenes, indicando a aproximação da viatura e da ambulância.

Sinto alívio ao ver Mary, a melhor paramédica do condado, descer da ambulância. Ela se aproxima rapidamente da mulher, e começa a avaliá-la.

— O que houve? — ela me pergunta, sem tirar os olhos da moça.

— Vi algo caindo da encosta. Achei que era uma pedra. Fui verificar, e era uma mulher.

— Coitada. Ela teve sorte que você estava passando na hora. Provavelmente não teria sobrevivido a noite inteira aqui.

Não teria sobrevivido mesmo. Estamos em uma parte mais desértica do Texas, o que significa que temos calor escaldante do inferno durante o dia e um frio seco do demônio à noite.

Isso porque estamos na primavera. No verão, a sensação térmica é a mesma dentro de um vulcão de dia e de incêndio florestal à noite.

Mary chama o paramédico e começa a colocar parafernália na mulher misteriosa, preparando-a para ser movida para a maca.

— Não quis mexer muito nela.

— Fez certo, xerife. Poderia ter causado danos maiores.

— Sabe quais são os danos, Mary?

— Somente teremos certeza no hospital. Quer ir conosco?

Querer, eu não quero. Mas sinto uma obrigação de acompanhar a mulher até o hospital. Por isso, eu aceno para Mary. Porque sei que terei de resolver algumas coisas antes de conseguir voltar para o rancho.

Primeiro, sei que o prefeito vai botar um ovo quando eu anunciar que, até a identificarmos, a prefeitura terá que pagar pelo tratamento da desconhecida. Em segundo lugar, quero ouvir o que os médicos têm a dizer, para tentar descobrir o que diabos uma moça jovem estava fazendo sozinha nessas partes.

Talvez, ela esteja alcoolizada, ou drogada. Essa seria a explicação mais óbvia. Ou, talvez, seu carro tenha quebrado no meio do nada e ela saiu andando para buscar ajuda ou um posto de gasolina. Mas, se ela estivesse simplesmente caminhando, não teria percebido a encosta?

Uma ideia sombria surge em minha mente. E se ela for uma suicida? Quando eu estava na SWAT, testemunhei um suicídio uma vez. Já vi assassinatos, já estive no meio de tiroteios, já lidei com bandidos internacionais. Porém, não há nada pior do que ter que avisar à família que seu ente querido tirou a própria vida.

Merda, espero que ela não seja suicida.

Enquanto os paramédicos a posicionam na maca, vejo meus homens saírem do carro e caminharem na nossa direção.

— Xerife, precisa do nosso apoio?

— Preciso sim, John. Você se importaria de levar minha caminhonete até o hospital enquanto eu sigo com a vítima na ambulância?

— Claro, chefe.

Viro-me para meu outro policial, Lucas. Precisarei da ajuda dele também. Sei que não é o ideal; no turno da noite, temos apenas quatro policiais e gosto de manter pelo menos um deles na delegacia, e sei que os outros dois estão resolvendo uma briga de bar. Porém, o que tenho a pedir é mais importante.

— Lucas, você poderia avisar a Sra. Kell o que aconteceu, para que ela possa ficar com a Mandy até eu retornar?

Clarissa Kell é nossa vizinha, além de ser meu anjo da guarda pessoal. Ela tem um rancho vizinho ao nosso, e é simplesmente uma benção. Ela fica com Mandy todos os dias a partir do horário que chega da escola até eu conseguir voltar para o rancho.

O único problema é que Clarissa detesta comunicação com o mundo exterior. Não tem telefone fixo nem celular. Ela tem um rádio na garagem, mas, desde que seu marido morreu, uns dez anos atrás, ela o mantém desligado, a não ser quando precisa falar com alguém.

— Claro, xerife — Lucas volta imediatamente para a viatura. — Vou agora mesmo.

— Obrigado — agradeço aos dois, e entro na ambulância atrás de Mary e um paramédico que não conheço.

Espero que minha noite não piore ainda mais.

Jack

— Como ela está, Mary? — questiono depois que ela termina os exames de praxe.

— Consegui estabilizá-la.

Agora que saímos da estrada de terra, a ambulância consegue andar sem balançar muito.

— Eu não quis movê-la antes, mas gostaria de tentar identificá-la para informar a família.

— Claro — ela diz em seu tom profissional. — Quer que eu o ajude, xerife?

Acho engraçado como as coisas mudaram desde a época em que eu fui embora de Blue Lake, dezoito anos atrás.

Antes, eu era um moleque conhecido por pegar todas as garotas da cidade. Os pais me olhavam com desconfiança e mulheres como Mary reviravam os olhos e me diziam que, um dia, quando eu me apaixonasse, eu pagaria pelos meus pecados.

Felizmente, esse dia ainda não chegou.

Desde que eu voltei, entretanto, os mesmos pais de família que me expulsavam de suas casas são loucos para que eu namore suas filhas. E mulheres como Mary me respeitam, especialmente quando precisam de algo do prefeito.

O prefeito Martin Morland não é unha de fome só com os assuntos da polícia. Mary e eu precisamos fazer uma campanha envolvendo todos os eleitores dele para conseguirmos obrigá-lo a comprar ambulâncias novas.

Ele é um homem duro na queda, e com um ego maior que Blue Lake, já que é prefeito daqui desde antes de eu me mudar para Austin.

Entretanto, o prefeito não é burro. Ele sabe que não pode irritar seus eleitores, especialmente porque o antigo xerife, o cara que eu substituí ao se aposentar, já o ameaçou de se candidatar nas próximas eleições se ele não deixar de ser tão sovina.

— Quero sua ajuda sim, Mary. Veja se ela tem algo nos bolsos, por favor.

Eles imobilizaram o pescoço da desconhecida e a prenderam à maca com tiras que passam pelos seus ombros, braços e pernas. É difícil verificar seus bolsos da calça e da camisa, e procuramos em silêncio.

— Nada — ela enfim diz.

— Aqui também não. Merda!

Mary levanta uma sobrancelha com meu xingamento, um sinal de desaprovação. Estamos no interior do Texas, em uma das regiões mais conservadoras do país, daqueles

lugares em que não homens não devem xingar na frente de mulheres.

Resmungo um pedido de desculpas, sentindo-me nos tempos do colegial. No fim das contas, as coisas não mudaram tanto assim.

— Talvez a bolsa dela esteja lá onde ela caiu — o paramédico que dirige a ambulância sugere.

— Enquanto esperava por vocês, dei uma olhada nos arredores e não achei nada. Mas tentarei amanhã de manhã novamente.

Mesmo com a lanterna e o farol do carro, havia muitas sombras perto do local onde a desconhecida caiu.

Quero verificar os arredores durante o dia. Inclusive, subirei com meus homens no morro para tentar encontrar o lugar de onde ela caiu também. Talvez, as coisas dela estejam lá em cima.

Há uma estrada de terra íngreme que leva até o topo daquela encosta, mas nem fodendo irei até lá esta noite.

— O que ela estava fazendo no meio do nada? — Mary questiona. — Não há sequer ranchos naquela parte da estrada.

— Talvez ela tenha tido problemas com seu carro em uma das estradas secundárias e se perdeu — o paramédico sugere.

Essa também foi uma das minhas teorias iniciais. Porém, há outras possibilidades. Mary volta a analisar a moça, e vejo sua expressão se fechando.

— Ou talvez ela estivesse fugindo de alguém — ela comenta. — Vejam as marcas nos pulsos dela.

Ela está certa. Não consegui vê-las antes por causa da luz fraca e da camisa de mangas compridas. Mas as marcas são inconfundíveis. Alguém amarrou essa mulher.

— Essas marcas são recentes — avalio, usando a experiência adquirida nos muitos anos de SWAT. — Dois ou três dias no máximo.

— Acha que ela foi sequestrada e conseguiu fugir?

Levanto os ombros em resposta.

Considero aquele novo cenário por alguns minutos. Porra, eu não tinha considerado a hipótese dela ser vítima de sequestro. Nunca tivemos um caso assim na região, mas sempre pode haver o primeiro. Bolo um plano, para o caso de ela estar fugindo de alguém.

— Façamos o seguinte — digo aos paramédicos. — Até eu garantir que não há um maníaco atrás dela, vamos registrá-la sob um pseudônimo no hospital.

— Acha que é necessário? Há seguranças lá — Mary me garante, como se eu já não soubesse do esquema de “segurança” do hospital.

Essa “segurança” a que ela se refere engloba meia dúzia de câmeras que vivem dando defeito e nove seguranças aposentados que se dividem em três turnos. Não me lembro qual foi a última vez em que eu cheguei no hospital e pelo menos um deles não estivesse dormindo em serviço.

Sugeri uma vez ao prefeito que contratasse rapazes jovens e com experiência para a tarefa e ele reclamou dos

salários, depois de me recordar que nunca tivemos qualquer crime no hospital desde sua construção, quarenta anos atrás. O prefeito não acredita muito na teoria de que sempre há uma primeira vez.

— Não há segurança suficiente, Mary — tento ser o mais gentil possível. Um dos seguranças é o irmão dela. — E tenho poucos homens na delegacia. Não posso me dar ao luxo de ter um deles de olho nela vinte e quatro horas por dia.

— Mas por que precisamos inventar um nome falso? — ela questiona. — Por que não dizemos apenas que ela não tem identidade?

— Se ela está fugindo do sequestrador, ele pode ficar alerta quando vir que uma pessoa sem identificação foi internada com esse tipo de machucado.

— Pobrezinha.

Há outra possibilidade também. Essa mulher pode estar fugindo por outros motivos. Pode ser perigosa, mesmo que não pareça ser. Não consigo distinguir direito seus traços, já que está suja de terra e sangue, mas sei que não está armada.

Isso não prova, entretanto, que os motivos para ela estar naquela encosta à noite não sejam suspeitos.

Entretanto, não é hora de falar das minhas suspeitas. Mesmo que ela seja uma criminosa, não há risco de fuga enquanto ela estiver desmaiada.

Quando ela acordar, vou questioná-la e, se a história dela não puder ser comprovada, vou algemá-la à merda da cama

até esclarecer exatamente de onde ela veio e por que diabos parou na minha cidade.

*

— E quem exatamente vai pagar pela conta se não descobirmos quem ela é?

Meu. Caralho. Quem foi o desgraçado que avisou ao prefeito sobre a mulher misteriosa? Minha vontade é de descobrir quem é o babaca e enforcá-lo.

Assim que chegamos ao hospital, o prefeito Martin estava à nossa espera, suando feito um porco, já preocupado com a possibilidade de ter que liberar verba para pagar o tratamento da desconhecida.

Por um lado, às vezes sinto vontade de socá-lo quando ele faz perguntas idiotas do tipo “ela realmente precisa de cirurgia?”. Por outro, sei que preciso ter paciência. Apesar de seus defeitos, ele também tem suas qualidades.

Blue Lake sempre foi uma cidade enterrada em dívidas, até ele chegar. Desde então, estamos no azul.

Ele só precisa ser menos paranoico com gastos, senão vai acabar prejudicando os habitantes de Blue Lake. De que adianta as contas do município estarem positivas se o prefeito se recusa a ajudar cidadãos em situações de emergência como esta?

— O município pagará, prefeito — explico o mais calmamente possível.

— Acha que tenho o orçamento de Austin, McQueen? Ou da SWAT? Não tenho como pagar a cirurgia e internação dela! Nem sabemos se ela é uma eleitora!

Fecho as mãos em punhos nas laterais do meu corpo, contendo o desejo de juntar meu punho ao nariz do prefeito. Sei que conseguiria facilmente emprego em outra cidade, mas meu irmão sempre quis que Mandy crescesse aqui, na cidade em que nascemos.

Infelizmente, há só uma forma de convencer logo o prefeito e ele liberar os médicos para a cirurgia. Senão, a desconhecida vai morrer em cima da merda da maca. Vou ter que mentir.

— Sr. Prefeito, eu a atropelei. É nossa responsabilidade pagar — antes que ele pergunte sobre o acidente, viro-me para o cirurgião do hospital. — Pode ir para a sala de cirurgia, Dr. Russo.

Pela expressão do Dr. Russo e da enfermeira ao lado dele, eles sabem que é uma mentira. Tirando as marcas no pulso, os machucados mais graves da mulher são compatíveis com uma queda, não com atropelamento.

Infelizmente, há muitos atropelamentos nas estradas de terra mal iluminadas da região, então a equipe do hospital reconhece facilmente esse tipo de ferimento. No entanto, eles não me desmentem. Mantêm a expressão neutra.

O trabalho deles é salvar vidas, e certamente não vão querer prejudicar o tratamento da desconhecida. Já é ruim o suficiente o prefeito prendê-los aqui na sala de espera, quando eles já deveriam ter começado a cirurgia.

O Dr. Russo acena uma vez em minha direção e retira-se rapidamente da sala de espera. O prefeito, que a esta altura está com cara de quem está perto de enfartar, solta um grito.

— Volte aqui agora mesmo, Mike! — ele ordena ao Dr. Russo. Em seguida, vira-se para mim. — Você não a teria atropelado se ela não tivesse perambulando no meio da noite em uma estrada escura!

Ele realmente vai culpar a vítima? Do que esse prefeito é capaz para evitar pagar uma conta? Puta que o pariu, detesto mentir, mas já vi que terei que elaborar melhor a minha mentira se quiser convencê-lo de uma vez a salvar a vida da desconhecida.

— Acha que algum juiz vai pensar assim depois que vir as fotos de como a *vítima* ficou? — faço questão de frisar a palavra vítima, para ver se consigo sensibilizá-lo. Aí, eu me lembro o que sensibiliza mais o prefeito do que gastos. — Acha que seus *eleitores* vão perdoá-lo quando souberem que o xerife da sua cidade a atropelou e você não liberou a verba para salvar a sua vida?

Se não consegui convencê-lo com as palavras vítima, processo e juiz, certamente mexi em sua ferida quando mencionei seus eleitores.

— Vá antes que eu mude de ideia, Mike — ele diz ao Dr. Russo, que me dirige um olhar de agradecimento.

— Xerife? — alguém me salva de um sermão do prefeito.

É Lucas. Porra, se eu tivesse mais verba, aumentava o salário dele agora mesmo só por me livrar de mais uma discussão sem sentido.

— Tudo sob controle, Lucas? — questiono, aliviado com a mera presença dele.

— Sim, a Sra. Kell está avisada. Mandy já estava dormindo quando cheguei lá.

— Ótimo. Vou dormir algumas horas e volto para cá. Quero falar com a mulher desconhecida assim que ela acordar.

— Por que essa pressa? — o prefeito questiona.

Pelo menos, ele não está mais gritando, seu rosto está quase no tom natural, não mais naquele tom vou-enfartar-a-qualquer-momento, e seus ombros estão menos tensos.

— Talvez ela seja uma foragida da lei — explico.

— De onde tirou isso, McQueen?

— Para mim, todos são culpados de alguma merda antes que eu prove o contrário.

— Não deveriam ser inocentes até que se prove o contrário? — o prefeito insiste.

— Um xerife não se pode dar ao luxo de pensar assim, prefeito.

Jack

Depois de uma noite exaustiva, eu dormi feito uma rocha. Para ser sincero, sempre durmo como uma rocha, nem que seja um cochilo de meia hora. É um dom que adquiri ao trabalhar na SWAT. Ou você se habitua a dormir em qualquer situação, ou não sobrevive um mês.

Outro talento que desenvolvi nos meus tempos de SWAT foi o de acordar quando eu bem entender, por mais que eu tenha ido dormir tarde. Nunca precisei de alarme; meu horário biológico raramente falha.

Por isso, ao abrir os olhos, ainda pesados de cansaço, imagino que deve ser por volta das sete da manhã. Hoje é sábado, então não preciso ir à delegacia, mas quero estar no hospital antes que a mulher misteriosa acorde.

O Dr. Russo me garantiu ontem que, mesmo ocorrendo tudo certo na cirurgia, ela levaria longas horas para se recuperar da anestesia geral que eles lhe dariam. Caso a cirurgia fosse um fracasso e ela não sobrevivesse, eles me ligariam de imediato.

Quando saí do hospital, não fiquei muito preocupado com a possibilidade dela morrer na mesa de cirurgia. Sei que em casos como esse sempre há risco de morte, como o Dr.

Russo fez questão de ressaltar, mas, pela forma que ele falou, fiquei seguro de que ele seria capaz de salvar sua vida.

Assim como eu, Mike Russo foi criado em Blue Lake, acabou construindo sua carreira em Austin, e retornou tempos depois.

Sua mãe, proprietária de um dos maiores ranchos do Texas, descobriu um câncer de mama dois anos atrás, e ele imediatamente abandonou o emprego de cirurgião em um dos hospitais mais respeitados do estado e veio cuidar dela.

Hoje, é cirurgião chefe do Hospital de Blue Lake, que, por conta dele, vem recebendo cada vez mais elogios. Temos muita sorte de contarmos com um médico de alto nível como ele. A maior parte dos médicos com sua formação parte em busca de oportunidades que lhes oferecerão maiores salários e status.

Ele poderia ter feito o que a maior parte dos filhos faria; poderia ter levado a mãe para Austin. Porém, todos sabem que a Sra. Russo ficaria em depressão se deixasse sua querida Blue Lake.

Apenas parou de trabalhar no rancho quando começou a quimioterapia, e seu filho mais velho, Liam, que foi um dos meus melhores amigos na época do colégio, toma conta da propriedade agora.

Mesmo depois de vencer o câncer, a Sra. Russo não retornou à ativa, e passa boa parte de seus dias cuidando de seus queridos cavalos. Segundo Liam, ela apenas não voltou a trabalhar porque Mike ameaça de voltar para Austin caso ela o faça.

Como Mike é seis anos mais novo que eu e Liam, nunca fomos próximos. Eu apenas passei a conhecê-lo melhor quando ele já era o Dr. Russo.

Depois das rendas dos grandes ranchos de cavalos de raça, o turismo em Blue Lake é a segunda maior fonte de renda da cidade.

O único problema do turismo é que os crimes acompanham a chegada de estranhos. Não temos crimes violentos, como homicídios, assaltos ou estupros, mas os furtos estão cada vez mais comuns, especialmente no verão.

Quando retornei a Blue Lake, no ano passado, precisei organizar uma campanha de conscientização, porque a maior parte dos moradores ainda não eram habituados a trancar suas casas ao sair, o que gerou uma onda de roubos de televisores e computadores dentro das residências.

Eles acham um verdadeiro absurdo terem que trancar suas casas no verão. Eu os considero sortudos. Em alguns bairros de Austin, nem mesmo a tranca era suficiente para proteger os moradores. O pessoal daqui reclama de barriga cheia, é o que sempre digo.

Enquanto estou me espreguiçando, ainda aproveitando os últimos minutos de sono, escuto o som de passinhos no meu quarto. Amanda está aqui.

Abro os olhos devagar, e vejo a pequena pessoa virada de costas para mim, seus cabelos cor de mel embaraçados e arrepiados. Ela veste seu pijama favorito, de unicórnios. Tive que comprar três pijamas idênticos, senão jamais conseguiria lavá-los e ela os usaria até estarem marrons de sujeira.

Amanda está colocando adesivos coloridos nas portas do meu armário. Aperto os olhos, tentando enxergar o que exatamente ela está colando, e identifico desenhos dos personagens favoritos dela da Disney, de um filme que já fui obrigado a assistir umas mil vezes, Frozen.

Meu caralho, se já não bastasse eu ter que escutar aquela música, “Livre estou”, umas cem vezes por semana, agora terei que encarar os personagens toda noite antes de dormir e toda manhã ao acordar?

— Mandy, já disse pode colar adesivos à vontade. Mas só no *seu* quarto.

— Seu quarto é feio! — ela rebate, batendo o pezinho minúsculo no chão, e cola mais um adesivo, desta vez, daquele boneco de neve horroroso com uma cenoura no lugar do nariz.

Ela não está tão errada em relação ao aspecto do meu quarto: escolhi a suíte mais simples do rancho, a única dos quatro quartos que nunca foi reformado pelo meu irmão.

A minha suíte ainda tem o papel de parede original, que está descolando em vários lugares e tão desgastado que nem é mais possível distinguir seus desenhos. O armário, a cômoda e a cama de casal são de carvalho, e, como ainda estão em boas condições, decidi que não havia motivos para trocá-los.

Prefiro deixar todo o dinheiro que sobra em um fundo para a faculdade de Mandy. O dinheiro do seguro de vida do meu irmão e minha cunhada foi suficiente para eu quitar a hipoteca do rancho, o que é bom, já que não temos mais nenhuma dívida.

Por outro lado, não sobrou muito para a poupança de Amanda, e quero tentar realizar o sonho do meu irmão de enviar a filha para uma das melhores universidades do país.

Por isso, deixei o quarto como estava; velho, com decoração dos anos 80, e com um leve cheiro de mofo, que não sai, mesmo depois de eu fazer uma dúzia de faxinas. Mas era a melhor opção que eu tinha na casa.

Mal consigo entrar na suíte que Robert dividia com a esposa, e muito menos tenho coragem de dormir lá. E a segunda melhor suíte, que eles também reformaram, fica do lado oposto do corredor, e eu queria ficar o mais próximo possível de Mandy, para o caso dela precisar de mim no meio da noite.

A pequena continua me encarando com ousadia no olhar e o queixo orgulhosamente empinado.

Enquanto a observo, com uma sobrancelha erguida, ela cola mais um adesivo. Desta vez, de um castelo de gelo que acho que pertence à loira que solta neve das mãos.

— Ah, então acha meu quarto feio? — sento-me no colchão, e esfrego os olhos.

Ainda não estou preparado para uma discussão com Mandy, e muito menos para lhe dar um sermão, então vou deixar que ela cole as merdas dos adesivos e depois eu os tiro.

— Blá! — ela responde, com cara de nojo. — Não tem cor! Dá vontade de dormir!

— Mas é para isso que quartos servem, Mandy — tento racionalizar.

— Se continuar assim, nunca vai conseguir uma *namorada*.

Como sempre, Amanda conecta os assuntos mais diversos como se fossem um pensamento coeso. Ela faz esse tipo de coisa, como alguém que compara desenhos animados da Disney com histórias sanguinárias de Tarantino.

Deveria corrigir sua pronúncia; ela ainda tem muita dificuldade de usar o R no meio das palavras. Porém, eu sou o tio policial, e ela tem a tia professora, a Vivi, então vou deixar para ela a tarefa de ajudar Mandy com isso.

— Você sabe o que é uma namorada? — certamente ela não chegou a esse conceito sozinha, ou nos programas de televisão, já que apenas assiste a desenhos infantis no Netflix, e daqueles para crianças bem pequenas.

Ela cola mais um adesivo com força, desta vez de um floco de neve gigante, e coloca as pequenas mãos na cintura, revirando os olhos para o teto de maneira teatral, outra mania que ela certamente não aprendeu em casa.

— Já tenho seis anos, tio Jack — ela comenta seriamente, como se já tivesse sessenta.

— Sei... Foi a tia Clarissa quem disse que eu preciso de namorada?

Clarissa é uma mulher dedicada e uma vizinha adorável, mas sei que ela, por vezes, gosta de fofocar com sua irmã, e as duas juntas sabem de todas as fofocas de Blue Lake.

Às vezes, elas são bem indiscretas, esquecendo-se que crianças da idade de Mandy são como esponjas, sugam todo

tipo de informação, mesmo quando parecem estar distraídas com seus brinquedos.

Na semana passada, Mandy chegou em casa toda animada, comentando que queria brincar como o Sr. Newton. Não entendi porra nenhuma, porque o Sr. Newton é um daqueles homens ranzinhas que mal dá bom dia quando passa.

Aí ela explicou como Clarissa e sua irmã comentavam que o Sr. Newton estava pulando a cerca com a Srta. Lars que, além de ser quase vinte anos mais jovem que ele, é funcionária do salão de beleza de sua esposa.

Claro que Mandy deu um escândalo quando eu lhe proibi de brincar de pular a cerca ou de chamar seus amiguinhos para fazê-lo. E claro que nunca mais consegui olhar para a Sra. Newton nos olhos.

Essa é a merda de se viver em uma pequena comunidade; você acaba sabendo muito mais do que queria sobre os habitantes de sua cidade.

— Eu ouvi a tia *Clarissa* conversando com a irmã dela *sobre* você não ter *namorada*.

Conforme eu havia suspeitado, Clarissa Kell e sua irmã são as fontes dessa história de namorada. Vou ter que conversar novamente com ela sobre o que diz quando Mandy está por perto.

— Ah, e o que mais elas disseram?

— Que você *precisa* *tirar* seu coelhinho da toca, *pala* conseguir *namorada*.

Meu caralho. Bem, pelo menos elas usaram um linguajar inocente, e não disseram algo como *o xerife precisa voltar a usar o pau dele*.

Mal sabem elas que eu uso meu pau. Não tanto quanto na época em que estava em Austin, já que moro com uma criança-adulta que preciso criar.

Porém, quando preciso de alívio, peço a Vivianne, a irmã da minha cunhada e madrinha de Mandy, que fique com ela no final de semana, e vou à caça em bares de cidades vizinhas, porque nem fodendo pego alguém de Blue Lake.

Acho que se passar a noite com uma das mulheres locais, é capaz de Clarissa e sua irmã começarem a fazer os preparativos do casório no dia seguinte.

— Ah, elas disseram isso? — comento, porque não tenho ideia do que dizer em relação a esse comentário.

— Tio Jack, eu *quelo* coelhinho! Posso *tilar* um coelhinho da toca?

Agora entendo por que Robert sempre me disse que pensava colocar Amanda em um convento.

— De jeito nenhum — nem fodendo, nem sobre a merda do meu cadáver! Respiro fundo e continuo; — Só quando você for grande.

— Mas eu sou *glande*! Tenho seis anos! — ela mostra seis pequenos dedos na minha direção, verdadeiramente ofendida, como se eu tivesse acabado de dizer que Frozen é o pior filme de todos os tempos.

— Quando você for mais velha, então.

Ela cruza os braços e me observa com desconfiança.

— Mais velha quanto, tio Jack?

Calculo mentalmente quantos anos ela precisaria ter para eu não querer esfolar vivo o desgraçado que tocar nela.

Se eu fosse sincero comigo mesmo, a resposta seria *nunca no caralho da minha vida*. Entretanto, como quero encerrar logo esta conversa bizarra, decido ser razoável.

— Quando você tiver uns trinta e cinco anos, que tal?

— *Trinta* e cinco anos? Mas aí eu vou estar morta!

— Claro que não, meu amor, tenho trinta e seis e estou muito bem.

— E o papai? — ela pergunta, praticamente me causando um ataque cardíaco.

Merda.

Robert era sete anos mais novo do que eu, o que significa que nem tinha feito trinta quando se acidentou.

Ele e Carly, a irmã mais velha de Vivi, eram praticamente duas crianças cuidando de outra criança. Eles eram pessoas incríveis; dedicados a Mandy e um ao outro, e, apesar da idade, já demonstravam muita aptidão com os negócios.

Eles compraram o rancho logo que se casaram, aos dezoito anos, a um preço irrisório. Foi logo no ano que uma mineradora da região faliu, e eles aproveitaram que muitas pessoas deixaram a cidade para adquirir um pedaço de

terra que hoje, menos de dez anos depois, vale mais que o dobro.

Como a região continua se valorizando, estou esperando o momento certo para vender alguns acres, e conseguir encher ainda mais o fundo de Amanda.

Não tenho tempo nem disposição de criar cavalos no rancho, como Rob havia planejado inicialmente. Por isso, não preciso de tanto espaço.

O acidente de carro interrompeu todos os planos deles. Queriam ter mais dois filhos. Queriam se tornar o segundo maior rancho de cavalos do Texas, depois dos Russo. Queriam tantas coisas, mas não conseguiram viver para realizá-las.

Estranho como o destino é cruel. Robert sempre foi um cara responsável, que detestava o perigo. Ainda assim, morreu antes de mim.

Eu, que ganho a vida me arriscando, que jamais planejei como seria meu futuro, e tive apenas um casamento péssimo que mal durou seis meses, ainda estou aqui.

Não tenho ideia do que dizer a Amanda. Seus olhos castanho-claros ficam marejados, e seu lábio inferior começa a tremer. Porra, Jack, diga alguma coisa! Qualquer coisa!

Olho em volta no quarto, tentando achar alguma distração para Mandy, quando vejo o relógio. Ao contrário do que eu imaginei, não acordei no horário que queria. Já passa das nove da manhã.

— Ah, caralho do inferno! — eu digo a pior coisa possível.

Porra, quem sou eu para reclamar de Clarissa fofocar na frente de Amanda se eu nem consigo deixar de xingar como um pirata com ela por perto?

Pelo menos, meu xingamento a distrai da nossa conversa sobre seu pai. Ela arregala os olhos e coloca o dedo na boca, como se considerando as minhas palavras nada sutis.

— O que é *calalo*, tio Jack? — ela enfim pergunta.

Porra. Merda. Puta que o pariu.

— O tio Jack falou coelho, Mandy — tento disfarçar.

Pelo visto, piorei ainda mais a situação, porque ela começa a chorar.

— O que foi, Mandy? — eu a puxo para os meus braços e a coloco no colo.

Será que ela voltou a pensar na morte do pai?

— Tio Jack, *tila* o coelhinho do inferno!

Eu sou um completo imbecil mesmo. Por que disse que era coelho do inferno? Poderia ter dito que era um caranguejo do inferno. Mandy provavelmente nem sabe o que é um caranguejo.

— Não se preocupe, vou tirar agora mesmo o coelhinho do inferno, está bem?

— *Jula*? — ela pergunta, entre soluços.

Seco suas lágrimas e digo mais uma mentira.

— Juro, meu amor. Vou te deixar com a tia Vivi para eu poder ajudar o coelhinho, pode ser?

Ela abre os bracinhos e os coloca em volta do meu pescoço, e planta um beijo no meu rosto.

— *Obrigada*, tio Jack. Você é o melhor tio do mundo.

Jack

O trajeto até a casa de Vivi foi sofrido. Como Mandy ainda estava vulnerável com a história do coelhinho no inferno, e eu estava me sentindo um merda por ter deixado a conversa seguir um rumo tão idiota, acabei cometendo o erro de deixar que ela ligasse o rádio e colocasse a música que ela queria.

Adivinha que música ela escolheu? *Livre estou*. Depois de ouvir esta mesma merda de música umas cinco vezes, pedi encarecidamente que ela escolhesse outra. Aí, ela colocou a trilha sonora inteira de Frozen. Puta que me pariu. Estou no inferno astral de Disney.

Quando chego na casa de Vivi, já estou prestes a partir no meio o rádio do carro, até ver a cara de felicidade de Mandy. Ela abre um sorriso enorme, me agradece por deixá-la ouvir suas músicas favoritas, e sai correndo para abraçar a tia.

Porra, agora entendo os pais que mimam seus filhos. É bem provável que eu aceitaria me vestir como a princesa de gelo do filme se Mandy me pedisse. Espero que ela nunca peça. Depois de abraçar Vivianne, Mandy corre para dentro da casa, chamando por Bolota, a cachorra dela.

Vivi me espera do lado de fora, e, pela sua expressão, sei que já soube da mulher misteriosa. Ainda não contei nada a Amanda para não assustá-la. Depois do fiasco do coelhinho, achei que a minha melhor estratégia era calar a merda da boca.

— Jack — ela me dirige um olhar preocupado. —, ouvi falar do acidente.

— Não se *pleocupe*, tia — Amanda grita da sala, já ajoelhada no chão, fazendo carinho atrás das orelhas de Bolota. — O tio Jack vai resolver o acidente. Ele vai *tilar* o coelhinho do inferno.

— Ah, meu cara... — começo a dizer, mas, desta vez, seguro a língua. — Meu caracol.

Pronto. Caracol é um animal seguro, não é? Provavelmente, Amanda nem vai se importar que eu disse caracol.

— *Calacol*? Você tem um *calacol*, tio Jack? — puta que o pariu, eu realmente não entendo nada de crianças.

— Sim — respondo, pensando em alguma desculpa. —, o caracol vai me ajudar a resgatar o coelhinho. Tenho que ir, meninas.

Preciso sair daqui antes que Mandy me obrigue a dizer mais alguma merda. Vivianne me dirige um olhar desconfiado, indicando que terei que me explicar depois. Bem, inventarei alguma desculpa durante o dia.

Claro que Amanda estraga minha estratégia. Essa criança é uma terrorista, juro pelo que há de mais sagrado.

— Tia Vivi, o tio Jack disse que eu posso *tilar* o coelhinho da toca quando eu tiver *tlinta* e cinco anos!

Meus. Testículos. Fritos.

— Que legal! — Vivi comenta com animação, mas sei que está apenas disfarçando na frente de Mandy. — Sabe o que mais é legal, Mandy?

— O quê?

— Comprei um livro de colorir para você! Está no escritório da tia Vivi.

— Oba! — ela sai correndo, deixando-nos a sós.

Fodeu.

— O que foi isso? — ela me questiona, uma sobrancelha levantada.

Apesar de ser bem mais nova que eu, muitos centímetros mais baixa, e vários quilos mais leve, Vivianne nunca se sentiu ameaçada por mim. Se minha profissão me deixou com um jeito ameaçador, a dela a deixou com postura de Malévola.

Ela é professora do primário. Precisa controlar as crianças e pior: precisa lidar com os *pais* das crianças. Segundo Vivi, na maioria das vezes, os pais dão muito mais trabalho que os filhos.

Sei que sua lógica se aplica a mim, já que ela passa boa parte do tempo em que estamos juntos me dando sermões sobre como não posso xingar na frente de Mandy.

— Nem queira saber — digo, porque não quero levar outro sermão agora e já estou atrasado para cacete.

— E que história é essa que você atropelou uma mulher na estrada?

Ah, por essa eu já esperava. Certamente, foi a história que Lucas contou a ela.

Meu policial e a madrinha de Mandy estão namorando há uns seis meses. Eu já o ouvi dizer que ele está louco para pedi-la em casamento, mas ela sempre desconversa quando pergunto a ela quais são seus planos para o futuro.

— Precisei mentir para o prefeito autorizar o pagamento da cirurgia dela — explico.

Se eu não estivesse com tanta pressa para sair, teria achado a expressão dela cômica. Vivi me encara com olhos arregalados e boquiaberta.

Sério que ela não esperava isso do prefeito? Ela é professora de escola pública e, por isso, também é funcionária da prefeitura. Sabe exatamente o que eu sofro.

— Lucas me garantiu que era esse o caso, mas eu não consegui acreditar que o prefeito seria capaz de aprontar uma dessas.

— Vivi, ele já se recusou a te dar uma verba para comprar lápis de colorir — eu a recordo. — Sério que você não acredita que ele faria algo assim?

— Mas isso é uma cirurgia, Jack. Lápis de colorir não mata ninguém.

— Você pediu só cinquenta dólares em lápis, Vivi! — insisto, porque a pão-durice do prefeito não deveria assustar mais ninguém.

— Eu sei, eu sei. A titia sempre morre de vergonha com essas histórias.

A tia de Vivi e Carly é a esposa do prefeito. Ao contrário dele, entretanto, ela é uma mulher muito mais racional quando o assunto é despesa.

Soube que a Sra. Morland teve uma briga bem pública com ele quando o marido se recusou a comprar seis computadores para a biblioteca. Parece que ela teve até de ameaçá-lo de divórcio.

— Bem, pelo menos ele não é corrupto — considero. — Isso já é um milagre por si só, nos dias de hoje.

No fundo, sei que eu não teria aguentado trabalhar como xerife de uma cidade que eu sabia ser mal administrada. Podemos reclamar de muita coisa do prefeito, mas ele jamais tomaria um centavo sequer que não fosse dele.

Uma vez, ele fez um reembolso para a delegacia de cinco dólares porque acabou levando acidentalmente uma das canetas BIC da gente.

— Verdade... — ela concorda.

— Preciso ir, Vivi. Obrigado pela ajuda.

— É sempre um prazer, Jack. Se cuida, tá? Você está com olheiras de novo.

— Não tive meu sono de beleza esta noite.

Ela revira os olhos para mim, exatamente como Mandy faz.

Ah, então e não posso xingar na frente da pequena, mas ela pode lhe ensinar a ser insubordinada. Parece que Vivianne vai levar um dos meus sermões desta vez. Só não será agora.

*

— A cirurgia foi um sucesso. Ela está no segundo andar, no primeiro corredor à esquerda, xerife — a enfermeira responde quando lhe pergunto sobre a desconhecida.

Aceno uma vez e subo até o andar certo de escada.

Em primeiro lugar, não curto muito elevadores desde que fiquei oito horas preso dentro de um com quatro marmanjos em uma de minhas missões na SWAT. Em segundo lugar, evito elevadores de hospitais, porque sinto que estou pegando o lugar que poderia ser de um paciente que precisa muito mais da carona do que eu.

Além do mais, é uma boa forma de fazer exercício. Mantenho uma rotina de musculação pelo menos três vezes por semana, mas não consigo malhar como nos meus dias de SWAT, então aproveito todas as oportunidades que tenho.

Depois de me identificar na recepção do segundo andar, encontro rapidamente o corredor indicado, e passo pelos três quartos que há neles. A recepcionista da entrada havia me dito que a mulher misteriosa estava no quarto 205, mas ela certamente se enganou.

No quarto 205 há uma mulher jovem que mais parece uma modelo. Muitas delas são contratadas para tirar fotos

aproveitando os belos cenários que Blue Lake tem a oferecer. Isso ou ela é uma celebridade visitando a cidade.

De uma forma ou de outra, certamente não é a pobre coitada que eu salvei ontem, que mais parecia uma moradora de rua.

Procuro nos outros dois quartos do corredor, mas tampouco podem ser ela. No 202, há um idoso que está com a perna engessada; no 204, há um adolescente que está enfaixado dos pés à cabeça, parecendo uma maldita múmia.

Seus pais estão aos berros com ele, explicando por que ele não deveria ter usado seu skate para descer as escadas da casa.

Volto para o quarto 204 para dar uma segunda olhada. Não, não pode ser ela.

A mulher que vejo é uma beldade, e, tirando alguns arranhões no rosto e no braço, não parece muito machucada. A mulher que salvei ontem estava com o rosto coberto de sangue, o que indica que tinha ferimentos profundos na face.

Essa mulher deve ter caído enquanto tentava fazer uma trilha de saltos altos. Juro que isso já aconteceu em Blue Lake. Três vezes.

Vou até a recepção do segundo andar.

— Oi, sabe onde está a mulher que eu trouxe ontem? A que está sem identidade?

Ela tecla rapidamente no computador, e procura durante alguns segundos.

— Ela está no quarto 204, xerife — ela responde com um sorriso cansado.

— Não, quem está no 204 é uma tal de Aurora Jones — repito o nome que li na porta do quarto.

Por sinal, se Aurora não for daqui, eu vou chamá-la para sair assim que ela acordar.

— Então, é ela — ela nota a minha expressão confusa, porque eu saberia se tivessem descoberto a identidade dela, então explica: — Soube que o senhor pediu que criássemos uma identidade para ela.

— De onde diabos tiraram o Aurora?

Jones é um sobrenome bem comum, mas Aurora é bastante... Peculiar.

— Foi uma das enfermeiras que sugeriu. Ela está em coma, como a Bela Adormecida.

— Coma?

— Sim, xerife.

Outra pessoa pede uma informação à recepcionista, então eu retorno à sala 204. Sei que a desconhecida não esboçava qualquer reação, mas achei que havia desmaiado por causa da queda. É ela. A mulher misteriosa é a mulher que eu confundi com uma modelo.

Porra, ontem eu estava achando que ela era uma moradora de rua perdida no meio do nada, ou uma vítima de sequestro, e alguns segundos atrás eu estava pensando em ter uma aventura de uma noite com ela, acreditando

que se tratava de uma modelo. Como o mundo dá voltas e muitos tapas na cara.

Abro a porta do quarto 204. Aproximo-me da cama estreita. Olho para os aparelhos conectados a Aurora, mas não entendo porra nenhuma. Pelo menos, ela não está precisando de máquinas para respirar, então já é alguma coisa. Melhor que nada.

Observo seu rosto e, quase que instintivamente, toco sua mão. Imediatamente, um dos aparelhos começa a bipar forte. Mesmo não entendendo nada de hospitais, sei que isso indica que seu coração acelerou.

Poucos segundos depois, uma enfermeira entra no quarto, e a examina. Eu me afasto de Aurora e, tão rapidamente como acelerou, seu coração volta ao normal.

— O que houve, xerife? — a enfermeira parece aliviada com a melhora repentina.

— Não sei, disparou de repente. Será que ela está acordando?

A enfermeira olha todas as máquinas, examina Aurora e, não se dando por satisfeita, chama um médico de plantão para fazer outros testes.

— Ela ainda está em coma — o médico explica. — Mas pode estar se recuperando. Esta é a primeira vez que Aurora reage.

Aproveito a presença do médico para tirar algumas dúvidas, sem conseguir arrancar os olhos do rosto delicado, e dos lábios rosados.

Porra, eu sou um cretino mesmo. Como posso estar pensando em beijar esses lábios quando a pobre mulher está em coma e pode nem sobreviver?

— Eu... Achei que ela tivesse se machucado mais. Mas ela nem parece que sofreu uma queda séria.

— As roupas que ela estava usando eram de um tecido grosso, então protegeram um pouco seu corpo durante a queda — ele explica. — Mesmo assim, ela está coberta de arranhões e hematomas.

— Mas seu rosto... Ele estava coberto de sangue.

E agora havia apenas pequenos cortes.

— Achamos que ela usou os braços para proteger o rosto — ele explica. — O sangue que o senhor viu veio da parte posterior da cabeça dela, onde ela teve uma ferida muito profunda. Precisou de muitos pontos.

Ele aponta para a parte de trás da cabeça de Aurora. Inclino-me um pouco e noto que parte dos cabelos castanhos e cacheados foram raspados, e há um grande curativo.

— Quando ela vai acordar? — pergunto.

— Ela estava em um coma profundo, mas os novos exames indicam que ela está em um coma intermediário.

Não entendo muito de comas, mas, pela forma que ele fala, não parece ser algo superficial. Pelo menos, não está em coma profundo, o pior tipo.

Minha cunhada Carly ficou em coma profundo depois do acidente durante quatro dias, antes de falecer.

Os médicos tinham dito que ela tinha menos de quinze por cento de chance de sobreviver, mas eu e Vivi não perdemos a esperança até o último instante.

— O que isso significa, em termos práticos? Podem prever quando ela vai acordar?

— Infelizmente, não. Pode durar dias, ou meses... Há a chance de ela não acordar, mas, como ela já começou a reagir, creio que as chances são menores.

— E quando acordar, terá sequelas?

Ela é linda, mas ainda quero saber o que diabos aconteceu para ela estar no meio do nada, sem documento, sem carro, sem bolsa ou nada que pudesse identificá-la.

— Esperamos que não. Mas apenas saberemos quando ela acordar. Ela teve traumatismo craniano.

— Ela parece estar tão bem... — comento, e toco novamente sua mão, que está morna. — Nem está fria e...

As máquinas voltam a bipar rápido.

— Que estranho — o médico diz ao avaliá-la. — Ela parece reagir ao seu toque.

Sei que parece estória bizarra de filme brega, mas eu também reagi ao toque dela. Porra, fiquei arrepiado dos pés à cabeça, como se tivesse recebido um choque.

— Tenho que ir — digo, porque não quero causar um ataque cardíaco na mulher. E também porque fiquei assustado pra caralho com essa história. — Por favor, me avise se houver alguma alteração.

Jack

Hoje faz exatamente uma semana desde que eu encontrei Aurora caída em uma estrada de terra que liga Blue Lake a alguns ranchos.

Se houvesse alguma pista sobre de onde diabos ela saiu, não deveria ser difícil de encontrar, já que há poucas casas e estradas nas proximidades.

Ainda assim, nós achamos exatamente nada. Merda nenhuma. Zero indícios que poderiam nos ajudar a descobrir a verdadeira identidade de Aurora.

Fui visitá-la ontem pela segunda vez. Não sei exatamente o que eu estava esperando, mas, por algum motivo, eu senti a necessidade de vê-la. Passei os primeiros cinco minutos da visita me xingando de infinitos nomes porque eu fiquei com uma vontade louca de tocá-la.

Aí, no sexto minuto, eu segurei a sua mão. Assim como aconteceu na primeira vez que a vi, a máquina que controla seus batimentos cardíacos começou a bipar como se fosse o apocalipse. Os médicos me explicaram que ela ainda estava se recuperando da cirurgia na cabeça, e estava reagindo mais a cada dia.

Entretanto, seu coração apenas acelerava daquele jeito quando eu a tocava. A enfermeira que estava presente me lançou um sorriso sonhador, como se eu e Aurora fôssemos parte de um conto de fadas brega de final feliz.

Na minha experiência com relacionamentos amorosos, se o casal está feliz, é porque a história ainda não acabou.

De qualquer maneira, perguntei à equipe médica se havia alguma informação sobre ela que pudesse nos ajudar a identificá-la.

Eles disseram que Aurora se mexia bastante quando ouvia alguns tipos de música, especialmente rock clássico dos anos oitenta, e jazz de Nova Orleans, o que me diz que ela tem bom gosto musical, porém não é uma pista utilizável nas investigações.

Porra, estou quase furando a parede do meu escritório a cabeçadas. Não tenho ideia do que mais posso fazer. Não tenho muitos homens para investigar o assunto, mas sei que eles estão fazendo tudo o que podem.

Eu também estou me matando para conseguir descobrir qualquer coisa, por mais banal que seja; estou usando todos os meus contatos da época da SWAT.

Já pesquisando as listas de desaparecidos de todo o estado do Texas, verificamos também com as delegacias de praticamente toda a região se eles sabem quem ela é, falamos com hotéis e pousadas das redondezas, a fim de saber se ela é uma hóspede, pedimos às autoridades aeroportuárias para checarem se ela pode ter chegado ao Texas pelos aeroportos de Dallas, Austin ou Houston.

Estou no meu escritório, terminando de ler mais um e-mail de uma delegacia da cidade vizinha, que acaba de nos

avisar que, apesar de terem conversado com diversos comerciantes e donos de bares, restaurantes e hotéis da cidade, ninguém conseguiu identificá-la.

Merda. Odeio ficar sem opções, e estou chegando perto disso. Se não tivermos mais a quem perguntar no Texas, vamos precisar começar as nossas buscas nos estados vizinho, e isso pode se tornar um buraco negro.

De repente, lembro-me de um favor que pedi a um amigo do FBI. Saio da minha sala e me dirijo ao espaço principal da delegacia, onde quatro policiais estão trabalhando no momento.

— O meu amigo do FBI já nos deu uma resposta?

Decerto, a base de dados deles é infinitamente melhor que qualquer base do Texas, seja para foragidos da lei ou para pessoas desaparecidas, então enviamos as digitais dela e uma foto que tiramos no hospital.

Eles têm até mesmo um programa de reconhecimento facial, e o meu amigo me garantiu que rodariam a foto no sistema para ver se conseguiam encontrar alguma correspondência, caso as digitais não dessem resultado.

— Sim — Lucas é quem responde —, e eles não têm qualquer correspondência com as digitais dela.

— Ela não tem histórico criminal com eles e nunca saiu do país, senão conseguiríamos descobrir sua identidade pelo passaporte — John complementa.

Tiro o chapéu e passo a mão pelos cabelos, começando a ficar desesperado. Há tantas merdas em potencial nesse caso que nem sei por onde começar.

Se não descobrirmos quem ela é, não conseguiremos avisar à família, e ela pode ter pais, irmãos e até mesmo filhos que estão desesperados à sua procura. Por enquanto, prefiro fingir que ela não tem marido ou namorado.

Outra hipótese é como ela estará ao acordar. Os médicos acreditam que ela acordará em breve, já que se coma está melhorando a cada dia.

Porém, eles já me alertaram que existe a forte probabilidade de Aurora ter problemas de memória, já que teve uma queda grave e fez uma cirurgia bastante invasiva na cabeça.

O que faremos se ela acordar e não se lembrar quem é? Quem se responsabilizará por ela? Onde ela ficará? Porra, se continuar nessa linha de pensamento, vou enlouquecer. Prefiro me distrair com mais perguntas.

— E ninguém na cidade se lembra dela?

Sei a resposta, porque meus policiais passaram a última semana falando com praticamente todos os moradores de Blue Lake, mas, como eu já mencionei, estou à beira do desespero.

— Não — eles replicam em uníssono.

— Nem nos ranchos próximos?

— Falamos com todo mundo, xerife — Lucas comenta, e vejo em sua expressão que ele está tão incomodado quanto eu com esse mistério. — Ela nunca esteve em Blue Lake.

— Não necessariamente — comento. — Podem não se lembrar dela.

— Como alguém não se lembraria de uma mulher que parece ser modelo da *Victoria's Secrets*? — Douglas, o policial mais antigo da delegacia, comenta com um sorriso maroto.

Sinto meu sangue ferver de raiva, e não faz qualquer sentido. Sei que Douglas não fez o comentário para desrespeitar Aurora, e eu nem a conheço. Porra, nem sei qual é o nome dela!

Por que então estou sentindo uma vontade quase irresistível de socá-lo para arrancar aquele sorriso da cara dele?

— Você não percebeu que Aurora é uma gata, xerife? — John pergunta em tom de brincadeira, levantando uma sobrancelha.

— Percebi é que ainda não sabemos nada sobre ela — rosno de volta, e todos eles ficam sérios de uma vez.

— Sabemos alguma coisa, sim — desta vez, quem diz é a única mulher do grupo, Janice. Ela é durona e a única que não tem medo de me peitar. Ironicamente, é um dos motivos para ela ser uma das minhas melhores policiais: quando eu não estou sendo razoável, ela me coloca em meu devido lugar. Por isso, sei que vem bomba. — Eu soube que Aurora gosta que o xerife toque nela.

Todos eles, até mesmo a nossa secretária, Sherry, que deve ser uma das maiores conservadoras do estado do Texas, gargalham do comentário de Janice. Valeu, Janice. Diga adeus ao seu aumento deste ano.

Que não aconteceria de qualquer forma porque o prefeito já ameaçou de cortar do nosso orçamento o que ele gastou na cirurgia de Aurora.

— Ah, xerife, me toca mais um pouquinho — Lucas faz uma vozinha feminina.

— Oh, xerife, que mãos quentes — John entra na merda brincadeira, provavelmente sem perceber que estou com a mão na minha arma e pensando seriamente em atirá-la contra sua cara.

— Chega, porra! — rujo, e eles finalmente se calam. — Como vocês estão sabendo disso?

— A cidade inteira já sabe — Janice me explica. Ah, merda. — Aurora nem acordou e todas as mulheres solteiras já estão com inveja dela.

— Menos a Vivi — Lucas comenta.

— Vamos parar com essa fofoca ridícula? — Ordeno, porque nem fodendo vou falar para eles que não foi só Aurora quem reagiu quando minha pele tocou a dela. Na verdade, estou evitando ao máximo pensar nisso. — Precisamos encontrar alguma coisa. Qualquer coisa que nos ajude a descobrir quem ela é.

— Vamos olhar hoje algumas estradas secundárias próximas à encosta de onde ela caiu — Janice afirma em seu tom profissional.

— Posso falar também com o pessoal que trabalha na estação rodoviária de Burnet — Lucas sugere.

Posso ter poucas pessoas na equipe, mas cada um deles vale por ao menos três bons policiais. Somos poucos, mas somos completamente dedicados ao nosso trabalho. Gostei das sugestões de ambos, apesar de não achar que vá dá resultados.

Nós já verificamos as estradas secundárias no dia seguinte ao acidente. E Burnet não é próxima o bastante para Aurora ter vindo a pé. De qualquer maneira, é melhor do que desistir.

Continuo ouvindo as sugestões deles, e fazendo as minhas, quando Sherry nos interrompe:

— Xerife, o hospital acabou de ligar. Aurora acordou.

*

— Não será possível falar com ela, xerife.

Meia hora atrás, o hospital ligou para a delegacia e avisou que Aurora está acordada. O que eu suponho disso? Que ela já está disposta a me receber. Porra, se ela ainda não pode falar, por que eles me avisaram então, cacete?

— Como assim, não posso falar com ela? — questiono, mas na verdade quero é mandar o enfermeiro que me atende à merda.

Ele acha o quê, que sou um desocupado que não tenho o que fazer? Vim correndo que nem um maluco para finalmente conhecê-la e... Digo, vim correndo porque é urgente que descubramos quem ela é. Não quero vê-la por motivos pessoais. Apenas profissionais.

Ah, merda. Mesmo na minha mente isso soou como uma mentira ridícula. Pois eu preciso é deixar de me comportar como um maldito adolescente e terminar logo a merda deste caso e passar para o seguinte.

Aurora provavelmente irá embora assim que tiver alta e eu nunca mais a verei. Se tem uma coisa que sabemos sobre ela, é que não é de Blue Lake.

— Ela ainda está em recuperação, xerife.

Ah, jura? Achei que ela estivesse no caralho do hospital porque gosta da comida com gosto de merda de cachorro! Respiro fundo, seguro a maldita língua, e pergunto pacientemente. Talvez não pacientemente. Mas, pelo menos, eu não rosno, o que já é um avanço.

— Se eu não posso falar com ela, por que me ligaram então?

— Porque o senhor pediu para avisarmos caso a situação dela mudasse.

Ah, verdade. Ainda assim, nem fodendo perderei a viagem.

— Preciso falar com ela *agora*. Não conseguimos identificá-la ainda.

Ignoro os chamados do enfermeiro e entro no corredor onde fica o quarto de Aurora. Ouço seus passos apressados atrás de mim, mas, como sou maior e mais ágil, chego ao quarto antes dele.

— Não sei se ela conseguirá ajudá-lo, xerife — ele grita atrás de mim, tentando me alcançar.

— Claro que vai. Apenas preciso falar com ela um minuto — digo por cima do ombro e abro a maçaneta da porta.

— Xerife! — o enfermeiro me chama uma última vez, antes de eu entrar no quarto e fechar a porta atrás de mim.

Coloco meu próprio corpo contra a porta para ele não conseguir entrar. Preciso de alguns momentos de privacidade com ela. Por causa da investigação, claro.

Continuo mentindo mal pra caralho.

Enquanto o enfermeiro bate enlouquecidamente à porta, levanto a cabeça e dou de cara com um par de olhos verdes que me observam com uma intensidade que me deixa arrepiado. Porra, estou a metros de distância dela e é como se ela conseguisse me tocar com o olhar.

Há desconfiança em seus olhos, além de curiosidade, mas não há medo. Não sei se é porque ela já percebeu, pelos gritos desesperados do enfermeiro, que sou o xerife, ou se é porque ela se lembra de mim.

Que ideia é essa? Claro que ela não se lembra de mim. Porra, ela estava em coma nas três vezes em que eu estive com ela. Se ela já era atraente quando estava dormindo, acordada ela é fascinante.

Seus olhos são inteligentes, observadores, e ligeiramente tristes. Talvez ela seja mesmo vítima de sequestro. O Dr. Russo me garantiu que não encontraram qualquer sinal de estupro, mas ela pode ter sido sequestrada por outros motivos que não sexuais.

Estou analisando o resto de seu corpo, quando ela limpa a garganta e meus olhos voltam a encarar os seus.

— Sou o xerife Jack McQueen — apresento-me. — Posso fazer algumas perguntas?

— Xerife, pode deixar a paciente nervosa — o enfermeiro pentelho insiste do outro lado da porta.

Meu caralho, vou pedir ao meu pessoal para ligar para ele e inventar alguma desculpa para levá-lo à delegacia. Civis morrem de medo de irem à delegacia.

— Só quero saber seu nome — grito para a porta, porque não quero que ele chame os seguranças aposentados e arme uma confusão geriátrica aqui.

— Não posso ajudá-lo, xerife — Aurora diz.

Caralho. Ela tem uma voz grossa. E sexy. Como daquelas cantoras de jazz e blues que ela tanto aprecia. Sua voz está levemente rouca, o que a deixa ainda mais sensual, mas pode ser efeito do tempo que ela passou desacordada.

— Por que não pode me ajudar, senhorita? — questiono, ao me lembrar da razão para estar aqui.

— Porque não sei qual é o meu nome.

Jack

Ah, merda. Ela não se lembra do próprio nome? Tiro meu peso da porta e caminho até a cama dela. O enfermeiro entra atrás de mim, e me lança um olhar indignado.

— Eu avisei ao senhor — ele reclama. — Ainda estamos chamando a paciente de Aurora.

— Não se lembra de onde é? — questiono.

— Não — ela diz e balança a cabeça para confirmar a resposta.

— Ou quem são os seus pais?

— Não, xerife — o olhar dela baixa. — Nem sei se ainda tenho pais.

— Não sabe se é foragida da polícia?

Os lasers verdes me encaram com indignação. O enfermeiro está com a mesma expressão da figura de O Grito, de Edvard Munch, também conhecido como o *emoji* aterrorizado. Porra, sou xerife. É o meu trabalho fazer perguntas incômodas.

Aurora passa longos segundos me observando, provavelmente considerando sua resposta. Ela demora tanto para responder que começo a pensar se ela não é mesmo uma criminosa, e toda essa história de amnésia é balela para fugir da polícia. Criminosas lindas como ela são conhecidas por usar sua beleza para manipular a polícia.

— Está me acusando de algo? — ela enfim responde, sua voz ficando ainda mais rouca.

Sinto as entranhas apertando de desejo ao imaginar aquela voz gritando o meu nome enquanto estou enterrado dentro de Aurora. Ah, porra! Preciso me concentrar.

— Talvez eu esteja — respondo.

— Neste caso, quero um advogado.

— Exatamente o tipo de coisa que uma foragida da lei pediria — provoco.

— Vai me prender? — ela me provoca de volta, empinando o nariz aristocrático.

Porra, deveria estar concentrado em questioná-la, ao invés disso, não consigo parar de pensar em como seria ter essas longas pernas em volta da minha cintura. Mexo-me um pouco para ajeitar a calça, que está ficando apertada por causa da ereção.

— Ainda não — uso meu tom mais ameaçador, que faz o enfermeiro encolher, mas ela nem se mexe. Continua com sua expressão arrogante e o narizinho de boneca empinado.
— Mas, assim que tiver alta, vou levá-la à delegacia.

Um dos cantos de seus lábios curva para cima, em um meio sorriso sarcástico e absolutamente arrebatador. Por

pouco, meu pau não arrebenta o zíper.

— Engraçado o xerife jogar tantas acusações, já que ouvi dizer que posso processá-lo. — Ah, merda, será que ela notou a minha ereção? — Soube que me atropelou.

Sinto o alívio percorrer minhas veias. Então é isso. Ela escutou a história oficial e, como estava em coma, não sabe o que realmente aconteceu.

Não que eu deva explicações a ela - na verdade, é Aurora quem me deve um belo agradecimento - mas decido esclarecer qual foi a minha participação em seu acidente.

— Salvei a sua vida.

— Depois de me atropelar — ela complementa.

Mulher mais insolente. Aurora merece que eu a coloque sobre o meu joelho e lhe dê uns bons tapas na sua bunda. Ela tem a maior cara de quem tem uma bunda gostosa e durinha.

Caralho, Jack, seja mais profissional! Senão ela vai te processar mesmo, mas será por assédio sexual!

— Não a atropelei — minha voz sai mais dura do que eu pretendia, mas ela está rouca por causa da mistura de tesão e frustração sexual, não de raiva. — Inventei isso.

— Ah, foi? — ela cruza os braços. — Mas é isso que está registrado em todos os relatórios médicos.

O que ela quer dizer com isso?

— Isso é uma ameaça? — questiono, já sentindo o tesão ser substituído por irritação.

Ah, mas ela realmente merece umas boas palmadas. Depois uma pica bem dura na boceta.

Apaga essa segunda parte. Sou profissional. Preciso investigá-la, não imaginá-la nas posições do *kama sutra*.

— Acho que ir à delegacia é uma boa ideia. Afinal de contas, tenho um atropelamento a reportar.

— Ah, sua...

— Tem mais alguma pergunta, xerife? — ela me interrompe, o que é ótimo, porque com o que eu diria ela teria muito mais a reportar.

Engulo os xingamentos e a vontade de acabar com o espaço entre nós e fodê-la com a boca até ela engolir suas ameaças.

Olho para o enfermeiro; ele está segurando a gargalhada. Noto, pela porta entreaberta, que há outros funcionários do lado de fora do quarto observando a cena. Quando eu escancaro a porta, eles fingem estar ocupados e se afastam do corredor.

Perfeito. Em uma hora, Blue Lake inteira saberá que o xerife foi ameaçado por uma garota que nem sabe o próprio nome. Porra, ninguém ousa falar assim comigo na cidade. Digo, até agora.

— Volto depois — digo a ela em tom de aviso. Ela apenas levanta uma sobrancelha, como se dissesse que não está nem um pouco preocupada. Volto a minha atenção ao enfermeiro. Ele, pelo menos, parece ter medo. — Não deixe que ela saia deste hospital sem a minha autorização.

Não consigo tirar aquela mulher da cabeça pelo resto do turno. Quando Lucas e John chamam o pessoal da delegacia para ir com eles a um bar da cidade, eu decido acompanhá-los para ver se consigo me distrair.

Claro que o primeiro assunto que eles abordam no instante em que nos acomodamos em banquetas no bar é Aurora e o fato dela ter acordado. Eles querem saber o que aconteceu; nem fodendo eu vou falar no assunto.

Já é ruim o suficiente saber que a cidade inteira saberá da nossa discussão e não falará de nada além disso pelos próximos dias. Se eu tiver sorte, até a semana que vem acontecerá algum novo evento que mudará o foco do pessoal de Blue Lake.

Depois de notarem que meu repentino mau humor está relacionado a Aurora, eles mudam de assunto e passamos a conversar sobre amenidades.

Fico relaxado, até notar uma mulher de costas para mim, com longos cabelos castanhos encaracolados.

Penso que se trate de Aurora, e fico puto da vida. Eu avisei ao enfermeiro que não a deixasse sair até eu lhe dar minha expressa autorização. Poucas horas mais tarde e ela já está em um bar e ninguém me ligou?

Pego o celular no bolso, e começo a procurar pelo número do hospital. John e Lucas avisam que estão indo embora, mas eu lhes digo que ainda preciso resolver uma coisa.

O telefone toca algumas vezes, até, finalmente, uma mulher com um tom monótono atender.

— Exijo falar com o Dr. Russo neste momento — estou praticamente rosnando. — Quero saber exatamente por que ele liberou...

Eu me interrompo quando a moça dos cabelos castanhos vira o rosto em minha direção.

No lugar dos olhos intensos e verdes, vejo apenas olhos castanho normais. Porra, depois de Aurora, todos os pares de olhos serão normais e sem graça.

Desligo o telefone na cara da enfermeira, sem me dar ao trabalho de me identificar. A moça dos olhos castanhos-normais nota que eu a encaro, e suas bochechas ficam levemente rosadas.

Ela tem os mesmos cabelos de Aurora, a mesma altura, o mesmo tom de pele. Porém, no resto, é diferente.

Ela tem traços delicados, mas não são tão elegantes quanto os da outra. Tem também lábios bonitos, mas não são vermelhos e carnudos como os de Aurora. Seus olhos, apesar de bonitos e atentos, não possuem a sensualidade, o sarcasmo e a inteligência dos dela.

Ainda assim, sinto meu pau ficando duro ao me imaginar fodendo esta belezinha de quatro, agarrando seus cabelos como eu desejava fazer com a mulher com quem eu a confundi. Talvez, se eu foder uma, paro de pensar na outra.

Sei que é uma péssima ideia. Por vários motivos.

Em primeiro lugar, é doentio transar com uma enquanto penso na outra. Em segundo lugar, desde meu retorno a Blue Lake, sempre tentei me manter afastado das mulheres da cidade. Busco minhas companhias noturnas nos arredores. Por último, eu vim aqui para não pensar em

Aurora, e não para visualizá-la enquanto encaro outra mulher.

Aí, ela sorri para mim, e todos os meus porquês desaparecem. Seu sorriso é autêntico e sensual pra caralho. Pergunto ao garçom se ele conhece a garota dos olhos castanhos, e ele explica que ela sempre vem ao bar. Comenta qual é o seu nome, mas eu não o escuto.

Peço a ele mais uma cerveja - já deve ser a minha quinta, então estou começando a ficar meio alto - e o que quer que ela curta beber. Ele me entrega meu pedido e um drinque colorido, desses que mulheres curtem em filmes.

Caminho até ela e, como se tivessem deixado tudo combinado previamente, suas duas amigas se afastam, oferecendo-nos privacidade. Sem lhe dizer nada, entrego o drinque colorido.

— Obrigada — ela diz com um sorriso que parece implorar para ser comida.

— Jack McQueen. — Eu me apresento.

Em geral, o pessoal da cidade me conhece, ao menos de vista, mas não vou dar uma de babaca arrogante e partir do pressuposto que ela sabe o meu nome.

— Eu sei quem é, xerife — ela responde.

Ela pode até saber quem eu sou, mas eu poderia jurar que jamais vi esta mulher em minha vida. Estou tão focado em seu decote, que revela seios redondos e aparentemente suculentos, que não presto atenção quando ela me diz seu nome.

Não tem problema; se esta noite for interessante, pego o contato dela com o garçom.

Enquanto bebemos mais, fazemos todo o ritual de pré-acasalamento: as trocas de olhares, a dança sensual, as palavras ao pé do ouvido até que, enfim, ela me chama para ir ao apartamento dela, que fica a alguns quarteirões do bar onde estamos.

Quando saímos do estabelecimento, noto que é difícil colocar um pé na frente do outro, e fico agradecido pela minha companheira de foda morar razoavelmente perto; não estou em condições de caminhar longas distâncias e, muito menos, dirigir até a minha casa.

Ou até o motel mais próximo, que também fica fora do centro da cidade.

O apartamento dela é pequeno, mas aconchegante, e muito mais estiloso do que eu esperava. Há vários pôsteres de algumas das minhas bandas favoritas e, em cima de uma mesa de canto da sala, ela tem uma vitrola bem conservada. Eu sempre quis ter uma dessas.

Dou uma olhada em seus discos, igualmente de bom gosto, enquanto ela prepara um drinque para nós. Como se eu precisasse beber mais.

Escolho um disco de sua coleção impressionante e coloco Frank Sinatra para tocar, alto. Não que eu queira dar uma de romântico, não exatamente: minha motivação é bem mais mesquinha.

Infelizmente, apesar de ser muito bonita, minha acompanhante fala pelos cotovelos, e sua voz é completamente diferente daquela de Aurora, o que me faz lembrar, o tempo inteiro, que estou com outra pessoa.

Ela até tem uma voz agradável, mas cada vez que eu a ouço penso que ela não é quem eu queria que fosse.

Qual é a porra do meu problema?

Tento afastar Aurora dos meus pensamentos, sem muito sucesso, e me esforço para ficar focado na mulher do presente, aquela que não me olha como se eu fedesse a estrume de vaca.

Quando ela retorna da cozinha com bebidas, tomo um gole por educação e, em seguida, coloco minha bebida sobre a mesa de jantar e faço o mesmo com a dela, puxando-a para o centro da sala, onde começamos a dançar.

Há poucas coisas mais sensuais no mundo que dançar ao som de Sinatra. Como, por exemplo, os lábios vermelhos de Aurora.

Para, caralho!

Enquanto damos voltas pela sala, vou aproximando seu corpo mais do meu. Sinto seus mamilos ficando duros com a fricção entre nossos corpos, e decido que chegou a hora de dar um passo adiante. Ou uns trinta de uma vez.

Minhas mãos vão descendo de sua cintura para sua bunda, e as dela alisam as minhas costas. Ela usa uma saia curta de couro, o que facilita meu acesso até a pele de suas coxas, que é muito macia.

Levanto a saia dela até virar um cinto, e começo a acariciar a parte interna de suas coxas. Ela geme alto, e engulo seus gemidos com um beijo, ao mesmo tempo em que afasto sua calcinha para poder fodê-la com os dedos.

Sinto sua bocetinha molhada, pronta para mim; penetro um dedo nela, deixando o polegar massageando seu clitóris.

A safada geme de novo, desta vez ainda mais alto, jogando a cabeça para trás. Uso a outra mão para abrir a blusa dela, sem cuidado, esparramando os botões pelo chão. Ela usa um sutiã vermelho, que felizmente é daqueles que abrem na frente.

Quem quer que tenha inventado isso, meu muito obrigado. Não há nada pior para o clima do que estar prestes a fazer uma mulher gozar e ter que lutar com ganchos nas costas dela.

Libero os seios dela sem dificuldade. Em resposta, a puta safada arqueia as costas, para me dar acesso a eles.

Eu a agarro pela cintura com uma mão, a outra ainda a comendo com meus dedos, e desço meus lábios até um de seus mamilos. Puxo o mamilo entre meus dentes, e ela grita meu nome sem parar.

— Jack, Jack! — ela repete várias vezes. Em seguida, diz, me deixando ainda mais duro; — Me come logo! Quero ser fodida por você desde que estudamos juntos.

Ah, tá. Nós estudamos juntos? Que bom que eu não perguntei se ela era de Blue Lake, senão seria um fora homérico, e minhas chances de ser convidado para vir fodê-la em sua casa diminuiriam consideravelmente.

Se bem que, uma vez eu perguntei a uma mulher com quem eu estava conversando na festa de um amigo se eu a conhecia de algum lugar, e ela me informou, bastante indignada, que já havíamos transado quando estávamos no último ano do colegial.

Duas horas depois, lá estava eu fodendo a mulher de novo, e por tudo que é mais sagrado, não me lembro qual é o nome dela de jeito nenhum.

— Não se preocupe, gata, que vou fodê-la até gozar em volta do meu pau — sussurro contra seu mamilo.

Ela está com tanto tesão que começa a apertar o meu dedo dentro dela. Garota gulosa.

Já que ela está tão preparada para gozar e, em seguida, ser fodida como quer desde que nós nos conhecemos (que não tenho ideia quando), enfio um segundo dedo na boceta encharcada, o polegar desenhando círculos em seu clitóris.

Continuo chupando o mamilo, claro. Como eu imaginava ao ver seu decote, ela tem seios muito suculentos. Aumento o ritmo da minha chupada e dos meus dedos, e ela agarra meus cabelos, ainda gritando meu nome, contraindo-se em volta dos meus dedos, gozando com força.

Sinto um aperto desagradável na virilha, e abro o zíper para liberar minha ereção ao passo que ela se recupera. Ela busca equilíbrio no apoio do sofá e, quando vê o meu pau, arregala os olhos.

Dou um meio sorriso em sua direção. Sei o efeito que tenho nas mulheres, e, depois de ser tratado como seu fosse vômito de bêbado por uma mulher linda que eu confundi com uma modelo internacional, é bom ser apreciado por outra, mesmo que não seja tão atraente quanto...

Nem pense na merda do nome dela, Jack McQueen!

Sem dizer nada, ela se ajoelha em frente a mim, uma das minhas posições favoritas quando estou segurando meu

pau duro e pronto para ser engolido. Ela me toma inteiro na boca; é a minha vez de gemer alto.

Fecho os olhos e, imediatamente, penso em olhos verdes e intensos me encarando. Depois de me dar uma porrada mentalmente, eu agarro os cabelos dela e começo a movimentar sua cabeça mais rápido.

A mulher geme ainda mais do que eu, a boquinha de veludo em volta do meu pau, deixando marcas de seu batom.

Porra, adoro uma mulher que se excita desse jeito enquanto faz boquete. Eu também adoro chupar bocetas, mal posso esperar para sentir o gosto da dela.

Depois que gozar nessa boquinha deliciosa, claro.

Se tem algo que deixa a penetração ainda mais prazerosa, é quando já gozamos algumas vezes e já demos prazer um ao outro.

Porra, é bom demais entrar em uma bocetinha quando estou prestes a gozar. Mas também é maravilhoso penetrar depois que já fui aliviado, e posso ficar lá dentro, me deliciando, muito tempo, sem pressa de chegar ao final.

Enquanto ela chupa meu pau como se fosse doce de caramelo, cometo meu erro fatal; olho nos olhos dela. Olhos castanhos, não verdes.

Putá que o meu pariu. Estou dando tantos tiros no meu próprio pé nesta noite que, se continuar assim, nem conseguirei andar mais.

Sacudo a lembrança da minha mente e a mudo de posição. Vou ter que deixar para chupar sua bocetinha em

outra oportunidade.

Eu a puxo pelos ombros, ajudando-a a se levantar. Coloco as mãos dela sobre as costas do sofá, arranco o pequeno pedaço de pano que essa putinha safada chama de calcinha, e abro suas pernas.

Tiro uma camisinha do bolso, coloco-a em tempo recorde, abaixo a minha calça até os tornozelos, e fico em pé atrás dela, segurando-a pela cintura.

Assim é melhor; assim eu não verei seu rosto. Eu sei, eu sei... Estou doente pra caralho.

Eu a invado um pouco, para ela que ela se acostume com a minha intrusão, para que sinta prazer, não dor. Os ombros dela se contraem de tensão, mas não se afasta.

Sinto suas paredes se adequando ao meu tamanho em volta de mim, e enfio mais um pouco.

— Enfia tudo! Enfia tudo! — Ela implora, como se fodê-la fosse uma questão de vida ou morte.

Neste momento, meu autocontrole desaparece. Eu enfio tudo dentro dela, e tiro de novo. Repito, e vou aumentando o ritmo aos poucos, deixando que ela entre em sintonia comigo.

Em questão de minutos, ela não apenas está adaptada ao meu tamanho, como também está aos berros, pedindo mais, pedindo que eu a foda com mais força.

E eu obedeço, estocando-a sem trégua.

Ela goza uma segunda vez segundos antes de eu despejar litros de porra na camisinha.

— Caralho! — Eu grito, enquanto sinto meu corpo convulsionando com o gozo. — Aurora! — É o nome que eu pronuncio durante o ápice sem perceber.

Juro que não me dei conta do que disse.

Ainda estou jorrando sêmen na camisinha, quando ela se afasta, me empurra e começa a reclamar comigo. No início, não entendi nada; ela parecia estar adorando cada segundo, gritou meu nome várias vezes.

Decidi finalmente escutar o que ela dizia, do que me acusava.

— Meu nome é Alice, seu babaca! — ela berra. — Não Aurora!

Ai, meu caralho. Eu disse o nome de uma mulher que me rejeitou duramente enquanto gozava dentro de outra que estava me dando um prazer da porra.

Não é justo, eu bem o sei. Eu também ficaria puto da vida se estivesse fazendo uma mulher gozar e ela me chamasse de Ricardo.

Isso está ficando perigoso. Nem conheço a mulher, mal falei com ela, e já estou ficando obcecado. Fico tão transtornado com os eventos da noite que saio da casa de Alice sem me despedir, envergonhado pelo meu comportamento.

Naquela noite, naquela maldita noite de merda, sonhei com Aurora Jones. Apenas para registrar: foi o primeiro de muitos – mas muitos – sonhos.

Jack

Ouço as gargalhadas quando estou no estacionamento da delegacia. Já imagino do que se trata. Desde a sexta-feira passada, praticamente só se fala na discussão que tive com Aurora.

Decerto ninguém ousa mencionar o assunto na minha cara. Só porque eu não joguei Aurora da janela do hospital quando ela começou a falar desaforo, não quer dizer que estenderei a cortesia a outros.

Como eu sei o que todos estão fofocando? Porque, não importa onde eu esteja em Blue Lake – na igreja, no mercado, ou até na merda da delegacia –, é só eu entrar que todos ficam em silêncio.

Mas agora chega. Minha paciência terminou. Já tem uma semana essa história, vamos passar para a próxima fofoca! Ou melhor, vamos nos focar em descobrir quem é essa maldita mulher, porque em duas semanas conseguimos exatamente Z.E.R.O. pistas sobre a sua identidade.

Só para me deixar mais puto, eu simplesmente não consigo tirar Aurora da cabeça. Ela não poderia ser uma mulher tola sem nada na cabeça? Ela é linda, mas eu jamais me interessaria por um rostinho bonito sem conteúdo.

Mesmo quando tenho meus casos de uma noite, curto ao menos saber que a mulher é interessante para conversar.

Ao invés disso, eu me deparo com uma mulher linda – talvez magra demais para o meu gosto, mas já me disseram que ela ganhou peso desde que acordou –, que tem uma língua afiada e olhos que fazem minhas entranhas pulsarem.

Não fui vê-la de novo. Depois do alvoroço, o Dr. Russo pediu que eu não falasse com ela enquanto ela se recupera da cirurgia. Ela pode ter saído do coma, mas ainda precisa sarar.

Achei que a distância ajudaria, mas nada. Acho que até piorou; a vontade de vê-la novamente é como a merda de uma coceira que não passa.

Como ainda não sabemos quem ela é, eu pedi aos seguranças do hospital para ficarem de olho nela. Aurora não tem autorização para deixar o hospital sem que eu saiba.

Não tenho pessoal suficiente para deixar à porta do seu quarto, então tive que me contentar com os seguranças geriátricos, mesmo sabendo que é mais fácil eles a auxiliarem na fuga do que a entregarem para a polícia se ela fizer alguma merda.

Sim, ela conseguiu encantar a todos. Parece que suas palavras irônicas e seus comentários cínicos foram guardados especialmente (e tão-somente) para mim.

O Dr. Russo chegou a me ligar para saber se a fofoca era verdade, porque, nas palavras dele, “jamais imaginei que a doce Aurora seria capaz de ser rude até com um assassino

serial”. Óbvio que descobrir que sua língua é afiada só comigo apenas me fez desejá-la mais.

Tiro meu chapéu, passo a mão pelos cabelos, querendo socar minha própria cara por estar pensando nela de novo, e entro silenciosamente na delegacia. Hoje eu os pego no flagra. Hoje eu acabo com essa palhaçada.

Assim como eu imaginei, meus funcionários estão rindo e comentando do episódio com Aurora. Mais especificamente, estão todos colados em frente ao computador de Lucas, olhando para um meme que fizeram com base na discussão.

Pois é. Criaram meme. Sempre com a mesma frase irônica de Aurora. “Tem mais alguma pergunta, xerife?”. Desta vez, o meme tem a imagem de uma mãe dando palmadas na bunda rosada de um bebê, que está em seu colo. Eles colarem uma foto do rosto de Aurora sobre o da mãe, e claro que a minha foto está sobre o rosto do bebê.

Rá.

Rá.

Rá.

Que engraçado. Estou gargalhando por dentro. Só que não. Todos estão rindo porque ela tem mais colhão que noventa por cento dos marmanjos de Blue Lake.

— Sabe o que vou achar engraçado? — falo alto, e todos ficam em silêncio imediatamente. — A cara de bunda mal lavada de vocês quando eu demiti-los.

As reações são maravilhosas. Sherry fica vermelha, pega seu terço na bolsa e começa a rezar. Ela não está rezando

de medo; está rezando porque, como ela sempre faz questão de lembrar, fofocar sobre vizinho é pecado.

Lucas coloca a mão para trás, tentando desligar a tela, mas ele acaba ligando sem querer o áudio do computador, e é quando eu descubro que o meme tem também uma música, em que o xerife é um neném chorão que leva um pé na bunda da Bela Adormecida.

Imediatamente identifico o cantor como Charlie, o filho do pastor. Ah, mas eu nem vou precisar dar uma dura no garoto. Assim que eu contar para o pai, ele vai passar o próximo mês ajoelhado no milho pedindo perdão a Deus.

Depois do que parecem horas, Lucas finalmente consegue desligar o computador, e a delegacia parece um túmulo.

Todos estão olhando para o chão. Apenas Janice me olha nos olhos, sem cara de quem comeu ovo podre e não sabe como cuspi-lo.

— Desculpe-nos, xerife — ela diz seriamente, quebrando o silêncio.

Eles sabem que podem fazer o que bem entenderem na hora livre deles. Mas somos poucos na delegacia para ficarmos perdendo tempo com fofquinha de cidade pequena. Eles deveriam estar nas ruas perguntando se alguém a conhece, deveriam estar ligando para autoridade a fim de conseguirem alguma informação útil.

— Foi mal — Lucas comenta.

Os demais começam a pedir desculpas e juram que não foram eles os responsáveis pelo meme, e que vão pedir a

todos na cidade que parem de falar no assunto, e merdas assim. Eu corto as desculpas esfarrapadas.

— Alguma novidade?

— Aurora receberá alta esta noite — Sherry informa.

— Merda. Achei que ela ficaria mais uns dias.

E esses dias seriam preciosos para tentarmos descobrir como diabos ela veio parar em Blue Lake. Agora, ela vai deixar o hospital e não tenho ideia do que fazer com ela. Não tenho qualquer razão para prendê-la, e ela, por sua vez, nem tem onde cair morta.

Vou precisar bolar um plano para ela não ficar sem ter onde dormir, caso realmente tenha amnésia (anda não estou cem por cento convencido), e nem tentar fugir, caso essa história de perda de memória seja uma grande ladainha.

— Eu passei no hospital ontem e o plano era que ela ficasse mais três dias, pelo menos — Janice comenta, também estranhando a liberação repentina de Aurora.

— Parece que o prefeito pressionou o Dr. Russo e ele não conseguiu achar nenhum motivo para manter Aurora mais tempo — Sherry explica.

Ah, claro. Eu deveria ter imaginado que o prefeito exigiria a alta de Aurora o quanto antes. Soube que ele está enlouquecendo os médicos e enfermeiras, ligando o tempo todo e exigindo receber justificativas para cada um dos gastos com ela.

— O que faremos? — Janice questiona. — Ainda não descobrimos nada.

Sei que Janice, assim como eu, ainda está com a pulga atrás da orelha em relação a Aurora. O que ela quer dizer é que ainda não sabemos se ela é uma foragida da lei ou uma vítima de sequestro.

— Independentemente de quem Aurora seja, acho melhor ficarmos de olho nela enquanto não conseguirmos identificá-la — sugiro, e todos balançam a cabeça em concordância.

— Ela pode ficar na minha casa — John se voluntaria rápido demais para o meu gosto. E com um sorriso maroto que me dá uma vontade de atirar na cara dele com uma bazuca.

— Nem fodendo — respondo educadamente.

— Por que não, xerife? — Lá vem Janice com seu tom sarcástico. Meu caralho, se eu quisesse uma espertinha na minha merda de delegacia, contrataria Aurora. — Tem outros planos para ela?

— O que você disse, Janice? — questiono com a mesma ironia que ela usou. — Acho que não te ouvi direito.

— Nada, xerife — ela comenta, e volta para sua mesa e seu computador.

Ah, bom.

Volto a minha atenção para John, que ainda parece esperançoso de levar Aurora para casa. Mal sabe ele que eu apenas permitiria que Aurora dormisse na casa dele caso eu cortasse pessoalmente seu pau e testículos. Ou seja, nunca.

Sei, entretanto, que usar essa justificativa apenas alimentará o fogo que Janice iniciou com seu comentário irônico. Por isso, mudo de estratégia.

— Se descobirmos que ela é uma foragida da lei, terá coragem de prendê-la, John?

Ele abre a boca. Fecha de novo. Olha para Lucas, que levanta os ombros em resposta. Quem se voluntariou para a tarefa foi ele, então é dele a responsabilidade de responder por Aurora.

Eu sei que ele jamais teria coragem; uma vez, ele ficou com os olhos marejados porque precisamos prender o Sr. Cadwell por mijar em público, porque ele tinha sido seu professor de natação.

John é um bom homem, e um bom policial de cidade pequena, mas tem um coração mole, o que o torna um péssimo candidato a cuidar de assuntos mais delicados.

— Eu... — ele tenta responder, mas desiste.

Caminho lentamente até sua mesa e coloco as mãos sobre o tampo, inclinando meu corpo até meus olhos estarem no mesmo nível dos dele.

— Se Aurora for uma foragida perigosa e atacá-lo, terá coragem de meter uma bala no meio da testa dela, John?

— Mas... Ela... Eu...

— Já matou alguém, John? Já viu a vida de alguém deixar seus olhos enquanto o observa?

Tudo bem, eu sei. Estou sendo cruel.

Mas só de pensar em Aurora dormindo na casa de outro homem... Porra, isso não faz sentido algum. Primeiro, porque eu mal a conheço e, em segundo lugar, nem sei quem ela é! Ela pode ter um marido, um namorado, um amante. Porra, ela pode ser gay! Nem tinha pensado nessa possibilidade!

John me encara com olhos esbugalhados e, depois de alguns segundos de apreensão, diz:

— É melhor que ela fique hospedada com o senhor, xerife.

*

— Nem morta! — Aurora esbraveja, como se eu tivesse acabado de propor que ela fosse viver em um prostíbulo no sertão africano.

— Como é que é?

— Nem morta que ficarei contigo! — ela grita, toda ofendida, como se eu fosse a merda do Pablo Escobar. Porra, sei que não começamos com o pé direito, mas nunca fiz nada de mal a ela. Muito pelo contrário: salvei sua maldita vida, porra! — O que vão pensar?

Esse é o problema? Ela está preocupada com as fofocas de alguns aposentados sem nada melhor para fazer e adolescentes que transformam tudo em meme?

— Não se lembra de nada, nem mesmo do seu nome, e está preocupada com o que o pessoal de uma cidade que você nem conhece vai pensar?

Estou puto, estou furioso, estou pensando seriamente em amarrar a mulher na maca e levá-la para a delegacia,

mas aí ela se vira de costas para pegar algumas coisas no armário e eu vejo a sua bunda perfeita no jeans.

Ela realmente engordou. E ganhou peso nos lugares certos. Está com mais curvas, do jeito que eu gosto.

Soube que o prefeito fez um escarcéu quando o Dr. Russo sugeriu que a prefeitura comprasse algumas roupas para Aurora. Ele acabou tirando do próprio bolso, junto com outros médicos e enfermeiros, e eles lhe deram um guarda-roupa de presente.

Até mesmo o pessoal da delegacia ajudou na vaquinha. Não compraram nada chique, nada caro, apenas o básico para ela conseguir se virar.

Por sorte, devem ter comprado o jeans pensando no peso dela quando chegou ao hospital, porque a calça está justa e marcando sua bunda redonda de um jeito que me faz salivar.

— Xerife? Está me ouvindo? — ela pergunta por cima do ombro.

— Claro que estou — mentira deslavada.

Não tenho ideia do que ela disse. Na realidade, nem me lembro do que estávamos falando. Ah, claro. Do fato dela se recusar a ir para a minha casa porque tem medo do que os outros vão pensar. Frescura da porra.

— Não é uma questão do que eu me lembro ou não — ela reclama. — É uma questão de princípio. Não vou dormir na casa de um homem solteiro. Muito menos um com a sua fama!

— Qual é o problema, Aurora? — aproximo-me dela, colocando as mãos na porta do armário, enclausurando-a entre meus braços. — Está com medo de não resistir aos meus charmes?

— Típico de macho alfa — ela está praticamente cuspidando fogo agora. — Para vocês, é tão fácil. Quanto mais mulheres entram em suas listas intermináveis, mais vocês são valorizados. Enquanto isso, qualquer passo em falso e somos julgadas, xingadas e desrespeitadas. Pois eu exijo respeito, xerife McQueen.

Seu discurso me pega de surpresa. Na verdade, tudo que Aurora fez até o momento foi me surpreender. E ela tem toda razão. Quanto mais mulheres levamos para cama, maior a nossa fama de garanhão. Elas, pelo contrário, ficam com fama de mulheres fáceis pelo menor dos deslizes. É realmente injusto.

Afasto-me de Aurora, até deixar uma distância razoável entre nós. Não deveria ter me dirigido a ela com tamanha intimidade.

Porra, estava reclamando poucas horas atrás que os meus funcionários brincam em serviço, e olha eu aqui, dando em cima de alguém que eu deveria investigar, ou proteger, dependendo dos motivos que a trouxeram a Blue Lake.

— Tem razão — Jogo o chapéu em cima da pequena mesa do quarto, e me sento na beirada da cama. — Olha, você não ficaria sozinha comigo. Moro com a minha sobrinha.

Esse não era o meu plano inicial. Assim que soube que Aurora teria alta hoje, liguei para Vivi e pedi para ela ficar com Mandy no final de semana. Afinal de contas, não

conheço essa mulher direito e, portanto, não sei do que ela é capaz.

Porém, sei que nem ferrando eu conseguiria convencê-la a vir comigo se dissesse a ela que moro sozinho. Vou ter que me virar: dormirei com Mandy nas próximas noites e com a porta do quarto trancada.

Em geral, meu sono é leve, e não tem como Aurora ganhar de mim em uma briga. Porém, nada no mundo me fará arriscar o bem-estar de Amanda. Por isso, até eu estar seguro de que Aurora não é uma psicopata, não vou dar mole. E, se eu perceber algo de estranho, deixo Mandy na casa de Clarissa.

Noto os ombros de Aurora relaxando com aquela notícia. Ela termina de colocar as roupas na mala que o pessoal deu a ela de presente de despedida. Depois de fechá-la e colocá-la no chão, ela volta a me encarar.

— Quantos anos tem a sua sobrinha?

Ah, merda. Talvez, falar de Mandy tenha sido uma furada. É capaz de Aurora não gostar de fedelhos. Eu também não gosto muito de pirralhos, exceto por Amanda. Afinal de contas, ela não é uma criança comum. Eu desconfio que ela seja aquela anciã sábia de Doutor Estranho presa a um corpo de criança.

— Seis — respondo. Mas aí não me seguro. — Gosta de crianças?

— Acho que sim — ela abre um sorriso, e é o primeiro sorriso gentil que dirige a mim. Claro que eu fico imediatamente com uma ereção. Aurora cínica e irônica é sexy, mas Aurora com essa expressão de contentamento no rosto é simplesmente perfeita. — Brinquei com todas que

passaram por aqui nos últimos dias. E acho que elas gostam de mim também.

— Ótimo. Mandy é... Diferente. Mais esperta que as crianças da idade dela — o sorriso dela se alarga.

Ah, porra, se ela ficar assim toda vez que eu falar de Mandy, correremos o risco de fazer um fedelho nosso.

— Por que está cuidando da sua sobrinha? Os pais dela estão viajando?

— Os pais dela estão mortos. Ela é filha do meu irmão caçula.

— Ah. Eu sinto muito.

Se ela for uma psicopata, é mestre em disfarces. Parece verdadeiramente sentida ao ouvir sobre o meu irmão.

— E então? — pergunto, porque já cansei do suspense e do doce que ela está fazendo.

Ela tem duas opções: ou vai comigo, ou vai... Bem, comigo. Apenas terei que bolar outro plano. Se ela continuar se recusando, talvez eu consiga arranjar algum sedativo para apagá-la e levá-la desmaiada até meu rancho. Fica longe da cidade, nem ferrando ela consegue fugir de lá.

— A menos que esteja me prendendo por algum crime, não há qualquer motivo para eu morar com você. Na realidade, eu me *recuso* a morar com você.

Queria evitar um sequestro, mas, se for preciso...

Pensando bem, talvez tenha outra forma de convencê-la a ir comigo. Fazendo ela se dar conta que não tem muita

opção.

— Se não ficar comigo, para onde você iria então?

— Já recebi diversos convites de hospedagem até conseguir um emprego ou recuperar a minha memória.

— Convites? De quem?

Arranco o pau dos desgraçados!

Porra, já foi um saco ter que tirar da cabeça de John a ideia de que ela poderia ficar hospedada com ele. Agora vou ter que fazer o mesmo com outro? Daqui a pouco, terei que ameaçar toda a população masculina de Blue Lake. Exceto pelo prefeito, que jamais aceitaria arcar com os custos de Aurora.

Ele parece ser o único na cidade imune a ela.

— Recebi convites de algumas médicas e enfermeiras, e até de Mary, a paramédica que me salvou.

— Fui eu quem te sal... — Ah, deixa para lá. Sempre serei para ela o cara que a atropelou. Ela nunca vai me ver como o xerife que a protegeu. A não ser que... É, eu posso usar essa história de sequestro a meu favor. — Olha, alguma dessas mulheres que te convidou tem treinamento policial? Alguma delas pode protegê-la?

— Me proteger de quem? Achei que o xerife suspeitasse que *eu* fosse uma grande criminosa procurada pelo FBI.

— Não é procurada pelo FBI, já checamos.

— Ah, que boa notícia — ela replica acidamente, revirando os olhos.

— Mas essa não é a única possibilidade.

A expressão dela passa de irritada para preocupada.

— O que quer dizer?

— Também suspeitamos que você possa ser vítima de sequestro. Se for isso mesmo, quando eu a encontrei, é possível que você estivesse fugindo do seu sequestrador.

— Ai, meu Deus — ela coloca a mão na boca, e parece pensar na lógica daquele raciocínio.

Assim como eu, ela chegará à conclusão de que essa possibilidade se encaixa perfeitamente na história.

— Até eu saber exatamente o que diabos está acontecendo, pode ter um maníaco atrás de você — continuo, para deixá-la ainda mais assustada. Quanto mais medo ela sentir, maior a chance dela topar ficar na casa do xerife. — Mas você que sabe. Pode ficar com Mary. Acho que ela tem spray de pimenta em casa.

Pego meu chapéu e viro-me para sair, sabendo que ela não se sentirá segura em nenhuma cama da região a não ser a minha. Eu pensei cama? Quis dizer casa. Porra, estou enlouquecendo, só pode.

Quando coloco a mão na maçaneta, sinto seu toque no meu braço. Felizmente, hoje uso manga comprida, senão seria aquela sensação bizarra de choque elétrico de novo.

— Xerife McQueen, espere.

Uso uma expressão neutra para encará-la.

— Precisa de alguma coisa?

— Sim. Preciso que me leve contigo.

Jack

Quando Aurora comentou que se dava bem com crianças, acho que não a levei a sério. No fim das contas, ela não estava mentindo: fui solenemente ignorado o final de semana inteiro, enquanto Aurora e Amanda se tornavam melhores amigas em quarenta e oito horas.

Se, por um lado, fiquei aliviado que Aurora não é uma psicopata, por outro, estou meio incomodado que a minha sobrinha e afilhada dê mais atenção a uma desconhecida que nem sabe o próprio nome do que ao homem que cuida dela.

Porra, até a semana passada eu era o herói de Mandy e agora parece que ela nem sabe que eu existo. Sei que estou agindo como uma criança mimada, mas foda-se. Estou puto.

Se, inicialmente, tive medo de como Aurora seria e de como Mandy reagiria com a sua presença, agora sinto-me um panaca porque elas me tratam como se eu fosse a merda de uma mosca incômoda.

Tudo começou assim que eu trouxe Aurora do hospital, quando eu as apresentei na sexta-feira.

— Finalmente! Tio Jack *alanjou* uma *namolada*! — foi a reação animada e inocente de Amanda quando eu lhe expliquei que Aurora ficaria alguns dias conosco.

— Não sou namorada do seu tio — foi a resposta nada afetuosa de Aurora.

Digo, ela não demonstrou qualquer afeto em relação à minha pessoa, mas ela abriu um sorriso para Mandy capaz de levantar o pau de um cadáver.

Amanda a observou com certa desconfiança depois daquela resposta, e, com as pequenas mãos na cintura, iniciou um verdadeiro interrogatório.

— Por que está aqui, então?

— Seu tio vai me proteger — O sorriso de Aurora alargou-se, e precisei me ajeitar, porque a calça ficou bastante apertada na região da virilha.

— Ohhhhhh! Tem uma *bluxa atlás* de você? — Mandy questionou, parecendo mais animada que temerosa com aquela hipótese.

— Ainda não sabemos — explico, porque não quero que Aurora, sem querer, alimente ainda mais a curiosidade de Amanda sobre o tema.

— Meu nome é Amanda McQueen — ela diz, parecendo uma pequena adulta. — Qual é o seu nome?

— Todos me chamam de Aurora.

— Ohhh!!!!!! — Amanda gritou, em seguida começou a dançar e bater palminhas. — A Bela Adormecida!

— Isso mesmo. Acabei de acordar.

— Também *quelo* ser *plincesa*!

Mas que porra de conversa era essa? Elas pareciam se conhecer há décadas, enquanto eu ficava completamente perdido.

— Que tal eu fazer uma trança que nem a de Elsa?

E, com essa simples oferta, Aurora conquistou Amanda de vez. Eu levei alguns minutos para me dar conta de que Elsa é o nome da loira platinada que solta gelo pelas mãos do filme favorito de Mandy, Frozen. É aquela chata que canta a música que Mandy repete minuto sim, e o outro minuto também.

Depois da oferta, Amanda voltou a dar pulinhos, puxou Aurora pelo pulso, e começaram a sessão de penteados de princesas. Sabendo que eu ficaria sozinho pelo restante da noite, eu decidi ir dormir, já que estava sendo ignorado na minha própria merda de casa.

Puto com o fato de que elas se deram tão bem que nem se lembravam da minha existência, fui para a cama bem cedo. Claro que, antes de deixar a sala, eu coloquei um aparelho para poder escutá-las do quarto.

Admito que, apesar de estar irritado pela rápida intimidade das duas, meu pau ficou duro com o som delicioso da risada de Aurora.

*

Escuto a porta do meu quarto ranger; imagino que Mandy tenha tido mais um de seus pesadelos, então, sem

abrir os olhos, rolo para o lado esquerdo da cama para lhe dar espaço para deitar-se ao meu lado.

Sinto o colchão afundar atrás de mim, e volto a pegar no sono, quando uma mão passa em volta da minha cintura, passa por baixo do elástico da cueca, e se fecha em volta do meu pau.

— Está cansado, xerife? — a voz de sereia de Aurora sussurra no meu ouvido.

Caralho, eu morri e estou no paraíso? Só assim para explicar o que está acontecendo agora. A mão começa a bater punheta para mim, me deixando tão duro que dói.

Meu pau já esperou bastante tempo por ela; hoje, a espera finalmente vai terminar. Seguro seu pulso, viro-me na cama e, em um movimento rápido que a surpreende, subo em cima dela, pressionando seu corpo esguio contra o colchão.

Ela solta um gemido baixo, e sorri para mim, um sorriso que quero ver em seus lábios enquanto a faço gozar.

— Não gostou da minha massagem? — ela provoca.

— Adorei, mas fica para a próxima — sussurro, roçando os lábios nos dela. — Hoje não quero gozar na sua mão, Aurora.

Ela dá uma risadinha safada, e eu a calo com um beijo profundo. Foda-se a gentileza, foda-se pegar leve. Vou aproveitar cada segundo, para não correr o risco dela mudar de ideia.

Aurora geme na minha boca, e a abre, permitindo que eu a foda com a minha língua. Eu a penetro, aprofundando

cada vez mais o beijo, imitando os movimentos da minha língua com os quadris, esfregando meu pau entre as pernas dela.

Apesar das camadas de roupas entre nós, posso sentir sua bocetinha quente. Quero chupar seus seios, quero foder sua boceta com a minha língua, mas isso tudo ficará para depois. Agora, eu preciso me enterrar nela antes que eu goze na merda da cueca.

Arranco a cueca rápido, e, enquanto me desfaço de sua calcinha e camisa que ela usa para dormir, Aurora solta uma risadinha que é uma mistura de tesão e nervosismo que me deixa maluco.

Separo suas coxas e coloco meu pau em sua entrada. Ela arqueia as costas, os seios redondos e perfeitos expostos praticamente na minha cara. Não resisto e chupo um mamilo, sugando até senti-lo contra o céu da minha boca.

Meu pau já está molhado com a bocetinha dela e meu pré-goço. Se eu não a penetrá-la agora, vou gozar fora dela.

Com esforço, afasto-me do seio suculento e a encaro. Ela está com os olhos fechados e os lábios separados, a respiração acelerada e a expressão da mais pura satisfação no rosto.

— Olhe para mim enquanto eu entro em você, Aurora — ordeno, e seus olhos imediatamente me encaram, cheios de expectativa.

Seguro sua bunda e a levanto um pouquinho, deixando-a na posição perfeita. Começo a penetrá-la, e ela é tão apertada, tão perfeita. Suas longas pernas se entrelaçam atrás da minha cintura, me puxando para mais perto dela, obrigando-me a me enterrar nela de uma vez, até o talo.

Chego ao limite.

— Aurora! — eu grito, enquanto jorro o que parecem ser litros de sêmen dentro de sua boceta apertada.

Começo a ouvir uma risada, mas não é de Aurora. Ela está preocupada gritando meu nome enquanto goza em volta do meu pau. Continuo a ouvir alguém rindo por perto; é uma gargalhada infantil que eu conheço melhor que a minha própria. Mandy. Mas que porra...

Abro os olhos, e noto que Aurora não está embaixo de mim. Ah, merda. Um dos momentos mais prazerosos da minha vida foi só um sonho? Bem que eu achei bom demais para ser verdade.

Dou um beliscão no meu próprio braço, confirmando que, desta vez, estou acordado. Aí eu ouço a risadinha de Mandy de novo. Olho para o lado, e a vejo em pé ao lado da cama, me observando com olhos curiosos.

— O que você estava fazendo, tio Jack?

— Hã... Eu... — Ai, meu caralho. — Eu estava dormindo, Mandy.

— Você estava fazendo uns *balulhos estlanhos* — ela responde, me observando com um olhar desconfiado. — E chamou pelo nome de *Aulola*.

Estou pensando em algo para inventar, quando descubro que a minha humilhação foi muito maior do que eu imaginava. Não foi apenas Amanda quem me escutou tendo um sonho molhado. Do corredor, escuto uma risadinha abafada.

Uma risada que pertence à mulher que me fez gozar no sonho.

Jack

Depois de acordar gemendo o nome de Aurora no sábado e praticamente molhar minha cama com meu próprio sêmen, eu temi que ela fosse dar um escândalo e exigir ir embora. Ao invés disso, ela e Mandy não mencionaram nenhuma vez o que aconteceu no restante do final de semana.

Pode ter sido por causa da discrição delas ou porque elas se divertiram tanto que nem se lembram mais da situação. Hoje é segunda, e elas ainda não se desgrudaram.

Eu passei o final de semana assistindo a jogos de futebol americano e basquete, enquanto elas faziam penteados nos cabelos uma da outra, assistiam a filmes juntas (só Frozen, devem ter sido umas três vezes), e brincavam com a casinha de boneca que dei de aniversário para Amanda.

Observei Aurora de perto, claro. Temi que fosse tudo fingimento, ou que ela fosse se cansar de virar babá de Amanda.

Se ela está fingindo, Hollywood está perdendo a melhor atriz que já pisou na Terra. E em nenhum momento ela pareceu cansada de dar atenção a Amanda. Muito pelo contrário; parecia estar se divertindo tanto quanto a minha sobrinha.

O primeiro som que escuto na segunda de manhã é o da risadinha de Mandy. Levanto-me rapidamente e as observo juntas na mesa da cozinha. Amanda comenta alguma coisa com Aurora, que começa a gargalhar. Para variar, fico excitado com sua risada, imaginando como seria sexy se ela sorrisse desse jeito para mim.

Porém, enquanto Mandy recebe risadas, carinhos e piadas, eu recebo carrancas, comentários azedos e olhares fuzilantes. E eu sei que não é jogo de conquista. Aurora não é do tipo que joga esse tipo de jogo. Na verdade, ela parece ser do tipo inexperiente, que nem sabe jogar direito.

Admito que é precisamente seu jeito autêntico de me tratar que nem estrume de gado que mais me excita. Porra, devo ser um sadomasoquista. Mas a verdade é que Aurora deve ser a primeira mulher que eu acho atraente e que não poderia se importar menos em me impressionar.

Na verdade, ela parece querer apenas uma coisa de mim: que eu me mantenha à distância. Não é a reação a que estou acostumado com as mulheres, o que me deixa frustrado e com uma vontade do caralho de seduzi-la.

Sei que não é uma boa ideia sentir atração por ela. Sinceramente, é uma péssima ideia. Primeiro, porque não temos ideia de quem é Aurora. Em segundo lugar, é provável que, em breve, ela se lembre de algo sobre a sua vida e volte para sua cidade de origem, que definitivamente não é Blue Lake.

Por último, meu foco deveria ser investigá-la, não tentar levá-la para a cama. E algo me diz que transar com ela seria uma missão ainda mais difícil que descobrir quem ela é e o que diabos lhe aconteceu.

Estou observando as duas distraidamente, até o cômodo ficar silencioso de repente. Encaro Aurora, que me observa séria, sem nem uma sombra do sorriso que dirigia a Mandy.

— Precisa de algo? — o tom dela é da mesma temperatura de Frozen.

— Vou me *tlocar pala* a escola — Amanda diz, depois de dar um beijo em nós dois. — Já vi que vocês vão ter “conversa de adulto”.

Ela usa os pequenos dedos para fazer aspas.

Quando digo que Mandy é uma anciã de oitenta anos no corpo de uma criança de seis, ninguém acredita.

— Está se sentindo bem? — pergunto, quando escuto a porta do quarto de Mandy bater. — O Dr. Russo avisou que poderia ter tonturas.

Aurora balança a cabeça.

— Não, muito pelo contrário. Estou me sentindo ótima — pelo menos, seu tom não está mais congelante, o que já é um avanço.

— Acha que está bem o bastante para irmos ao local do acidente?

Essa é a única coisa que falta tentarmos. Meus policiais e eu já fizemos tudo o que podíamos, já falamos com todos os contatos que temos, e nada. Cada vez fica mais claro para mim que Aurora não é da região e ela não tem antecedentes criminais, senão já teríamos descoberto quem é.

Estranho é que, quanto mais tempo passa sem sabermos sua verdadeira identidade, mais ela se torna Aurora Jones. Até ela parece estar muito bem adaptada ao nome que o pessoal do hospital escolheu. Claro que tudo isso pode mudar quando Aurora recuperar a memória.

— Na verdade, acho que será ótimo — ela comenta, parecendo animada. — Os médicos me disseram que ir a locais familiares pode me ajudar a recuperar a memória.

— Perfeito. Vamos hoje. Mas precisa me prometer que vai avisar se sentir qualquer coisa.

— Combinado.

*

Depois de engolir um pão com queijo, duas fatias de bacon com uma xícara de café para empurrar tudo para baixo, vou me trocar.

Nós três saímos dos nossos respectivos quartos praticamente juntos e, depois de amarrarmos os sapatos de Mandy, como se fizéssemos isso juntos há anos, vamos em silêncio até o carro.

Queria eu que o silêncio continuasse no caminho até a escola. Ao invés disso, Amanda coloca suas músicas favoritas. Adivinham quais são? Sim, daquele filme maldito. Frozen. Acho que vou processar a Disney por me enlouquecer.

Pelo menos, há algo de positivo. Desta vez, Aurora canta as canções junto com Mandy, e, porra, além de parecer uma modelo exótica, ela tem uma voz de sereia. Ajeito-me algumas vezes na poltrona enquanto a escuto.

Quando paramos num dos poucos sinais da cidade, eu a observo discretamente. Ela sente que estou olhando e me encara, mas, no lugar da carranca que ela geralmente me dirige, Aurora mantém o sorriso.

Porra, sinto como se fosse estourar o zíper. Isso tudo por causa de um sorriso? Ela percebe que algo não está certo.

— O que foi? — ela questiona, entre uma música e outra.

Depois de limpar a garganta umas trinta vezes, consigo responder em uma voz que praticamente grita “quero te foder neste carro”:

— Não se lembra do seu nome mas sabe as letras de todas as canções de Frozen? — tento disfarçar, e funciona, porque ela ri, apenas me deixando com mais tesão.

Se eu não tivesse a observado de perto o final de semana inteiro, diria que ela deve ser uma sociopata. Ninguém aguenta ouvir essas porras dessas músicas tantas vezes sem querer furar os próprios tímpanos.

— Acho que eu já gostava desse filme — ela comenta, e levanta os ombros. — Vai ver, tenho sobrinhos.

Ou filhos, eu penso, e imagino que ela esteja pensando o mesmo. Espero que não seja o caso. Sei que Aurora deve estar preocupada com a possibilidade de ter uma criança que depende dela, que espera que ela volte para casa.

O momento estranho não dura muito, já que uma nova canção maldita daquele maldito filme começa e elas duas voltam a cantarolar.

Como sempre, não há lugar para estacionar em frente à escola, então eu estaciono uma quadra depois. Saltamos

todos do carro, e Mandy segura nossas mãos, como se fizéssemos isso todos os dias.

Mesmo que eu não soubesse onde fica a escola, poderia chegar lá seguindo o som da confusão. Se tem uma coisa que não muda, independentemente de morarmos em cidade pequena ou grande, é o pandemônio diário na hora que os pais levam seus filhos para a escola.

Porra, parece a merda do Apocalipse. Todos os pais fazem questão de deixar seus pequenos bem na merda da porta, aí dá uma porrada de brigas. Todo. Maldito. Dia.

Depois de um mês sendo chamado quase que diariamente para vir apartar alguma discussão dos pais corujas, exigi que o prefeito contratasse um segurança. O pobre coitado que ganhou a vaga é o Ernie. Ele acena na minha direção quando me aproximo do portão da escola.

De repente, parece que todos param de discutir para nos observar. Se as pessoas já achavam que eu e Aurora estamos juntos, agora vão dizer até que ela está grávida e vai adotar Amanda. O mais estranho nem é isso, e sim o fato de que a fofoca não me incomoda.

Aurora parece ignorar os olhares, mas eu reparo. Particularmente os homens, que a olham com admiração. Faço questão de dirigir um olhar assassino a cada um dos desgraçados. Enquanto isso, algumas mulheres observam Aurora com inveja. Pelo visto, a história de que as solteiras estão com ciúmes dela é verdadeira.

— Tchau. Vou sentir sua falta hoje! — Mandy diz.

Especificamente para Aurora.

— Eu também sentirei a sua — ela se abaixa e abraça Amanda.

— Não vai sentir a minha falta? — questiono, um pouco irritado, quando minha sobrinha sai correndo sem sequer se despedir de mim.

Pentelha ingrata. Tive que aguentar aquela merda daquele Frozen dezenas de vezes, e agora, só porque Aurora aguentou um final de semana, já virou a pessoa favorita de Amanda?

— Não — é a resposta malcriada da minha sobrinha. — Bom *tlabalho*, tio Jack.

— Se você rir, vai dormir no celeiro esta noite — aviso para Aurora, enquanto a pequena diabólica entra no colégio sem nem olhar para trás.

Ela não diz nada, mas seus ombros sacodem durante toda a viagem até o local do acidente.

*

— A senhorita precisa de uma água?

Puta que o pariu.

John já ofereceu água, café, e até a merda de um guarda-sol que eu não sei onde ele arranjaría se Aurora de fato aceitasse. Ele só está arranjando desculpas esfarrapadas para falar com ela.

— Ela já disse meia dúzia de vezes que ela está bem! — lato, perdendo minha paciência por completo.

Aurora coloca a mão sobre meu antebraço e o gesto, apesar de simples e nada romântico, é suficiente para me deixar arrepiado. Meu caralho, agora a risada da mulher me deixa duro e seu toque me deixa arrepiado? Se eu beijá-la, vai acontecer o quê? Vou explodir e virar confete?

— Estou bem, John — ela comenta calmamente, com um sorriso gentil. — Obrigada.

— De nada — ele responde com uma cara sonhadora que eu quero quebrar.

Aurora deve ter notado minha intenção, porque aperta meu braço até ele se afastar.

Volto a olhar para o horizonte. Aqui em cima é realmente lindo. Depois de irmos até o local onde Aurora caiu, e passarmos alguns minutos caminhando por lá, eu me dei conta de que ela jamais se lembraria daquela parte da estrada, já que passou o tempo inteiro desmaiada.

Por outro lado, ela poderia se lembrar do local de onde ela caiu. Por isso, demos a volta, e, usando uma estrada lateral, chegamos até o topo do paredão. Infelizmente, continuo sem ver qualquer resquício de reconhecimento nos olhos de Aurora.

— Lembra-se de alguma coisa? — questiono, apesar de desconfiar seriamente que a resposta é não.

Odeio não ter resposta. Detesto ainda mais não ter conseguido nenhuma pista. Em geral, sou bom pra cacete no que faço, mas estou me sentindo um amador nessa investigação sobre Aurora.

— Se você não tivesse me visto caindo daqui, juraria que jamais tinha visto este lugar — ela comenta, e levanta os

ombros, em um gesto de desistência.

Tiro o chapéu e passo as mãos pelos cabelos, que estão úmidos por causa do calor. Estou me vendo em um caminho sem saída. Não é que eu queira me livrar de Aurora. Muito pelo contrário.

A cada dia que passo em sua companhia, quero me aproximar mais, apesar de ela manter uma barreira invisível entre nós do tamanho da muralha de gelo de *Game of Thrones*.

Porém, se ela estiver sendo perseguida por alguém, se tiver algum sequestrador ou bandido atrás dela, eu quero estar preparado. É foda se preparar para um perigo desconhecido.

— Merda. Achei que... Deixa para lá...

— Não tem nenhum indício? — ela questiona, sua voz ansiosa. — Nenhuma testemunha? Nada?

— Nada. Ninguém de Blue Lake se lembra de você, o que significa que nunca esteve antes na cidade.

— Podem ter esquecido — ela comenta.

— Impossível.

Merda. Não era para eu dizer isso. Espero que ela não tenha notado nada de estranho na minha resposta e deixe para lá.

— Por que diz isso?

Claro que ela não vai deixar para lá. Mulher curiosa feito a porra.

— Não reparou como os pais da escola estavam te observando? Esta não é uma cidade na qual uma mulher de fora passa despercebida. Especialmente alguém tão...

Ah, nem fodendo vou falar. Ela que perceba sozinha o que estou tentando dizer.

— Tão o quê, xerife? — ela parece realmente não ter ideia do quanto é bonita.

— Você já se viu no espelho, não?

Começo a ficar de mau humor, porque alguns dos meus policiais estão ouvindo a conversa e estão rindo atrás de Aurora. Quero ver se eles vão continuar rindo quando eu ameaçar de demiti-los.

— Sim, já me vi no espelho. E daí? — ela pergunta em tom de desaforo, cruzando os braços.

Ah, caralho. *Ela realmente* não vai deixar para lá.

— Porra, vai me fazer dizer mesmo, né? Você parece uma modelo internacional. Eu cheguei a achar isso quando a vi no hospital. Até um idoso com Alzheimer e trezentos graus de miopia se lembraria de tê-la visto.

Ela arregala os grandes olhos verdes, e suas bochechas ficam levemente rosadas, como se ela não estivesse acostumada a receber elogios.

Quando eu levá-la para a cama vou enchê-la de elogios, porque preciso ver esse rosto rosado quando estiver dentro dela.

Que merda de pensamento foi esse? Preciso ser profissional, porra! Além do que, Aurora pode ser casada!

Só de pensar em outro cara enterrado nela, quero esmagar cérebros e jogar pessoas desse precipício.

Ela leva alguns segundos para se recuperar.

— Blue Lake é uma cidade turística, não? — Aurora comenta timidamente. — Eu poderia ter vindo a passeio e meu carro quebrou.

— Os turistas vêm apenas no verão — explico, usando um tom mais profissional. — E nós já procuramos um carro abandonado nas redondezas. Não achamos nada.

— Então, é um verdadeiro mistério. — Ela fica na beirada, e observa a altura. — Agora entendo por que dizem que sou um milagre.

— Sim, eu tampouco acreditei que ainda respirava depois dessa queda.

— Tive sorte que você estava passando exatamente na hora que eu caí. Se não fosse por isso... — ela fica pálida com a possibilidade.

Nem precisamos ter dois neurônios para saber como aquela frase terminaria. Se eu não a tivesse visto caindo, ela teria morrido, sozinha, no meio da merda do nada, e provavelmente só seria encontrada quando o corpo começasse a feder, porque ela não caiu em um lugar visível da estrada.

— Não pense no que poderia ter acontecido. Você está bem, é o que importa.

— Não estou completamente bem.

— Poderia ter sequelas muito piores, Aurora — eu a recordo.

Não sei como ela se sente. Nem consigo imaginar como seria uma merda eu acordar um dia sem saber sequer o meu nome.

Deve ser uma sensação horrível. Não saber em quem confiar, não ter ideia de onde você veio, se você tem família ou não, quem no mundo está à sua procura (se é que alguém a procura).

Apesar disso, poderia ser ainda pior. Ela poderia ter perdido o movimento das pernas. Ela poderia ter problemas cerebrais bem mais sérios que a perda de memória. Ela poderia não ter saído do coma. Porra, Aurora quase morreu!

— É verdade. Preciso ser mais agradecida — ela comenta com cara de culpada.

Não queria que ela se sentisse culpada, e sim agradecida que sua memória foi tudo o que perdeu. Apesar de ser importante, ela poderia ter perdido muito mais. Do nada, ela se vira para mim e diz, com os olhos cheios d'água.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por salvar a minha vida. Por se preocupar o suficiente para tentar descobrir quem eu sou.

— Lembre-se que eu achei que fosse uma foragida da lei — eu brinco, e ela sorri.

— Ah, então mudou de ideia.

— Duvido que uma assassina teria paciência de assistir Frozen tantas vezes.

Ela começa a gargalhar, e todos os policiais param o que estão fazendo e a encaram. Então não sou só eu que fico completamente sem chão por causa dessa gargalhada.

— Gente, é só uma gargalhada — Janice reclama, deixando Aurora vermelha de vergonha de novo. — Vamos parar de encarar Aurora, por favor?

Nesse momento, Aurora se desequilibra. O problema é que ela já estava bem perto do precipício, então qualquer escorregão pode arrastá-la até lá embaixo de novo. Sem pensar, eu estico meu braço e a pego, puxando-a para o meu corpo.

Nossos corpos se colam das coxas até o peito. Apesar de Aurora ser alta, deve ter mais de um metro e setenta, eu tenho quase dois metros, muito mais alto que ela. Então ela precisa virar a cabeça para trás para continuar me encarando.

Ver seu rosto tão próximo ao meu me deixa louco. Se eu inclinar a cabeça alguns centímetros para baixo, nossos lábios vão se tocar. E, pela primeira vez desde que nos conhecemos, acho que ela não morderia minha boca e me daria um tapa na cara se eu a beijasse. Acho.

Os olhos de Aurora começam a se arregalar e suas pupilas ficam dilatadas. Ela está excitada, Melhor ainda: Aurora está excitada enquanto sente minha ereção contra seu estômago. Não tem como ela não estar sentindo, do jeito que estamos colados.

Aí, Janice estraga a merda do clima.

— Precisam de um quarto, Xerife? Ou um momento a sós? — ela questiona em um tom irônica.

Putá que o pariu. As mulheres que estão em minha vida simplesmente não sabem quando parar de me provocar.

Aurora empurra meu peito, e eu a deixo se afastar, depois de puxá-la para longe do precipício.

— Já temos o que precisamos — estou praticamente rugindo de raiva. — Vamos.

Jack

Depois da visita desastrosa ao local do acidente, achei que faria mais sentido aproveitar que Aurora já tinha saído do rancho.

Eu a trouxe para a delegacia, e a deixei em frente ao meu computador o restante do dia, vendo fotos de pessoas com antecedentes criminais (especialmente pessoas que foram presas anteriormente por crimes relacionados a sequestro) que vivem na região.

Ela está sendo paparicada por todos da equipe. Até a Sherry fica perguntando o tempo todo se ela precisa de algo. Porra, sou eu que decido quem trabalhará ou não aqui, e esses traíras desgraçados ficam com má vontade até de fazer uma merda de café para mim.

Para Aurora, até chá já fizeram.

Depois de passar longas horas analisando dezenas de rostos, ela levanta-se da minha cadeira e se alonga.

— E agora, Jack? — ela pergunta, enquanto se serve de um *donut* que Lucas trouxe depois do almoço.

— Vamos tentar de novo, até você se lembrar.

— E se eu não me lembrar? — ela questiona, indignada.
— O sequestrador poderia aparecer na minha frente e eu não saberia quem ele é.

— Não podemos ter certeza de que foi sequestrada — eu digo calmamente, apesar de ter o mesmo medo que ela. O ideal seria ao menos saber o que aconteceu, para poder me prevenir. Ao ver sua expressão assustada, decido complementar. — Além disso, eu vou protegê-la.

— Como vai me proteger se nem sabe de *quem* precisa me proteger?

— Simples. Se alguém tocar em você, arrancarei a mão do desgraçado.

Ela fica me olhando em choque por um momento. No seguinte, ela começa a gargalhar. Eu me mantenho sério; estou excitado demais para bancar o engraçadinho agora. Quando ela nota que eu não estou rindo, Aurora me observa com dúvida no olhar.

— Você não está falando sério, né?

— Vamos, está na hora de buscarmos Mandy na casa da Sra. Kell — digo, e a puxo para fora da delegacia.

Enquanto dirigimos para o rancho vizinho ao meu, explico para Aurora sobre Clarissa Kell. Ela passou o final de semana na casa dos netos, em uma cidade vizinha, por isso não tive a oportunidade de apresentá-las antes.

Talvez, já que ela esteve fora da cidade, ainda não está sabendo sobre Aurora ter vindo ficar hospedada na minha casa. Quando chegamos no rancho, Clarissa já nos aguarda do lado de fora. Amanda deve estar lá dentro, brincando com o cachorro.

Acho ótimo que ela passe bastante tempo com o cachorro da Clarissa ou o de Vivi. Assim, eu consigo postergar a promessa que meu irmão fez a ela de lhe dar um cachorro quando ela completasse seis anos. Ela tem insistido quase que semanalmente, mas eu sempre dou um brinquedo para fazê-la pensar em outra coisa.

— Boa noite, Clarissa — digo quando paro o carro em frente à sua porta. Saio do veículo, e Aurora se coloca ao meu lado. — Esta é Aurora Jones. Aurora, esta é a Sra. Kell.

— Clarissa, por favor — ela se levanta de sua cadeira de balanço e caminha até nós, observando Aurora cuidadosamente. — Você é ainda mais bonita do que o pessoal da cidade vem comentando.

— Ah — Aurora fica vermelha. Eu fico duro de novo. — Obrigada.

Se eu não me acostumar logo com essa timidez de Aurora, vou passar noventa e nove por cento do meu tempo com uma ereção. Uma das coisas mais sensuais nela é sua falta de consciência do quanto ela é atraente.

— Soube que estão morando juntos — ela já sabe. Claro. É capaz de Clarissa saber até o que almoçamos hoje. — Finalmente alguma mulher conseguiu conquistar nosso querido xerife?

Ah, caralho. Mal chegamos e Clarissa já conseguiu nos colocar numa saia justa. Aurora olha para mim, mas eu levanto os ombros. A pergunta foi para ela; vou deixar que ela responda do jeito que achar melhor.

Para ser sincero, eu não ficaria nem um pouco incomodado se achassem que ela é a minha namorada.

Menos incomodado ainda eu ficaria se ela se comportasse como tal, especialmente na minha cama.

E eu preciso parar de pensar nessas coisas.

— Não.

Aurora responde o que eu já esperava, mas, ao contrário de outras vezes, em que ela praticamente demonstrou nojo quando alguém dava a entender que somos um casal, ela diz de uma forma gentil.

— Ah, que pena — Clarissa parece verdadeiramente decepcionada.

Ela devia achar que teria uma ótima fofoca para contar para seus amigos da igreja no domingo.

— O xerife está me hospedando enquanto não sabemos o que aconteceu comigo. Ele tem sido um cavalheiro — ela sorri para mim.

Sinto-me meio desconfortável com o elogio; eu não tenho sido nada cavalheiro, especialmente na minha cabeça e na minha calça.

— Bem, vou avisar à minha irmã. Ela vai espalhar a notícia pela cidade e, quem sabe, as solteiras de Blue Lake vão parar de planejar uma vingança maligna contra você. — Ela dá uma risadinha marota. — E os homens vão ficar contentes também.

Ah, foda-se. Não vou ficar aqui ouvindo o quanto os homens de Blue Lake querem sair com Aurora.

— Amanda! — grito para dentro da casa. — Vamos!

— Oh! Vocês *chegalam*!

Amanda sai correndo, com os braços abertos e um sorriso gigante no rosto. Noto que o dente da frente dela, que estava bem mole, caiu, e ela está adorável banguelinha. Agacho-me, deixando um joelho no chão, e abro meus braços para recebê-la.

E continuo esperando. E espero mais. Mas não é para os meus braços que ela corre. É para os braços de Aurora.

— Senti sua falta, *Aulola*!

Viro a cabeça para elas, encarando Aurora boquiaberto que, assim como esta manhã, parece segurar a gargalhada. Clarissa nos observa com um sorriso gigante no rosto. Amanhã, todos na cidade saberão disso.

Estou prestes a me levantar, me sentindo meio ciumento e meio amargurado, até sentir pequenos braços em volta do meu pescoço.

— Senti sua falta também, tio Jack — Mandy sussurra no meu ouvido antes de me dar um beijo na bochecha, e eu me derreto pela minha pequena.

*

— Au-ro-ra — escuto Aurora pronunciar lentamente da sala de estar.

— Au-ro-la — Amanda repete e, mesmo tendo errado a última sílaba, reconheço que já está bem melhor.

Aurora está aqui há menos de uma semana e, mesmo nesse curto período de tempo, ela já conseguiu ajudar Amanda de formas que eu nunca fui bem-sucedido. Vivi

também está impressionada. Desde que Aurora chegou aqui, ela reparou que Amanda está errando bem menos a pronúncia do “r” na escola.

— Está quase lá, Mandy! — Aurora a parabeniza, aplaudindo. — É só falar devagar, e se concentrar na pronúncia. Quer tentar de novo?

— Au-ro-ra — ela diz com uma pronúncia perfeita.

Porra, fico tão animado que saio correndo do escritório, onde estou pagando umas contas e respondendo e-mails atrasados.

— Mandy, você falou certo!

Eu a pego no colo e começo a dar voltas com ela pela sala, porque sei que ela adora. Amanda começa a gargalhar, sua banguela me dando vontade de apertar suas bochechas.

— Tio Jack!!! — ela grita quando a jogo para o alto, e volta a dar risadinhas infantis quando a pego de novo no colo.

Quando eu a solto, ela corre para pegar um livro de colorir que Vivi lhe deu de presente. Claro que é da Frozen.

Engulo a irritação e folheio o livro, fingindo interesse com algumas das gravuras, tirando dúvida sobre personagens (já aprendi quem são todos de tanto Mandy falar neles, mas ela adora quando eu pergunto), e sugerindo que ilustrações ela deveria pintar primeiro.

— Quer pintar conosco? — É Aurora quem convida, o que já indica o quanto nossa relação avançou nos últimos dias.

— Infelizmente, tenho que resolver algumas coisas — digo, desejando que eu não tivesse acumulado tanta burocracia enquanto investigava pistas sobre a identidade de Aurora.

— Não fica tris-te, tio Jack — a pequena segura a minha mão, tentando me consolar. Ela sabe quanto eu detesto escrever e-mails. — Au-ro-ra vai *blincar* comigo.

— Brin-car — Aurora repete lentamente.

— Brin-car — Minha pequena pronuncia com perfeição.

Quando eu retorno ao pequeno escritório do rancho, escuto-as gargalhando. Nos primeiros dias, admito que fiquei com ciúmes (só um pouco, diga-se de passagem), mas tenho aprendido a lidar com o fato de que não sou o único herói da vida de Amanda.

Na verdade, em pouquíssimo tempo, entramos numa rotina que está ficando perigosamente familiar. Ao mesmo tempo em que estou contente que Mandy tem uma companhia feminina com uma idade parecida com a da sua mãe, não sei bem como ela vai reagir quando Aurora descobrir quem é e voltar para sua casa de verdade.

Porra, tenho que deixar de ser hipócrita. Nem eu sei como vou reagir, essa é a realidade das coisas. Assim como Mandy, vejo-me mais apegado a Aurora a cada dia que passa. Talvez, trazê-la para o rancho não foi a melhor ideia. Não quero que Mandy perca mais ninguém.

Sento-me na poltrona que era do meu irmão e, com uma má vontade da porra, volto a responder as dezenas de e-mails pendentes. Deveria ter me livrado disso logo na segunda, enquanto Aurora verificava fotos de ex-presidiários, mas acabei postergando.

Quando estou, finalmente, terminando de resolver os assuntos atrasados, a merda do caralho do computador começa a dar pau.

— Caralho! Puta que o pariu! Desgraçado! — xingo e bato na tela, até ouvir um risinho abafado que indica que Mandy me ouviu xingar. De novo.

Segundos depois, Aurora aparece à porta do escritório, com uma expressão surpresa.

— O que o pobre computador fez? Ele é um criminoso também?

— Esta merda não funciona — desta vez, digo baixo o bastante para Mandy não me escutar da sala.

Se ela aparecer amanhã xingando como uma pirata em sala de aula, estou fodido. É capaz de Vivi colocar um processo contra mim, pedindo pela guarda dela.

— Posso ajudá-lo? Sem quebrar o computador? Que não fez nada contra você? — a ironia está clara no tom de Aurora.

— Fique à vontade — levanto-me da poltrona.

Ela levanta uma sobrancelha em minha direção, indicando que vai me dar um sermão da porra quando Amanda for dormir. A mulher não dorme comigo, mal me deixa tocá-la, faz cara de quem comeu merda de vaca quando alguém pergunta se estamos juntos, mas gosta pra cacete de me dar bronca como se fosse a minha mulher!

Pego uma cadeira que fica no canto do escritório e me posiciono ao lado dela, invadindo completamente seu espaço. Sempre que posso, aproveito para ficar perto de

Aurora. Sei que é coisa de *stalker*, mas foda-se; a mulher é cheirosa demais.

Enquanto ela trabalha no meu computador, começa a falar.

— Acho que vou procurar um trabalho em Blue Lake.

Quase caio da porra da cadeira. Nem faz uma semana que ela deixou o hospital e já está ansiosa para trabalhar? Engulo a irritação e digo o mais calmamente possível:

— Quero evitar isso. Não queria que ficasse exposta na cidade até descobrirmos o que aconteceu.

— Mas não há pistas! — ela reclama.

— Eu sei, Aurora. Precisamos ser pacientes. Vamos descobrir alguma coisa.

— Vocês já estão investigando há semanas. Podem levar meses até descobrirem a minha identidade, ou minha memória voltar.

Eu sei que ela tem razão, mas queria evitar isso ao máximo.

— Pode me dar uma semana?

— Não sei se consigo. Uma coisa é passar o dia no rancho quando eu tenho companhia, mas vou enlouquecer se ficar sozinha mais tempo.

— Acha que está pronta para trabalhar?

Não é só com a possibilidade de ter um maníaco atrás de Aurora que me preocupo. Também tenho que levar em conta a saúde dela. Pouco tempo atrás, ela estava em

coma, e nem sabiam se viveria! O Dr. Russo deixou claro que queria que ela repousasse o máximo possível.

Infelizmente, Aurora não parece ser o tipo de pessoa que aceita passar o dia na cama. Eu bem me lembro como ela estava mal-humorada no hospital depois de acordar.

— Acho que sim, mas vou procurar algo tranquilo. Talvez, meio período — ela considera.

— Posso ajudá-la. Vou ver amanhã quem está com vagas na cidade. Para meio período, vai ser mais fácil.

— Obrigada, xerife.

E eu achando que já estávamos mais próximos. Depois de tudo que passamos, ela ainda me chama de xerife?

— Pelo menos na minha casa você pode me chamar de Jack? — digo mais duramente do que pretendia, e ela fica vermelha, e volta a teclar enlouquecidamente no computador. Controlo a voz e pergunto: — Quais são as suas habilidades de trabalho?

— Não tenho ideia. Jack.

Isso dificulta bastante. Não quero que ela trabalhe como garçoneiro em restaurante ou na limpeza de locais públicos, onde há maior probabilidade de pessoas de fora da cidade a notarem. O ideal seria ela trabalhar em algum lugar com poucas chances de haver turistas, mas, em geral, essas vagas exigem maior qualificação.

— Sabe o que gosta de fazer?

Além de cantar as músicas malditas de Frozen, claro.guardo sua resposta, mas ela parece se concentrar em

alguma coisa no computador e volta a teclar como se sua vida dependesse disso. Aurora consegue teclar sem precisar checar o teclado, um talento que eu sempre quis.

— Ah! — ela exclama, toda animada com alguma coisa. Cara, tem algo de muito errado com essa mulher. Além de seu gosto musical duvidoso, ela ainda curte computador? — Consegui resolver seu problema, Jack. Você tinha um vírus.

Vírus? Como assim?

— Mas eu paguei uma grana pelo antivírus.

A vontade que me dá é de pegar a merda do vírus e enfiar no *donut* do desgraçado que me vendeu a merda do antivírus como se fosse a oitava maravilha do mundo.

Aurora afasta a poltrona para eu conseguir verificar o computador. Em apenas alguns toques, percebo que ele está mais rápido, como se fosse uma máquina de última geração.

— Era um vírus mais chatinho, desses que hackers enviam para o seu e-mail. Já tirei o vírus e dei um *upgrade* no seu antivírus. Se quiser, posso investigar quem enviou o vírus para você. — Eu a encaro boquiaberto. — O que foi, Jack?

Porra, e ela me disse que não quais são as suas habilidades. A mulher é uma *nerd* digital! Para ser um vírus que acabou com todas as proteções do meu computador, deve ser coisa mais profissional, não qualquer merdinha que leigos conseguem resolver.

— Acabamos de descobrir uma habilidade sua, Aurora — eu digo o óbvio, porque ela parece não ter reparado o

quanto sua habilidade com computadores é importante em uma cidade do tamanho de Blue Lake.

Para se ter uma ideia, o prefeito descobriu o que era *Snapchat* quando um vídeo dele viralizou no aplicativo. Foi uma turista que o filmou enquanto ele reclamava do aumento de custo da prefeitura com ar-condicionado no verão, exigindo que os funcionários levassem ventiladores portáteis para trabalhar.

O ponto é: em uma cidade pequena do interior do Texas como a nossa, ter noções de computador é um grande diferencial. Enquanto termino de enviar os e-mails, surgem algumas ideias de trabalhos bem seguros para Aurora em minha mente.

Aurora

Meus olhos estão pesados, meu corpo está mole, como se eu tivesse perdido todos os meus ossos, minha cabeça parece ter se transformado em chumbo. Ainda assim, sinto uma necessidade visceral de me mexer, sei que preciso fugir daqui.

Se, por um lado, não consigo me recordar exatamente como cheguei aqui, ou onde “aqui” fica, sei que não vim voluntariamente. Estou aqui, onde quer que seja “aqui”, contra a minha vontade.

Aos poucos, volto a sentir meu corpo, meus músculos, o ardor das feridas, o frio do chão duro, meus cabelos molhados e pegajosos. Sinto meus pulsos presos pelas mãos e, apesar da corda estar frouxa, ainda não tenho forças para me libertar.

Sei que eles conseguiram me encontrar; o problema é que não tenho ideia quem são “eles”. Assim como tenho uma forte sensação de que fui traída, e por alguém que amo, mas simplesmente não consigo me lembrar quem é essa pessoa.

Acho que eu fugi em algum momento. E acho que cometi um erro. O erro foi tentar encontrar aquele que me traiu. Foi

assim que eles e encontraram. Lembro-me dos fatos, mas não consigo me lembrar quem são os envolvidos. Talvez eu tenha sido dopada, talvez eu tenha batido a cabeça. Espero que eu me lembre. Preciso me lembrar, se quiser sobreviver.

O esforço é hercúleo, mas, depois de algumas tentativas, consigo, enfim, abrir os olhos. A luz é fraca, quase inexistente e, juntamente com o cheiro de mofo, a falta de janelas, o ar úmido, e as paredes de pedra, chego à conclusão de que devo estar no subsolo.

Porém, no subsolo de onde? Não há nada ao meu redor que me dê qualquer indício da minha localização. Posso estar no Alaska ou no México, em um castelo medieval ou no porão de uma casa normal.

Não há nada além de paredes rochosas, o chão frio de pedra e minha respiração lenta e laboriosa. Além do som. Sim, há um som. Concentro-me nele, focando todos meus sentidos na audição, e, depois de alguns segundos, consigo discernir suas palavras.

— Já avisei ao chefe. Ele está vindo.

A voz dele é grave; seu tom é neutro e despido de sentimentos, que deixa os pelos da minha nuca arrepiados. Preferiria raiva que nada. Um homem que não sente é um homem que mata sem qualquer peso na consciência.

Ou pior.

Posso estar com um problema de memória, mas sei muito bem por que homens sequestram mulheres sem exigir pagamento de um resgate. Nós pagamos. E caro. Mas não é com dinheiro.

Meu coração acelera, e sinto a bile subir à garganta, mas engulo o vômito que quer sair. Preciso ser forte. Se quiser fugir daqui, eu preciso me concentrar.

— Acha que ele está puto? — um segundo homem diz, e seu tom é preocupado.

— Ele nos deu dois dias para encontrá-la — o primeiro homem diz. — Levamos quase um mês.

Oh, céus. Eles estão falando de mim. Pelo menos, parece que há apenas dois deles, e pelo som de suas vozes, eles não parecem estar muito próximos do lugar onde me deixaram. Provavelmente, esperavam que eu fosse ficar apagada mais tempo.

Porém, há outro homem vindo. O chefe deles. Não sei quanto tempo ele levará para chegar, e duvido muito que venha sozinho. É agora ou nunca.

— Acha... Acha que ele vai nos punir?

Claramente, o segundo homem que me sequestrou teme seu chefe, o que indica que eu também devo temê-lo. Usando a luz bruxuleante como referência, forço-me a ficar em uma posição sentada. Minhas pernas ainda estão fracas, mas preciso usá-las agora.

— Pelo menos, nós a encontramos — o primeiro bandido comenta despreocupadamente, como se sequestrar mulheres fosse uma tarefa rotineira. — Espero que ele nos dê o bônus que prometeu.

Bônus? Isso não é um bom sinal. A cada nova palavra deles, mais eu me convenço que meu sequestro tem motivação sexual. Não sei se o chefe deles quer me

comprar para seu próprio prazer ou para o de terceiros, mas, seja qual for o motivo, não quero descobrir.

Coloco meus pulsos contra a boca e, com algumas mordidas e puxadas, consigo desfazer o nó da corda. Essa foi minha grande sorte; os homens erraram feio ao acreditarem que eu demoraria a despertar, e mais ainda ao pensarem que não precisavam me amarrar com força.

Eu não vou desperdiçar o erro deles.

Meus pés também estão amarrados, mas, com as minhas mãos soltas, consigo soltá-los com menos dificuldade. Usando minhas mãos e a parede do meu lado esquerdo como apoio, vou me levantando, mas bem devagar, pouco a pouco.

Assim como as vozes deles ecoam pelo ambiente, caso eu caia, o som da queda também poderá ser ouvido por eles. Quando estou de pé, ainda escorada à parede, eles voltam a falar.

— O que acha que o chefe fará com ela? — o segundo sequestrador diz, seu tom agora é um misto de curiosidade e animação.

Homem mais cruel. Quando ele acreditava que seu chefe poderia lhe fazer algum mal, teve medo; agora, quando quem será machucada é uma mulher que não tem meios de se defender, ele não sente qualquer empatia.

Não me sinto confortável em desejar mal a ninguém, mas tampouco teria pena se qualquer desses homens sofresse nas mãos de seu chefe. Se eu sentia qualquer receio do que minha fuga poderia lhes causar, o comentário jocoso do bandido me deixou despida de peso na consciência.

— Certamente o chefe vai castigá-la, depois da humilhação que ela o fez passar.

— E na frente de toda a cidade.

Os dois gargalham com o comentário, risadas frias e sem emoção. Eu, por outro lado, estou tremendo tanto que temo cair. Em uma frase, eles me deram duas informações: primeiro, eu conheço o chefe deles. Em segundo lugar, eu fiz algo a ele que lhe causou vexame.

A resposta está na ponta da língua, e, ainda assim, não consigo me lembrar do homem para quem meus sequestradores trabalham. Sei que ele é mau; sinto isso em cada osso do meu corpo, em cada veia que me percorre, profundamente no meu peito. Sei também que não gosto dele, jamais o tolerarei.

Mas quem ele é?

Bem, se eu ficar aqui tremendo como uma folha ao vento, logo descobrirei. Afasto-me um pouco da parede, segurando-a apenas com a palma da mão para testar meu equilíbrio. Minhas pernas ainda estão pesadas, como se eu tivesse sido dopada, mas não estou tão tonta.

Dou um passo, depois dois, e três. Chego à abertura do cômodo. Olho para fora, e vejo que a fonte da luz está bem ao final do corredor, que se abre em um amplo espaço. Não consigo ver os dois homens, mas consigo enxergar sombras se movimentando que devem pertencer a eles.

— Ela é bem bonita — o primeiro comenta —, mas não sei qual é a obsessão do chefe com ela. Ele já comeu dezenas de mulheres tão ou até mais bonitas que ela.

— Essa é especial. Nunca quis nada com ele.

— E sabemos que o chefe tem uma queda por um bom desafio.

Eles voltam a rir às minhas custas. Desta vez, ao invés de enjoo, sinto raiva, e ela me dá força e coragem para seguir em frente.

Saio de vez do cômodo, e começo a caminhar na direção oposta à fonte de luz. Espero que haja uma saída por aqui também.

Caso seja um beco sem saída, não terei alternativa a não ser atacá-los, e tenho a sensação de que esses sequestradores são do tipo de bandido covarde que anda armado até os dentes.

— Acho que merecemos nos divertir um pouco com ela antes de devolvermos a vadia ao chefe. — O segundo bandido, aquele que estava morrendo de medo no início, comenta com uma maldade que me faz querer ir até lá e dizer exatamente o tipo de divertimento que ele terá comigo.

Felizmente, meu instinto de sobrevivência me guia para longe dele. Continuo caminhando, até notar o que parece ser uma porta ao final do corredor.

— Nem fodendo! — o primeiro sequestrador diz, e agora os papéis se inverteram: desta vez, é ele quem está com medo. — Ele nos mata se souber que tocamos nela.

Chego até a porta de madeira. Encosto a orelha à porta, mas não escuto nada do lado de fora. Acho que os únicos bandidos são os dois ao final do corredor.

A porta é antiga, daquelas que rangem ao abrir. Eu uso a maçaneta e a movo o mais lentamente possível, até ter

uma abertura suficiente para passar. Para meu alívio, a porta não faz qualquer barulho, e os homens mudam de assunto, começam a conversar sobre como gastarão o bônus que vão receber pelo meu sequestro.

Sei que pode ser arriscado, mas decido fechar a porta atrás de mim. Desta forma, se eles checarem o corredor, não verão nada de errado, o que pode me dar tempo precioso para me afastar daqui.

O problema é que agora terei de subir as escadas estreitas praticamente às cegas. Antes de fechar a porta, verifiquei que havia dez degraus e, ao final da escada, há outra porta, provavelmente de acesso ao andar principal, e contarei apenas com a luz que passa pelas suas frestas para me guiar.

Enquanto subo, segurando-me por um corrimão de madeira e me guiando pela fresta de luz, minha cabeça lateja mais, e seguro instintivamente o local que está doendo. Está melecado, com algo pegajoso. Está tão dolorido que preciso morder a língua para não gritar.

Coloco a mão encharcada com o líquido pegajoso contra o nariz. É sangue. O meu sangue. Por isso eu desmaiei. Por isso minha memória está falha. Eles devem ter me apagado com uma porrada contra a cabeça.

Volto a subir, desta vez mais rápido. Quando chego ao décimo degrau, estou tão ansiosa para sair que não tomo cuidado ao abrir a porta. Neste caso, ela range. E alto. Pelo menos, a luz do outro lado é natural, consigo ver janelas quebradas com vista para a floresta.

Antes de fechar a segunda porta atrás de mim e sair correndo, escuto os homens discutirem.

— Ouviu alguma coisa?

— Ouvi. Vá verificar.

A casa não tem móveis, e fede a mofo e abandono. Há apenas camisinhas e latas de cerveja espalhadas pelo chão. Parece uma casa que há muito tempo não é habitada, mas recebe visitas de adolescentes procurando por um lugar para beber álcool e ter privacidade.

— Ela fugiu! Ela fugiu! — Ouço um dos homens gritar.

Olho em volta, e vejo as janelas. Poderia fugir por elas, mas estão quebradas, com vidro espalhado por todo lugar. Se eu me ferir ainda mais, não conseguirei ir muito longe.

Provavelmente, estamos no meio do nada. Se houvesse vizinhos por perto, eles não teriam sido tão descuidados comigo.

Do meu lado direito, vejo uma porta de madeira entreaberta. Corro até ela, e a empurro com força.

— Acho que ela está lá em cima! — um dos sequestradores diz para o outro.

Saio correndo. Há um bosque com árvores esparsas, e corro até lá, rezando para que elas me escondam. Ainda é dia e, ao contrário do frio úmido do subsolo, aqui está quente e seco, muito seco.

Com poucos passos, sinto uma forte enxaqueca, e meus pulmões parecem perto de explodir. Quando eu escuto a porta da casa bater, eu me escondo atrás do primeiro arbusto que encontro, com a barriga colada ao chão.

É a primeira vez que olho para trás, que observo a casa de fora. Decerto, a propriedade está abandonada. Porém, ela não é tão isolada como eu imaginava. Atrás dela, do lado oposto de onde saí, há uma estrada de terra.

Por outro lado, eu estava certa sobre os bandidos: ambos seguram rifles poderosos nas mãos, e suas calças parecem de exército, são folgadas e cheias de bolsos que devem carregar mais armamentos.

Abaixo-me ainda mais, até o queixo estar na terra, e sei que estou invisível aos olhos treinados deles.

— Ela não pode estar longe. Vamos nos separar!

Certifico-me que os passos deles estão se afastando antes de ousar levantar a cabeça novamente. Eles foram para a estrada, que seria minha rota de fuga óbvia, caso eu tivesse me dado ao trabalho de olhar para trás antes.

No fim das contas, dei sorte de ter corrido para o bosque, por mais que suas poucas árvores não sejam lá grandes coisas como esconderijo.

Um deles pega um carro, que estava estacionado a uns vinte metros da casa, ao lado de uma moto, onde o segundo sequestrador monta. Cada um deles acelera em uma direção diferente. Assim que eles somem do meu campo de visão, eu me levanto, e volto a correr para dentro do bosque. E para longe deles.

O sol não está muito quente, mas está seco. Pela posição do sol, sei que anoitecerá em umas duas horas. Continuo correndo, até a dor da minha cabeça chegar ao limite do tolerável, até minhas pernas queimarem. Corro até o bosque se tornar um campo de mato alto.

Quando anoitece, continuo correndo. É a única coisa que posso fazer. Pelo menos, não ouço a voz dos sequestradores desde que comecei a correr. Talvez, haja esperança. Talvez, eu consiga sobreviver.

Quando estou começando a acreditar que conseguirei escapar dessa, eu caio em um abismo, e sou tomada pela escuridão.

Aurora

— Não! — eu grito, sem acreditar que fui tão tola de me jogar de um precipício enquanto fugia dos sequestradores.

Sento-me, mas, ao invés da dureza do chão, o que sinto sob meu corpo é a maciez do tecido de algodão, o conforto do colchão. Coloco a cabeça entre os joelhos, e sinto lágrimas escapando dos meus olhos ao me dar conta de que tive um pesadelo.

De repente, sou surpreendida com braços fortes à minha volta, que me puxam contra um corpo grande e duro como aço. A lâmpada do abajur que fica sobre meu criado mudo é acesa, mas nem preciso olhar para cima para saber quem me segura.

Em poucas semanas, já conheço seu cheiro, sua presença, e até seu toque, como se nos conhecêssemos desde sempre. É o xerife Jack McQueen. O homem que salvou minha vida. O homem que me protege desses sequestradores desconhecidos.

O conforto que ele me oferece faz minhas lágrimas se libertarem de vez, e eu choro tanto que chego a soluçar.

— Você está bem, Aurora — ele sussurra no meu ouvido.

Eu sei que estou bem. É por isso que me dou ao luxo de chorar; porque sei que posso ser eu mesma com ele, que ele matará para me proteger.

— Foi horrível, Jack — comento, parecendo que tenho um bolo de concreto na garganta.

— Pesadelo?

Minha garganta não consegue formar as palavras, então só me resta acenar para Jack. Olho para cima, e sou surpreendida por um olhar tão intenso que me faz tremer. Ele me aperta ainda mais em seu abraço, passando seu calor para mim, provavelmente achando que minha reação foi por causa de medo. Queria eu que tivesse sido isso.

Desde que o conheci, o xerife sempre foi capaz de me tirar do sério. Também foi o único homem, desde que acordei do coma, que me deixa nervosa de um jeito que não consigo explicar.

Quando ele me observa, é como se conseguisse revelar todos meus segredos, mesmo aqueles que eu desconheço.

Ao me acusar de ser uma foragida da lei, mal sabe ele que eu também temia essa possibilidade, eu também me questionava se minha amnésia não era uma forma do meu cérebro escapar da culpa por algo que eu havia feito.

Cheguei a pensar se eu não tinha me jogado daquele precipício de propósito. Esta noite, descobri que muitas das minhas suspeitas estavam erradas, e uma das mais assustadoras delas estava correta.

Talvez, tivesse sido melhor que minha queda fosse resultado de uma tentativa frustrada de suicídio.

Agora, terei que lidar com o fato de que não apenas o xerife estava certo, como também há pelo menos dois bandidos à minha procura.

Como se pudesse ler meus pensamentos, como se soubesse que eu não estou em condições de lhe dizer mais nada, ele começa a me ninar. Sua mão acaricia minhas costas, e meu corpo vai relaxando pouco a pouco, até eu estar sonolenta de novo.

De repente, sua voz rouca ressoa no ambiente, quebrando o silêncio.

— Quer me contar com o que sonhou?

Ele merece saber. Céus, ele *precisa* saber. Se tem alguém que pode descobrir quem são os homens que me sequestraram, esse alguém é Jack. Ele pode ser o xerife de uma cidade pequena, mas é um homem extremamente profissional.

Mal o conheço, mas estou certa de que Jack somente vai parar quando encontrá-los e colocá-los atrás das grades. Ou matá-los. Engulo em seco pensando nessa possibilidade, junto coragem e começo a falar, sem conseguir olhar em seus olhos:

— Eu estava em um lugar escuro, para onde dois homens tinham me levado à força. — Respiro fundo. — Eu consegui fugir. O pesadelo terminou com a queda que você viu.

— Merda... — ele xinga, mas não parece chateado comigo, e sim consigo mesmo. — Talvez tenha sido por causa da nossa visita ao local do acidente. Eu tenho enfiado tanta informação na sua cabeça nos últimos dias que seu cérebro criou uma explicação para o que aconteceu.

Ele se culpa pelo pesadelo. Se tivesse sido daqueles pesadelos surrealistas, em que fazemos coisas impossíveis e que não fazem sentido, eu até poderia concordar com Jack.

Mas eu me lembro de todos os detalhes; do cheiro de mofo da casa; da sensação da parede de pedra fria contra meu corpo; do incômodo no estômago que sentia toda vez que ouvia suas vozes; da fraqueza do meu corpo e da força do meu desespero ao fugir.

Lembro-me até mesmo da sensação do mato alto contra meus braços enquanto eu corria pelo campo aberto. Como minha cabeça martelava de dor e, ainda assim, eu fazia um pé ficar na frente do outro. De como eu me senti perto da morte ao cair do precipício.

Se fosse apenas um sonho, não teria tantos detalhes. E, mesmo quando temos a sensação de que o sonho foi real, não conseguiria me lembrar tão vividamente desse se não fosse uma memória, uma lembrança de algo que realmente aconteceu.

— Parecia tão real... — explico para ele, torcendo para que acredite em mim. Se ele não acreditar, quem vai? — Eu acho que foi verdade.

— Acha?

— Jack, eu *sei* que foi de verdade.

Ele acena uma vez, como se aquilo fosse assunto encerrado.

— Está bem o suficiente para descrever o pesadelo?

É disso que eu gosto nele; Jack é cabeça dura, é teimoso, e acha que manda em todo mundo, mas se ele acredita em uma coisa, não vai pedir mais qualquer explicação. Apenas passa para o problema seguinte.

— Sim, estou.

Relato para ele, em linhas gerais, o que se passou no pesadelo. Quando termino, sinto uma dor de cabeça chegando, mas sei que Jack não se dará por satisfeito até saber de todos os detalhes. Provavelmente, passará a próxima hora me interrogando sobre o que sonhei.

Vou ter que aguentar o quanto for preciso. O que é uma dor de cabeça perto da importância das informações que posso lhe passar? Pela primeira vez, temos uma pista, temos algo concreto para tentarmos descobrir quem eu sou.

— Você viu a casa quando saiu? — ele questiona depois de pensar um pouco na história que lhe contei.

— Sim, parecia abandonada há muito tempo.

— Ela tinha janelas arqueadas e uma porta pintada de azul?

Meu coração acelera. A descrição bate perfeitamente com a casa do meu pesadelo! Algumas janelas estavam completamente destruídas, mas era possível ver seu formato. E a porta pela qual eu saí estava com a pintura quase que completamente desgastada, mas ainda havia traços do azul que um dia fora.

— Você sabe que casa é essa?

— Sim, nós verificamos — ele afirma. — Não há um porão sob a casa, entretanto. No subsolo, há uma antiga adega.

Isso também faz sentido com o que eu vi. Agora que ele mencionou, inclusive, consigo me lembrar de sentir cheiro de vinagre lá embaixo, como vinho estragado. E o ambiente era muito frio, provavelmente deixaram tudo coberto de pedras com o propósito de manter a temperatura adequada para os vinhos.

— Notamos que alguém havia estado lá nas últimas semanas — Jack continua explicando —, mas alguns adolescentes da região vão lá para fazer festas, às vezes. Achamos que pudesse ter sido o caso.

Com certeza foi o caso, eu calculo, lembrando-me das camisinhas usadas espalhadas pelo chão e das latas de cerveja vazias. Porém, se a casa foi usada por outras pessoas, será mais difícil eles conseguirem identificar o DNA ou digitais dos bandidos.

— Acha que poderá encontrar algo na casa que indique quem eu sou? — pergunto. — Ou quem são os sequestradores?

— Vamos descobrir amanhã — ele me observa por um momento, parecendo querer perguntar algo que vai me incomodar. — Os homens fizeram algo que possa nos ajudar a identificá-los?

Sei do que ele está desconfiando. Jack está perguntando, de uma maneira sutil, se fui estuprada. Considerando que eles teriam que ficar bem próximos a mim para me estuprarem, eu teria como descrevê-los com detalhes.

O Dr. Russo me explicou que precisou contar a Jack que o teste de estupro deu negativo. Porém, o que ele não contou

a Jack foi que o teste deu negativo porque eu sou virgem.

Provavelmente, Jack quer se certificar se o resultado do teste não estava errado; às vezes, eles são inconclusivos.

Quero tranquilizá-lo, mas, ao mesmo tempo, não tenho coragem de lhe contar sobre a minha total falta de experiência sexual. É íntimo demais, e vai complicar sentimentos entre nós que já estão bastante complicados.

— Eles não fizeram nada — digo, e sinto seu corpo relaxar contra o meu. Em seguida, lembro-me de uma informação relevante. — Mas disseram coisas que podem nos ajudar.

— O quê?

— Eles... Eles comentaram algo bem estranho. — Uma linha se forma entre seus olhos. — Os sequestradores disseram que iam me entregar para outro homem. O chefe deles.

— Merda. Então não foi um sequestro para pedir resgate.

— Tive essa impressão. — Concordo com ele. — Eles falaram que o chefe deles ia pagar um bônus por eles terem conseguido me encontrar. Aparentemente, estavam me procurando há um mês.

— Um mês? — ele me coloca sobre o colchão e se levanta, começando a caminhar de um lado para o outro do quarto. Como suas pernas são longas, basta quatro passos para ele chegar de um canto a outro. — Porra, então você pode ter vindo de qualquer parte dos Estados Unidos. Vou verificar as listas de desaparecidos de outros Estados.

— Mas são cinquenta Estados! — eu o recordo.

— Eu bem sei — ele se senta ao meu lado no colchão, e segura as minhas mãos. — Vou tentar primeiro os Estados mais próximos, mas não vou parar até descobrir quem são eles, Aurora.

— Obrigada, Jack.

Ele passa as mãos pelos cabelos novamente, um gesto que faz quando está ansioso. Como sempre acontece quando ele faz isso, eu tenho um desejo louco de substituir sua mão pela minha.

Ele tem cabelos negros e lisos, que parecem sedosos. Sua barba, apesar de aparada, lhe dá um ar de pura virilidade. Os olhos têm um tom acinzentado, parecem ser capazes de arrancar as roupas de uma mulher com o olhar, ou fazer um criminoso mijar nas calças.

O mesmo talento que Jack tem para ser ameaçador, ele tem para seduzir. Eu ouvi suas histórias. Tudo bem que a maior parte delas ocorreu quando ele era bem mais jovem, muitos anos antes de se tornar xerife, mas, ainda assim...

As mulheres falam dele como se ele fosse capaz de seduzir até uma idosa em coma há vinte anos.

Fecho os olhos, tentando manter uma barreira entre nós, mas eu sinto seu cheiro, que é tão tentador quanto seu rosto. Jack cheira ao ar livre, a liberdade, a macho alfa. Sei que parece loucura, mas, quando ele está por perto, prefiro nem olhá-lo, com medo de não conseguir parar.

Passo a língua pelos lábios, que estão secos, e, quando abro os olhos, ele está encarando a minha boca. Sei que, se não disse algo agora mesmo, ele vai me beijar. Jack está se segurando, está mantendo uma distância para me deixar

confortável, mas eu já vi e já até *senti* sua ereção. Várias. Vezes.

Minha atração por ele pode ser louca, mas é recíproca.

Eu não queria confiar nele. Não queria desejá-lo. Não queria me sentir tão segura em sua companhia. Por isso, tento me manter fria. A frieza o afasta. E o meu olhar agora é tudo, menos frio. Preciso dizer algo. Preciso expulsá-lo do quarto, mas as palavras me fogem.

Nós nos encaramos, e, apenas com o olhar, ele me diz todas as coisas que deseja fazer comigo. Sei que elas envolvem nós dois juntos, pelados, nesta mesma cama. Sinto algo pulsando dentro de mim, algo que desperta toda vez que estamos juntos.

Sei também que Jack não me machucaria, mesmo eu sendo virgem. Ele é um homem experiente, e as mulheres com quem ele teve casos parecem sofrer de falta de ar quando falam dele. E isso porque elas dormiram com Jack quando ele ainda era adolescente.

Imagina agora, ele sendo um homem experiente e viril, seguro de si (talvez, até demais)? Se ele já era um garanhão antes, hoje, ele deve ser capaz de fazer uma mulher se apaixonar com um toque. E é a última coisa de que preciso no momento.

O Jack-homem é ainda mais experiente, ainda mais sedutor, e, por isso mesmo, muito mais capaz de partir meu coração. Acho que, em parte, ele ainda não tentou nada comigo porque, além da minha frieza, ele acredita na possibilidade de eu ser casada.

Se ele descobrir como essa situação é impossível, nem mesmo minhas respostas grossas e meus olhares gélidos

serão capazes de mantê-lo à distância. Eu tampouco serei capaz de resisti-lo.

Sei que jamais me forçaria a nada, se eu dissesse não. O problema não é ele. Sou eu. Porque, a cada segundo que passo com ele, mais incapaz eu me sinto de lhe dizer não. Por isso, preciso evitar que fiquemos em uma situação em que eu precise negá-lo. Como agora.

Não estou pronta para nada romântico. Uma parte de mim deseja Jack, mas outra, ainda maior, tem um senso de autopreservação. Sinto como se eu precisasse me manter afastada de todos os homens.

Porém, vejo a determinação de Jack em seu olhar. Ele vai fazer de tudo para destruir minhas barreiras, e elas já começaram a ruir. Morar com ele não é só inconveniente, é uma péssima ideia se eu quiser evitar seus avanços.

Ele inclina a cabeça, aproximando seu rosto do meu. Preciso dizer algo, ou empurrá-lo, ou demonstrar de alguma forma – qualquer forma – que não desejo que ele me beije. Infelizmente, meu corpo ignora meus pensamentos e se mantém imóvel.

Quando nossos lábios estão praticamente se tocando, uma voz infantil diz da porta:

— Tio Jack! O que está fazendo aqui? Ela não é sua *namorada*! — Amanda está tão irritada que bate os pezinhos no chão.

Ela está tão fofa, me protegendo como se fosse a Mulher Maravilha, que nem tenho coragem de corrigi-la. Mordo a parte interna da minha boca para não gargalhar, enquanto os lábios de Jack viram uma linha.

— Vim ajudar Aurora, Mandy — ele responde seriamente, claramente irritado por ter o beijo interrompido.

Notando que o clima romântico foi para o espaço, ele se levanta da cama, caminha até sua sobrinha, e a pega no colo, mas ela diz que precisa me perguntar uma coisa.

— Au-ro-ra. — Mandy pronuncia devagar, como eu ensinei. — Você está bem? Tio Jack te assustou?

Novamente, quero gargalhar do comentário. Ela está insinuando que o tio está mentindo? Ele parece ainda mais enervado, mas eu lhe dirijo um sorriso, e sua expressão relaxa de imediato. Em seguida, olho para a pequena pessoa que já me conquistou por completo.

Não há barreiras que impeçam Amanda McQueen de fazer alguém se apaixonar por seu jeito espontâneo.

— Não, querida — continuo sorrindo. — Seu tio Jack me protegeu.

— De quem? — ela questiona, meio desconfiada.

— Dos meus sonhos.

Aurora

Revirei várias vezes na cama, e sei que tive mais pesadelos antes de conseguir, enfim, ter um sono tranquilo. Sinto o cansaço me puxando para a inconsciência, sinto-me entrando em outro sonho. Desta vez, entretanto, acho que não é pesadelo; sinto-me segura, protegida, como se nenhum mal pudesse me acontecer neste sonho.

Mas será que é mesmo um sonho? Sinto o calor sob o cobertor de algodão, sinto o cheiro do meu shampoo de baunilha sobre o travesseiro e, quando abro os olhos, vejo as sombras do quarto do Rancho McQueen.

A familiaridade me deixa confortável, como se, mesmo estando aqui há pouco tempo, este já tivesse se tornado meu lar. Sei que pode ser efeito da amnésia; como não me lembro quem eu sou, de onde sou, ou onde está a minha família, eu me conectei com o primeiro lugar em que me hospedei depois do hospital.

Por outro lado, é mais que a amnésia. Não há prazer maior no meu dia que acordar ouvindo a risada de Mandy, ou tomar uma xícara de café no quintal gigantesco do rancho, cujas terras vão além do horizonte que meus olhos podem enxergar.

Adoro os cheiros daqui, sinto-me acolhida pelas pessoas de Blue Lake e devo admitir que até mesmo o xerife tem um espaço no meu bem-estar; sinto-me completa e absolutamente segura perto dele.

Antes que me dê conta do que estou fazendo, já estou de pé, caminhando pelos corredores do rancho, tentando ser o mais silenciosa possível para não acordar Amanda ou Jack. Ainda é noite, mas o céu começa a clarear discretamente, indício de que o sol nascerá em alguns minutos, meia hora no máximo.

De repente, sou engolida por uma necessidade inexplicável de assistir ao nascer do sol. Qual foi a última vez que relaxei enquanto observava o sol nascer? Meu cérebro machucado não consegue se recordar, mas algo em meu cerne me diz que, antes do acidente, minha vida não permitia que eu aproveitasse os pequenos bons momentos.

Bem, eu não vou perder este.

Saio silenciosamente da casa, e delicio-me com a brisa fresca que bate contra meu corpo. Uso uma das muitas peças de roupa que os funcionários do hospital compraram para mim. É uma camisa de algodão, que bate no meio das minhas coxas, com mangas longas e estampa de corações coloridos.

Apesar de simples, representa o carinho das pessoas de Blue Lake, então, para mim, é extremamente valioso. A camisa é confortável, mas deixa minhas pernas expostas, então sinto minha pele ficando arrepiada com o contato com o vento levemente frio. Ainda assim, dou um passo para fora da varanda que cerca a casa.

A sensação da grama úmida sob meus pés é prazerosa. Fecho os olhos e inspiro profundamente, deliciando-me com

o cheiro de natureza, mato, terra. Continuo caminhando na direção dos pastos, onde é mais alto, de onde poderei ter uma vista ainda mais agradável do nascer do sol.

Estou a uns cinquenta metros da casa quando escuto. O som de alguém pisando sobre a grama atrás de mim. Viro-me rapidamente, e logo identifico uma figura alta caminhando na minha direção.

Depois do meu pesadelo com sequestradores, não penso duas vezes. Disparo na direção oposta da figura, correndo para as árvores altas. Se tiver sorte, consigo alcançá-las antes dele; se tiver sorte, conseguirei me esconder do desconhecido até ele se afastar e eu poder retornar ao rancho.

Quando estou chegando na linha das árvores, mãos grandes e quentes agarram-me pela cintura, me viram de frente para o desconhecido, que me empurra contra o tronco de uma árvore, deixando-me presa entre seu corpo musculoso e o tronco.

— Aurora? — A voz rouca de Jack sussurra.

Levanto a cabeça e, apesar das sombras esconderem seu rosto parcialmente, consigo discernir seus traços.

— O que faz aqui? — Exijo saber.

— Eu moro aqui — ele diz em tom de ironia, recordando-me que este rancho pertence à sua família, e *eu* sou a visita.

Sinto minhas bochechas queimando pela sua falta de modos.

— Bem sei que mora aqui, xerife — uso seu título, pois sei que o meu distanciamento frio o irrita. — Quis dizer, por que está aqui fora? E por que me atacou?

— Eu a vi da minha janela e não a reconheci.

Isso eu sei que é uma mentira. Se ele achasse que eu era uma estranha, duvido que teria se aproximado caminhando em minha direção sem tomar cuidado para não ser ouvido. Além disso, ele teria saído do rancho armado, não vestido apenas com cueca *boxer*.

Sim, o xerife Jack McQueen não usa camisa, assim como eu não uso calça. O que significa que estamos colados e com poucas camadas de tecido entre nós.

— Você está louco? Perseguir uma mulher assim, no meio da noite?

— Eu não a estava perseguindo, apenas queria checar o que estava acontecendo. — Ele afasta meus cabelos do rosto, e deixa seus dedos roçarem pela lateral da minha cabeça, enquanto encara meus lábios. — Não consegui dormir depois do seu pesadelo.

— Nem eu. — Sabendo que, mais uma vez estou a poucos segundos de ser beijada, decido focar na discussão que iniciei. — De qualquer maneira, não precisava ter me assustado assim. Você tem noção do que uma mulher passa em uma situação como esta?

— Susto? Assim como qualquer homem? — Um sorriso surge em seus lábios, eu posso ver, mesmo na escuridão parcial.

— Deixa de dar uma de engraçadinho! — esbravejo, empurrando contra seu peito, mas ele nem se move. Pelo

contrário, ele se aproxima ainda mais, achatando meus seios contra seu estômago. — Eu achei que você era um estuprador, ou um assassino, ou um dos meus sequestradores!

Sei que estou exagerando, mas quero distraí-lo de sua óbvia intenção de me beijar.

— Não queria assustá-la, Aurora — ele sussurra. — Mas eu já te disse, você está segura no meu rancho.

— Está próximo demais, xerife.

Deveria sair como uma reclamação, mas eu praticamente solto um gemido quando ele me levanta para ficar da mesma altura dele. Ele me segura no lugar com o peso de seu corpo me esmagando contra o tronco, e uma perna grossa e musculosa entre as minhas coxas.

— Vamos ter essa merda de conversa de novo? — as palavras são rudes, mas seu tom é sensual. Ele está me seduzindo, e estou me deixando ser seduzida. — No meu rancho, quero que me chame de Jack.

— Então talvez eu não deva mais ficar no seu rancho, xerife.

Foi a coisa errada a dizer.

Ele solta um grunhido, e as mãos que me seguravam pela cintura agora me prendem pelos quadris, e seu rosto fica tão próximo que sinto seu bafo quente contra a face, nossos lábios roçando em um toque sensual e íntimo.

— Mulher ingrata! Sabe o que outros homens fariam se tivessem uma beldade como você dentro de casa? — ele

rosna, e esfrega a perna contra a minha virilha, oferecendo-me uma explosão de prazer.

Entretanto, não posso lhe dar um centímetro sequer. Ele precisa me respeitar, precisa manter a distância que exijo. Por isso, engulo o gemido preso em minha garganta e digo em um tom irritado:

— Um homem de verdade jamais se forçaria sobre uma mulher!

Sei que atacar sua masculinidade é perigoso, mas é a última arma que tenho. É a *única* arma que tenho. Sei que, se ele me beijar, não farei absolutamente nada para impedi-lo. Apenas espero que ele não saiba.

— Aurora, deixa de fingimento. Apenas não estou enterrado em você neste momento porque a respeito. Porque você definitivamente não diria “não”.

Ah, então ele sabe.

— Seu arrogante filho de uma...

Detesto xingar, mas o xerife me tira do sério. Ele, entretanto, me impede de terminar de gritar minhas ofensas. Em um momento, estávamos brigando; no seguinte, os lábios dele estão sobre os meus.

O beijo do xerife Jack McQueen não é gentil; ele não começou a me beijar suavemente, para que, aos poucos, eu fosse dando permissão para avançar. Ao invés disso, ele me beija com uma intensidade furiosa, uma mistura de paixão e desespero que quase machuca meus lábios, mas me dá muito prazer.

Por mais que deteste frases clichês, sei que este beijo estragou o beijo de qualquer homem daqui para frente.

Jack me beija com os lábios, com a língua, com as mãos, com o quadril, com a ereção, com o corpo. E eu respondo com tudo o que tenho também. Enquanto ele invade minha boca com sua língua, eu respondo com gemidos de prazer.

Quando suas mãos me seguram pela cintura, e ele me mantém fora do chão pela pressão que faz contra o meu corpo e o tronco da árvore, eu enrosco minhas pernas em volta dos quadris dele, movendo-me para cima e para baixo, em um ritmo que deixa a ereção dele cada vez mais pulsante entre minhas coxas.

Uma das mãos dele sobe para minha nuca, me aproximando ainda mais dele, como se fosse possível, como se nós não estivéssemos praticamente engolindo um ao outro.

Faço algo que desejo desde que o vi pela primeira vez; meus dedos passam pelos cabelos dele, sedosos e cheios. Quero penetrar suas barreiras, assim como, lá no fundo, desejo que ele faça o mesmo comigo.

É um sentimento perigoso, considerando nossa situação, em que nem sequer deveríamos nos envolver sexualmente, muito menos emocionalmente. Nós mal nos conhecemos, eu sei pouquíssimo sobre ele, e nenhum de nós dois sabe qualquer coisa sobre mim, nem mesmo meu verdadeiro nome.

Porém, não quero pensar nos problemas agora; quero apenas senti-lo. A barba dele roça meu rosto, deixará marcas vermelhas com certeza. Estranhamente, saber que eu serei marcada por ele de alguma forma, que terei a

prova do que nós estamos fazendo sobre a minha pele, me deixa ainda mais excitada.

Amanhã, meus lábios estarão inchados, meu rosto ficará avermelhado por causa da aspereza de sua barba, e terei olheiras profundas, porque não há qualquer chance de eu voltar a dormir depois deste beijo. E será que ficaremos apenas no beijo?

Como se pudesse ler meus pensamentos, como se me invadir com sua língua não fosse mais suficiente, Jack passa a morder meus lábios, a puxá-los entre seus dentes, a lambê-los, a chupá-los em seus cantos.

Ele passa longos – e deliciosos – minutos nesta tarefa, como se fosse a mais importante da sua vida, como se quisesse garantir que nenhum milímetro de minha boca ficará intocado por ele.

Apenas para quando nós dois precisamos respirar, colocando sua testa contra a minha, movendo seu quadril como se já estivéssemos na cama, nus.

Só de pensar em Jack em cima de mim, repetindo aqueles mesmos movimentos dentro de mim, eu quase chego ao ápice. Minhas entranhas pulsam, de um desejo que me queima por dentro, fazendo-me sentir músculos que eu nem sabia que existiam até este momento.

Mesmo através das camadas de tecido, eu consigo sentir que ele é grande e grosso. Engulo em seco, começando a sentir um misto de insegurança e ansiedade por tê-lo dentro de mim.

A sensação me deixa arrepiada dos pés à cabeça.

— Nossa, Aurora, seu gosto é maravilhoso. — Sua voz está tão rouca que eu mal a reconheço. — Mal posso esperar para experimentar o gosto de sua boceta.

Aurora

Quando abro os olhos, já é manhã. Estou coberta por uma fina camada de suor, e meu coração está acelerado. Juntos as pernas, sentindo a umidade entre elas.

Eu achei o pesadelo do sequestro realista, mas ele nem se compara com o sonho com Jack. E olha que o pesadelo do sequestro deve ser de verdade. O sonho com Jack, infelizmente, não foi.

Céus, sinto meu corpo vibrar de desejo quando me lembro do gosto da boca dele, na sensação de seu bafo quente contra o meu rosto, no som da sua voz rouca dizendo baixarias, no jeito desesperado que ele me tocou, na forma como nossos corpos pareciam ter sido feitos para ficarem colados.

Aurora Jones, seja realista e pare com essa palhaçada!

Sentir esse nível de atração pelo xerife Jack McQueen é uma péssima ideia. Já seria perigoso se eu fosse apenas uma mulher inexperiente que vive na pequena cidade de Blue Lake, onde ele é conhecido por sua lista considerável de conquistas na região.

Agora, sendo uma mulher sem qualquer memória do passado e sem ideia de como será meu futuro, isso é ainda pior. Estou vulnerável, o que torna mais fácil eu me apaixonar por ele. E me decepcionar depois.

Se nós ficarmos e não der certo, tenho certeza de que ele, experiente que é com esse tipo de relação, seguirá sua vida tranquilamente, enquanto, que, por ora, sou dependente dele, ficarei amargurando, de coração partido.

Decido ignorar o sonho, fingir que simplesmente não existiu. Queria que fosse simples assim em relação aos meus sentimentos. Nem sei como conseguirei encarar Jack hoje depois do sonho. Tenho que me lembrar de não chamá-lo de xerife.

Espreguço-me, tentando relaxar meus músculos tensos, quando minha mão alcança algo. Estranho. Não me lembro de ter trazido nada para a cama ontem à noite. Ao tatear um pouco, noto que o objeto tem o formato do tubo do meu hidratante de corpo.

Por outro lado, não faz sentido ser o meu hidratante, porque está quente e eu posso jurar que pulsa na minha mão e...

— Porra, Aurora — a voz rouca de Jack sussurra ao meu lado —, eu não quero me aproveitar de você, mas se você apertar meu pau assim, vai ser impossível.

— Oh! — É a minha resposta brilhante e eloquente.

Ai. Meu. Senhor. Acabei de pegar nas partes íntimas de Jack? Só para ficar registrado, o tubo dele é ainda maior do que no sonho.

Por que eu acabei de pensar nisso? Tenho é que descobrir o que ele está fazendo na minha cama! Será que o sonho foi real? Ou eu estou ficando louca?

Bem, ao menos o comentário dele pode me apaziguar. Se ele disse que não quer se aproveitar de mim, é porque não rolou nada muito sério entre a gente. Ainda assim, isso não quer dizer que a gente se beijou. A cada segundo que passa, fico com mais dificuldade em separar o que é realidade do que é sonho.

Ele veio ao meu quarto depois do meu pesadelo. Será que ele ficou por aqui? Ou será que eu realmente saí para ver o nascer do sol? Quero lhe fazer mil perguntas, mas, para o caso do beijo ter sido somente um sonho, não posso questionar diretamente o que rolou ou deixou de rolar entre nós dois.

— Caralho, Aurora, para de me apertar, senão vou ter que me enterrar em você. E vou sair só depois de algumas semanas...

Arranco a mão do tubo dele no susto. Enquanto eu estava considerando o que fazer a seguir, não me dei conta que ainda estava segurando – e apertando – suas partes íntimas.

Oh, céus. Se eu já não sabia como o encararia hoje, agora é que nunca mais serei capaz de olhar nos olhos do xerife Jack McQueen.

— Por que você está na minha cama?

— Você não se lembra? — ele questiona com um olhar preocupado.

Então realmente aconteceu?

— Ah, meu Deus. Eu achei que tivesse sonhado com isso!

— Sonhado? — agora é Jack quem está falando como se tivesse amnésia.

— O beijo, Jack! — reviro os olhos de impaciência por ter que explicar. — Nós dois contra a árvore lá fora.

— Você sonhou que a gente se beijou? — ele questiona com um meio sorriso, suas pupilas ficando dilatadas.

Ah, não. Eu e ele estamos falando de coisas bastante diferentes. Realmente aconteceu alguma coisa na noite passada, algo que justifica sua presença na minha cama, mas não foi um beijo e, pelo olhar de Jack, não foi nada romântico.

Ele parece bem surpreso – e satisfeito, diga-se de passagem – que eu sonhei que estávamos nos beijando. Se ele soubesse como eu me senti...

— N-não — minha voz trêmula é zero convincente.

Os olhos dele me observam intensamente, fazendo eu me sentir um rato nas garras de um gato gigante e mal-intencionado.

Antes que eu possa reagir – ou fugir – Jack me vira de forma que eu fique com as costas no colchão, enquanto ele se apoia sobre um ombro, seu corpo tão próximo ao meu que consigo sentir seu calor.

Olho discretamente para baixo, e noto que a ereção dele continua firme e forte sob a cueca. Meus olhos sobem devagar, devorando cada detalhe de seu corpo exposto. O abdômen definido, o peitoral forte, os ombros largos, os

braços musculosos. Perto dele, pareço uma boneca de porcelana, frágil, delicada e pequena.

Subo mais o olhar, e vejo um pescoço grosso, um queixo quadrado e másculo, coberto por uma barba aparada, e lábios rosados e cheios. Lembro-me de como foi delicioso beijá-lo no sonho, a sensação macia dos lábios misturada à aspereza da barba.

Os cantos de seus lábios curvam-se para cima, e, quando meus olhos alcançam os dele, sei que já perdi essa batalha. As minhas bochechas estão queimando.

— Você é uma péssima mentirosa, Bela Adormecida — ele sussurra, e dá um beijo casto no meu nariz. É inocente e íntimo ao mesmo tempo. Apesar do toque ser íntimo, sinto meu corpo ficando arrepiado. — Então quer dizer que, depois de rir do meu sonho safado contigo, você teve seu próprio sonho safado comigo?

Sei exatamente do que ele está falando. Pouco tempo depois que eu cheguei ao rancho, ele acordou o rancho inteiro no meio da noite, gritando meu nome e gemendo, então ficou bem claro qual era a natureza do seu sonho, apesar de ele jurar para Mandy que foi um pesadelo do meu acidente.

— Não foi exatamente safado... — respondo timidamente.

— Me conta como foi, Aurora — ele segura meu rosto com suas mãos enormes, praticamente cobrindo-o.

Quero puxá-lo para mim, quero mostrar a Jack como foi o sonho, ao invés de simplesmente lhe contar.

Quero descobrir se seus lábios são tão macios quanto eu sonhei, se seu beijo me fará queimar por dentro como no sonho, se eu sentirei que pertenço a ele, que eu nasci para estar em seus braços.

Como se pudesse adivinhar minhas intenções, ele segura meus pulsos contra o colchão, em cada lado do meu rosto, e sobe em cima de mim, deixando-me presa pelo seu corpo, como ele fez contra o tronco da árvore. Sinto a ereção dele entre minhas pernas, e meu corpo age por conta própria, arqueando na direção dele.

Apesar da minha atitude gritar que eu o desejo, minhas palavras são de rejeição. Espero apenas convencê-lo a não começar nada agora, porque, do jeito que estou úmida e sedenta por ele, não conseguirei parar.

— Pare com isso, Jack — é mais um pedido do que uma ordem. — O que exatamente aconteceu esta noite? Por que você veio para a minha cama?

Minha expressão preocupada deve tê-lo convencido de que, pelo menos em relação a esta parte da noite, eu estou sendo sincera, e realmente não tenho ideia do que aconteceu.

— Você voltou a fazer barulho à noite — ele explica, observando cada mudança de expressão do meu rosto com aquele olhar intenso de policial dele. Deus me livre ele algum dia achar de verdade que sou suspeita de um crime. Sei que eu confessaria em menos de dez segundos. — Eu me deitei ao seu lado e te abracei até você ficar tranquila de novo.

Meu peito aperta com a fala dele. Sei que ele não é o tipo de homem acostumado a ser rejeitado por uma mulher,

muito menos passar a noite ao seu lado sem tentar nada com ela.

Até mesmo agora, depois de eu ter segurado sua ereção (e apertado), ele está em cima de mim, e consigo sentir o quanto ele está excitado, mas ele continua mantendo uma distância segura dos meus lábios.

Também, ele nem precisa me beijar na boca, do jeito que seu corpo está colado ao meu, dos dedos dos pés aos ombros.

— Só isso aconteceu?

Não estou chamando o xerife de mentiroso, longe disso. Apenas quero me certificar de que cem por cento do sonho do beijo foi realmente só isso: um sonho.

— Claro que não foi só isso, Aurora. Esqueceu do bom dia que você me deu agora há pouco?

Se não fosse óbvio que ele está se referindo ao fato de eu agarrar sua ereção, ele pressiona seus quadris contra os meus, esfregando-a contra o meu centro, deixando-me ensopada.

Quero pedir que ele pare, mas apenas um gemido sai da minha boca.

— Oh!!!!

É neste momento embaraçoso e nada discreto que nós ouvimos uma risadinha vindo da porta do quarto. Ai. Meu. Senhor.

Olhamos juntos na direção do som e, para o meu absoluto choque, vejo a pequena Amanda parada na

abertura da porta, agarrada a um bichinho de pelúcia, seu cabelo embaraçado e jogado para todo lado, seu pijama completamente amassado, e seu rosto exibindo um sorriso infantil e travesso.

— Mandy? — uma linha se forma entre os olhos acinzentados de Jack.

Ele provavelmente está se perguntando o mesmo que eu: há quanto tempo ela está aí?

— Vocês estão fazendo coisas de adulto? — ela questiona com um ar de quem nos pegou fazendo algo errado, as pequenas mãos indo para a sua cintura, o bichinho de pelúcia esquecido no chão.

— Não! — grito.

— Sim — Jack diz em um tom conspiratório, fazendo sua sobrinha esperta demais para a idade gargalhar alto.

Se eu não estivesse em uma situação tão vergonhosa, a agarraria e a beijaria um milhão de vezes. É impressionante como Mandy consegue atravessar todas e quaisquer barreiras. Ela é tão autêntica e fofa que é simplesmente impossível resisti-la.

Ela começa a bater palmas e faz sua dancinha de vitória.

— Oba! O tio Jack tem uma *namolada*!

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela sai gritando pela casa, e Jack sorri em minha direção;

— Parece que as solteiras da cidade vão voltar a fazer planos de vingança contra você Aurora — abro a boca para mandá-lo ir pastar, quando ele encosta os lábios aos meus

para finalizar: — Mas não se preocupe. Ninguém além de mim vai encostar em você.

Jack

Já se passou quase uma semana desde o “incidente” na cama de Aurora e, desde então, ela mal consegue me olhar nos olhos. Pelo menos, ela não está mais tão fria comigo; mas fica vermelha sempre que estou no recinto.

Sei que ela me quer. Ela pode não gostar disso, mas está cada vez mais claro que me deseja. Aurora apenas está com medo dos próprios sentimentos. Como não quero assustá-la ainda mais com esse assunto, estou lhe dando um tempo até ela aceitar que nós dois seremos um casal, quer ela quera, quer não.

Não é uma questão se vamos dormir juntos ou não, e sim *quando*. Se eu disser para ela que não pretendo parar em apenas uma noite, que minha intenção é ter com ela uma relação mais permanente, acho que ela foge apenas com as roupas do corpo.

Aurora pode ter perdido a memória, mas ela apresenta todos os sintomas de uma mulher que já sofreu algum tipo de abuso de homem, seja ele sexual, psicológico ou físico. Se eu soubesse quem é o desgraçado que fez isso com ela, eu arrancaria seus testículos com as próprias mãos e o obrigaria a comê-los.

Entretanto, a minha realidade é que Aurora sequer se lembra de que ela é uma vítima de um crime, a não ser pelo sequestro.

Apesar disso, preciso ter muita paciência com ela, porque seu corpo e seus instintos certamente se recordam do trauma, ou ela não seria tão desconfiada com homens e muito menos teria tanto medo da atração explosiva entre a gente.

Mas, porra, vou dizer uma coisa: quando eu conseguir enfim levá-la para a cama, eu passarei algumas noites enterrados dentro dela. Quanto mais ela me evita, mais louco eu fico.

Pelo menos, depois do pesadelo, Aurora leva a minha preocupação com segurança mais a sério. Ela não nasceu ontem; sabe que, se o chefe dos seus sequestradores a procurava há mais de um mês antes deles a encontrarem, é porque ele deve continuar à sua procura.

E algo me diz que ele não vai desistir.

Ainda assim, ela continua inquieta, e as poucas vezes que olha nos meus olhos é para comentar que está se sentindo presa no rancho. Ela não o faz para me irritar ou me chatear; é apenas um desabafo, e eu sei que deve ser difícil para ela ficar sozinha o dia inteiro em uma propriedade tão grande e sem vizinhos próximos.

Clarissa me contou que às vezes, Aurora fica tão desesperada que vai andando até o rancho dela, que é o mais próximo do nosso, mesmo sendo a quase cinco quilômetros de distância (só a ida).

Nessas ocasiões, noto que ela fica bem mais tranquila à noite, depois de passar o dia conversando com minha

vizinha e a ajudando nas atividades de sua propriedade.

Vivi já me deu uma meia dúzia de broncas por eu manter Aurora no rancho McQueen como se ela fosse a minha prisioneira. Fico puto com sua comparação, e tento explicar, sem sucesso, que o meu rancho é o único lugar onde eu sinto que posso protegê-la.

Se eu tivesse descoberto alguma pista concreta sobre seu sequestro, eu até ficaria menos paranoico. Mas, até agora, nossas investigações tinham apenas confirmado o que eu já sabia assim que ela descreveu seu pesadelo: a casa onde ela foi mantida de fato era aquela abandonada que nós já havíamos visitado.

Com a confirmação de Aurora, nós fizemos uma segunda visita à casa, que trouxe poucos resultados. Colhemos todas as evidências possíveis, mas não tenho muita esperança de encontrar algo que possa nos ajudar a identificar os sequestradores.

Depois de passarmos alguns dias conversando com moradores de Blue Lake, um grupo de adolescentes admitiu que houve uma festa na casa que durou todo o final de semana passado, e alguns dos jovens dormiram na adega.

Segundo os “organizadores” da festa, apareceram pessoas de várias cidades da região. Eles calculam que foram mais de duzentos, e, para foder minha vida de vez, eles não conheciam muitos deles.

Ou seja, nada garante que todo o DNA que recolhemos da adega seja dos sequestradores. Se for isso mesmo, estaremos em um beco sem saída. De novo.

Depois que Aurora relatou o pesadelo, meu sono tem estado mais leve do que nunca, o que significa que eu estou

dormindo mal pra cacete. Além disso, a falta de sono está me deixando com um mau humor da porra. Janice já até ameaçou de botar sonífero na minha bebida sem eu ver.

Quando fui da SWAT, lidei com muitos bandidos, inclusive estupradores, pedófilos, sádicos. Mas esta é a primeira vez que tenho um contato pessoal com a vítima. Contato pessoal? Eu moro com a vítima, porra! Claro que este caso é o mais pessoal da minha vida!

Infelizmente, nesse mundo de merda, uma mulher linda como Aurora é mais suscetível a se tornar alvo de pervertidos sexuais. É bem provável que o chefe dos sequestradores a quisesse para se aproveitar dela, para estuprá-la. Nem fodendo eu deixarei alguém machucá-la.

Por isso, eu tenho insistido que ela fique o máximo possível no rancho. Não quero arriscar que um dos sequestradores a veja pelas ruas de Blue Lake. É improvável, mas não é impossível. A casa abandonada onde ela ficou presa fica a trinta quilômetros da cidade, perto demais para o meu gosto.

Infelizmente, o Dr. Russo, assim como Vivi e Clarissa, não concorda nem um pouco com meu método de segurança. Ele me chamou para conversar no dia depois de ter uma consulta de manutenção com Aurora. Desde que deixou o hospital, o Dr. Russo faz questão de vê-la toda semana para garantir que ela está sarando bem.

— Xerife, eu o chamei aqui porque estou muito preocupado com a Srta. Jones. — Ele comenta assim que eu entro no seu consultório. — Ela precisa sair mais do rancho. Talvez pode levá-la para almoçar no centro, ou até o shopping de Braville.

Braville é uma cidade a cinquenta quilômetros de Blue Lake, mas é três vezes maior, o que significa mais gente desconhecida e mais chance dos sequestradores a verem.

— Nem ferrando! Não quero que os sequestradores a encontrem.

O Dr. Russo é um homem calmo, que raramente xinga ou levanta a voz. Ele me observa por um longo momento, seu rosto expressando um pouco de impaciência e muita preocupação. Só não sei ao certo se ele está preocupado com Aurora ou comigo.

Finalmente, ele diz:

— Então o xerife está me dizendo que ela fugiu de um cativado para viver em outro.

— Porra, está me comparando com esses bandidos? — eu explodo, ofendido com o comentário.

— Claro que não — ele coloca os cotovelos sobre a mesa, parecendo considerar suas palavras a seguir. — Pelo que ela descreveu ontem no consultório, e algumas coisas que você me disse ao telefone, Aurora parece estar com sintomas de depressão. E ficar trancada o dia inteiro no rancho não vai ajudá-la a melhorar.

Putá que o pariu. É precisamente por isso que eu insisti que ela adiantasse sua consulta semanal. Temia que ela estivesse ficando deprimida.

— Eu sei. Merda — tiro o chapéu e passo a mão pelos cabelos, meu gesto nervoso. — Não quero prendê-la no rancho, doutor. Mas estou preocupado com a segurança dela.

— Ela precisa de uma rotina com atividades, um trabalho.

Ah, meu caralho. Agora ele vem com essa história também? Claro que o ideal seria ela ter um trabalho; ela odeia pedir qualquer favor a mim, quanto mais dinheiro. Além disso, sei que será bom para a recuperação dela distrair-se durante o dia.

Aurora não é preguiçosa; é ativa e, mais que isso, proativa. E inteligente. E deliciosa. E... Okay, perdi o fio da meada. O ponto é: em um mundo ideal, eu estaria falando com todos de Blue Lake em busca de uma vaga. Conhecendo seu talento com computadores, ela conseguiria algo bem rapidamente.

Mas, exceto se ela trabalhar na delegacia, como eu vou protegê-la nas horas em que ela estiver no trabalho? E nem fodendo ela trabalhará na delegacia; nenhum dos meus homens conseguirá se concentrar, porra! Nem eu.

Explico isso ao médico e ele faz uma sugestão interessante:

— Pode conseguir um trabalho que não a exponha a pessoas que não são de Blue Lake, xerife. Algum lugar que seja visitado apenas pelo pessoal da cidade. E melhor: algum prédio público, que tenha câmeras que você consiga verificar da delegacia.

Isso, de fato, faz bastante sentido. Vivi fez uma sugestão parecida, mas relacionada às visitas dela à cidade. Se ela pode visitar lugares que apenas os locais frequentam, também posso arranjar um trabalho que vai expô-la apenas para os moradores.

E o melhor: se for um prédio com câmeras da prefeitura, como o Dr. Russo sugeriu, eu tenho acesso a elas vinte e quatro horas por dia. Foi uma das minhas muitas exigências para ser xerife de Blue Lake.

De repente, tenho uma ideia brilhante. Sei exatamente que vaga serviria para Aurora.

*

Entro na casa correndo, e invado o quarto de Aurora sem bater. Engulo em seco ao vê-la apenas com uma camisa que quase não esconde as longas pernas. Ela arregala os olhos e me manda virar de costas enquanto coloca jeans, seu rosto vermelho como um pimentão.

Eu obedeço e me viro de costas, enquanto imagino como ela ficará ruborizada quando eu jogá-la nua em minha cama, arreganhar suas pernas e abocanhar sua boceta, como eu venho planejando fazer há semanas. Porra, nem estou mais procurando os casos de uma noite nas cidades vizinhas.

Nenhuma mulher me interessa como Aurora. Nenhuma mulher me excita como ela. E eu sei que, enquanto não a fizer minha, não ficarei satisfeito. Respiro fundo, controlo a porra da ereção, e foco no tema sobre o qual quero falar com ela.

— Tenho uma novidade para te contar.

— Novidade? — ela parece menos irritada do que quando entrei no quarto.

— Sim. Encontrei uma vaga perfeita para você, Aurora.

Ela caminha até mim e me puxa pelo braço, para eu me virar de frente para ela.

— Você levou uma pancada na cabeça? — ela questiona, me observando com uma expressão preocupada. — Na semana passada, eu quis ir contigo e Mandy para o supermercado, e você ameaçou de me amarrar à cama se eu insistisse.

Tudo bem, eu posso ter exagerado, mas foi por um maldito motivo! Por que todos estão me tratando como se eu fosse o bandido louco querendo raptá-la?

— Eu *estou* preocupado contigo, porra! — vocifero, sem conseguir controlar a raiva. Será que ela não percebe a gravidade de sua situação?

— Eu sei que está preocupado, Jack — ela diz em um tom mais amigável, e aperta o meu braço — mas agora você quer que eu trabalhe na cidade? Alguma coisa deve ter acontecido.

— Foi algo que o Dr. Russo sugeriu — explico. — Tive uma ideia.

— Que ideia?

— Já sabemos que não foi um morador de Blue Lake que te sequestrou.

— Sim, graças às centenas de fotos que você me obrigou a olhar. Meia dúzia de vezes cada uma, se você se lembra.

Ela revira os olhos de um jeito arrogante, que eu passei a achar adorável. Em geral, as pessoas têm medo de mim ou, pelo menos, se sentem intimidadas pela minha presença. Não Aurora. É uma das coisas que mais me excitam nela.

Porém, não posso deixá-la se safar sempre. Ela também precisa de limites.

— Quer ou não deixar o rancho? — pergunto em um tom igualmente arrogante, cruzando os braços em frente ao peito.

Ela inspira profundamente, considerando a possibilidade real de deixar o rancho diariamente. Finalmente, parece convencida de que estou falando sério.

— Qual é essa ideia brilhante?

— Há uma vaga de meio período na biblioteca pública.

— Biblioteca pública? — ela estranha a minha sugestão, como eu já imaginava.

Mas eu planejei muito bem isso.

— A bibliotecária principal, a Sra. Morland, quer melhorar o site e digitalizar os principais documentos e livros, mas ela não sabe a diferença entre um PC e um laptop.

Ela acena para mim, compreendendo a minha lógica. Não sabemos exatamente quais são as qualificações de Aurora ou suas habilidades, exceto por uma: ela é uma fera em TI.

— E por que eu estaria segura na biblioteca? — ela questiona, ainda não convencida.

— Quantos turistas vão tirar férias em uma cidade conhecida pelas suas belezas naturais, pelo seu lago, pelas suas trilhas, e decidem visitar a biblioteca pública?

— Nenhum turista — ela me encara com brilho os olhos. A ficha dela caiu: é possível ela trabalhar na cidade e ficar segura ao mesmo tempo. Não tão segura como ela ficaria no rancho, mas, ainda assim, segura o suficiente. — Isso faz sentido, Jack. Pode funcionar.

— Além disso, a Sra. Morland, conhece todos os visitantes da biblioteca por nome e sobrenome — complemento. — Se aparecer alguém diferente do usual, ela saberá. Podemos deixá-la de sobreaviso.

— Isso é ótimo, Jack. Muito obrigada!

Desta vez, é ela quem me surpreende. Ela coloca os braços em volta da minha cintura, e a cabeça contra meu peito, provavelmente notando como meu coração acelera. Eu a aperto nos meus braços, colando-a a mim, e, de repente, toda a sua distância na última semana compensa.

Porra, preciso me lembrar de dar um presente para o Dr. Russo.

Jack

Aurora ficou ansiosa durante os três dias que tivemos que esperar para ela poder fazer a entrevista. A Sra. Morland estava visitando os filhos em Dallas, e eu sabia que, se quisesse garantir a contratação de Aurora por um salário adequado, precisaria esperar pelo retorno dela.

— Não precisa ir comigo — Aurora diz quando salto do carro e abro a porta para ela.

— Vá por mim, eu preciso ir.

Coloco a mão nas costas dela e a guio até a biblioteca. Nos últimos dias, nossa relação voltou aos trilhos.

É difícil ser paciente quando eu vivo com a mulher por quem sinto uma atração da porra, mas estou seguro de que minha paciência será recompensada no final.

No início, ela dava um pulo sempre que eu a tocava. Agora, sempre que estou em sua companhia, estamos nos tocando.

Quando nos sentamos para assistir televisão, deixo minha coxa roçar na dela; quando eu caminho ao seu lado,

coloco a mão em suas costas, como faço agora; quando brincamos com Mandy, faço questão de estar por perto.

Sempre toques inocentes, que não vão alertá-la, apenas deixá-la acostumada à minha presença, à minha proximidade. Simplesmente não consigo deixar minhas mãos longe dela.

— A Sra. Morland é uma pessoa difícil? — Aurora pergunta quando estamos em frente às portas duplas pesadas de carvalho.

— Não, ela é um doce — eu a tranquilizo. — O problema é o marido dela. É ele quem decide todas as contratações do município.

— Quem é o marido dela?

— O prefeito.

Aproveitei os últimos três dias para desenhar minha estratégia de batalha. Sim, as discussões com o prefeito são sempre batalhas, e a negociação do orçamento anual é uma verdadeira guerra.

Conversei duas vezes ao telefone com a Sra. Morland, e tenho certeza de que Aurora e ela se darão muito bem. Aproveitamos também para alinhar nossas estratégias de ataque. Se vamos vencer a batalha por Aurora, precisamos trabalhar em conjunto.

Assim como eu, a Sra. Morland também sofre na pele com a pão-durice do marido. Ele chegou a sugerir que, para economizar em compras de livros, a Sra. Morland e sua equipe deveriam revirar lixeiras de bibliotecas das cidades vizinhas e busca de exemplares jogados fora.

Eu estava presente nessa reunião. Foi a única vez na minha vida que vi Margarida Morland gritar com alguém.

Só tem uma coisa que faz o prefeito abrir um pouco a mão. É quando a esposa o ameaça de deixá-lo. Claro que, sabendo como é uma arma delicada para se usar contra o próprio marido, a Sra. Morland só a usa quando é caso de vida ou morte.

Pelo que conversamos, acho que ela está disposta a jogar a carta do divórcio por Aurora se o prefeito tentar barrar a contratação. Sei que vai ser uma luta com ele. Se depender do homem, Aurora trabalhará como voluntária. Ou é capaz dele querer receber de volta o custo da internação dela e descontar de seu salário pelos próximos dez anos.

— Por que está tão preocupado assim com o prefeito? — Aurora questiona, sem entender a minha ansiedade.

Ela claramente ainda não ouviu falar da figura.

— Ele é pão-duro.

— E?

Ninguém nunca nos leva a sério quando explicamos sobre as manias do prefeito. Isto é, até terem que lidar com ele. Como quero deixar Aurora o mais bem preparada possível, eu decido lhe contar uma história. A minha história.

Eu a puxo pelo pulso até um banco no pequeno jardim ao lado da biblioteca. Como ainda faltam vinte minutos para o horário que marquei a entrevista, temos tempo para conversar um pouco.

— Já te contei que eu fiz parte da SWAT em Austin? — questiono quando já estamos acomodados no banco de cimento.

— Não — ela me encara com admiração.

Sem enrolar demais, eu lhe conto sobre a minha mudança para Austin, minha experiência para a SWAT e, pela primeira vez, falo da morte do meu irmão e da minha cunhada.

Explico como eles, em testamento, deixaram o rancho em meu nome até Mandy ser maior de idade. Eu e Vivi somos os guardiões legais dela, mas o desejo deles era que ela continuasse morando comigo no rancho.

Quando eu termino, Aurora olha para baixo, e noto que uma lágrima escapa do seu olho. Eu a enxugo; não queria deixá-la emocionada, queria contar o motivo do meu retorno a Blue Lake e como o prefeito faz de tudo – literalmente tudo – para conseguir gastar menos.

Mesmo com alguém que acabou de perder o irmão.

— Quando eu me mudei de volta para Blue Lake, o xerife estava prestes a se aposentar, e me indicou para a posição.

— O prefeito teve objeções em relação à sua pessoa? — Aurora tenta adivinhar.

Queria eu que fosse isso. É natural o chefe ter objeções em relação a um novo empregado, especialmente quando se trata de um cargo tão sensível como o de xerife. Mas ele reclamou foi de outra coisa.

— Não, mas ele tentou me convencer a receber um salário equivalente à metade do aquele do xerife anterior, já

que eu tinha exatamente a metade dos anos de experiência.

— Como é que é? — ela fica chocada, como todos para quem eu conto essa história.

— Pois é. Aí, eu lhe disse que, se fosse por essa lógica, eu deveria receber o dobro do salário do xerife, porque, apesar de ter metade dos anos de experiência, eu já tinha prendido mais de quatro vezes o número de pessoas que ele.

Ela começa a gargalhar. Desvio o olhar, porque, se continuar encarando Aurora, é capaz de eu fazer uma loucura, como beijá-la enlouquecidamente, e jogar fora toda a minha estratégia de seduzi-la aos poucos.

— E o que o prefeito fez? — ela questiona, enxugando uma lágrima.

Sinto um prazer enorme que eu fui responsável por diverti-la. Em geral, apenas Mandy consegue fazê-la rir.

— Ele acabou aceitando que eu recebesse o mesmo que o xerife anterior. Depois de quase infartar, é claro.

Ela gargalha ainda mais, e preciso me ajeitar no banco, porque a calça fica bem apertada na virilha.

— Esse bairro é muito agradável — ela comenta, admirando a vista.

Já vejo uma mudança enorme no humor de Aurora apenas de trazê-la aqui. Parece que o Dr. Russo tinha razão quando disse que o rancho estava se tornando uma espécie de prisão para ela.

— Sim — concordo. Se eu morasse na cidade, viveria neste bairro. — E não é um bairro turístico, então você também não correrá risco nas ruas daqui. O único problema é que não tem restaurantes por perto.

— Ah, eu posso preparar meu almoço e trazê-lo. — ela fecha os olhos e inspira profundamente, inclinando a cabeça para cima, expondo o rosto ao sol. — Talvez, se isso aqui der certo, eu posso até alugar alguma coisa por aqui.

— Quê? — praticamente cuspo.

Minha vontade é colocá-la sobre meu ombro, levá-la de volta para o rancho e prendê-la no calabouço. Meu caralho, estou pensando como um maldito homem das cavernas.

— Não foi você quem disse que esse bairro é seguro?

Odeio quando as pessoas jogam as minhas palavras na minha cara. Sinto como se ela tivesse acabado de me dar um soco nos testículos. Comentei no sentido de ser um bairro seguro para ela trabalhar, e não para ela morar, porra!

Só de pensar na possibilidade dela deixar o rancho, sinto um aperto no peito. Nem ferrando eu permitirei isso. Só não vou falar esse tipo de coisa para Aurora, senão ela vai querer fugir no meio da noite. Há outras formas de mantê-la no rancho sem precisar trancafiá-la lá dentro.

— Vamos logo — digo, e entramos na biblioteca juntos.

*

A entrevista foi melhor do que eu imaginava. Muito melhor.

Depois de conversar com a Sra. Morland por apenas meia hora, Aurora já estava com o emprego garantido.

Porém, ela não se deu por satisfeita e, em apenas duas horas, ela conseguiu dar uma boa melhorada no site atual da biblioteca (e prometeu que, caso seja contratada, conseguirá refazê-lo totalmente) e elaborou uma estratégia inicial para a biblioteca virtual.

O sorriso no rosto da Sra. Morland indica que, se Aurora fosse menor de idade, ela a adotaria.

— Apenas preciso do orçamento sobre o qual conversamos para fazer as melhorias, Sra. Morland — ela comenta quando estamos no meu carro, dirigindo para a prefeitura, onde o prefeito nos aguarda para dar seu aval.

— Não se preocupe, querida. Vou conseguir o orçamento com Martin — a Sra. Morland garante. — E já disse para me chamar de Margarida.

A Sra. Morland realmente gostou de Aurora. Eu a conheço desde criança e ela jamais insistiu para ser chamada de Margarida.

— Soube que ele é difícil de negociar — Aurora comenta com um sorriso.

— Querida, eu sei que batalhas lutar com ele. — ela pisca. — Mas a briga mais difícil será pelo seu salário. Precisa ser firme.

Entramos juntos na sala dele, onde o prefeito Martin Morland está esparramado em sua poltrona, uma pilha de papeis de cada lado dele, e meia dúzia de calculadoras espalhadas pela sala, outra de suas manias.

Ele nos observa como se estivesse analisando seus oponentes, incluindo sua esposa. Convida-nos para sentar na pequena mesa que fica no centro de seu escritório.

Todos os seus móveis são feitos de madeira de demolição. Não é por consciência ecológica: é para economizar em material.

— Bom dia, prefeito — nós o cumprimentamos um a um, e nos sentamos juntos.

Que a batalha comece.

O prefeito soube da entrevista apenas hoje de manhã. A esposa ligou para ele pouco mais de uma hora atrás, quando marcou esta reunião com ele.

Apesar de ter pouquíssimo tempo para se preparar, ele abre um relatório de cinquenta páginas, com todos os custos de Aurora no hospital, e começa seu discurso decorado sobre os motivos pelos quais Aurora – conforme eu havia previsto – deveria trabalhar como voluntária na biblioteca.

Quando percebe que não conseguiria convencer a esposa, e muito menos a futura funcionária em questão, passou para a estratégia seguinte. Ofereceu um salário mínimo a ela, argumentando que trabalharia apenas meio período.

— Martin, deixe de ser um palerma — sua esposa fica exasperada depois de quase uma hora de seus discursos monótonos. — Em duas horas, ela já fez muito mais pela biblioteca do que aqueles dois incompetentes que você contratou para fazerem o site.

— Mas nós fizemos um excelente negócio, amor! Digo, Sra. Morland — o prefeito não gosta de misturar sua vida profissional e pessoal.

Para o azar dele, sua esposa não pensa o mesmo.

— Nunca é um excelente negócio quando você paga apenas cem dólares para fazerem um site, seu palerma! A qualidade do site é proporcional ao preço que pagamos.

Ele fica vermelho como um pimentão. Ele contratou dois moleques que mal haviam saído do colégio para fazerem todos os sites do município, inclusive o da delegacia, uns três anos atrás.

Alegou que fechou um excelente negócio, pagando, no total, oitocentos dólares por oito sites. O que ele esqueceu de mencionar é que todos os sites ficaram uma merda. Mal funcionam e ainda vivem caindo.

Percebendo que está perdendo a batalha, ele arranja um novo argumento.

— De qualquer forma, como pagaremos a Aurora se ela nem tem identidade?

— Considerando suas circunstâncias, conseguimos emitir uma identidade provisória para ela — eu contra-argumento.

— Quem autorizou isso?

— O juiz Douglas — digo, e a Sra. Morland pisca para mim. Ela já tinha me avisado que ele provavelmente usaria esta desculpa, então eu já tinha vindo preparado.

— Ainda assim, esse valor que vocês estão exigindo é muito alto. É salário de especialista! Nem sabemos quais

são as qualificações formais dela!

Nós três nos entreolhamos. Também havíamos nos preparados para esse argumento. Desta vez, quem vai responder é Aurora.

— Senhor prefeito, se me contratar pelo preço que sugerimos, posso incluir um trabalho de limpeza nos computadores na prefeitura.

— Claro que a prioridade dela será o trabalho na biblioteca, mas posso lhe dar uma tarde da semana para esta atividade — a Sra. Morland ajuda.

— Para que eu vou querer que limpem nossos computadores? Já tenho pessoal de limpeza!

— Ela está falando de vírus, prefeito — intervenho, perdendo o caralho da paciência com ele.

Aurora segura a minha mão sob a mesa, me lembrando que, se eu quebrar o nariz dele, provavelmente não conseguirei o emprego para ela e ainda posso ser demitido. Respiro fundo e continuo:

— Aurora encontrou um vírus muito perigoso no meu computador. Imagine. Podem estar lendo os seus e-mails, vendo os sites que você acessa, absolutamente tudo.

Sei que este argumento vai atingi-lo em cheio. O prefeito já foi pego pela secretária dele algumas vezes vendo sites pornô, que, por sorte, é amiga íntima da minha, Sherry. A Sra. Morland não tem ideia, claro.

O prefeito se levanta e aperta a mão de Aurora.

— Está contratada, Srta. Jones!

Aurora

Comecei a trabalhar na biblioteca no dia seguinte e hoje, exatamente uma semana mais tarde, Margarida coloca o meu primeiro cheque sobre a minha escrivaninha.

Apesar de eu trabalhar na biblioteca apenas seis horas por dia, minha nova – e querida – chefe deu um jeito de apertar mais uma mesa na pequena sala dos fundos dedicada aos funcionários.

No início, eu insisti que não precisava de uma mesa só minha, mas em poucos dias, já personalizei o espaço. Enquadrei duas fotos; uma é minha com a equipe da biblioteca no jantar de boas-vindas que me ofereceram esta semana; a outra é de Mandy, agarrada ao cachorro de Clarissa, seu sorriso contagiante me fazendo dar uma risada.

Agora, falta eu personalizar minha casa. Mas, para eu fazer isso, preciso ter uma. Algo que o meu primeiro cheque vai permitir.

Acostumei-me a ver Mandy todos os dias, mas preciso da minha independência, preciso sair o quanto antes do rancho antes que os rumores sobre o meu suposto caso com o xerife se tornem realidade.

É esse o uso que darei ao meu recém-adquirido salário: vou usá-lo para alugar meu próprio espaço. Se não bastasse a fofoca do pessoal de Blue Lake, Jack não se esforça nem um pouco para negar os rumores.

Passei os últimos dias pensando em como faria isso. Primeiramente, arranjarei algo bem simples; até topo dividir casa com alguma mulher da cidade, desde que eu tenha meu próprio quarto, meu próprio espaço.

Sobre Mandy, vai ser difícil ficar longe dela, mas posso combinar com Clarissa de Amanda passar algumas tardes por semana comigo na biblioteca. Acho que Jack não reclamaria com essa solução. Afinal de contas, quem não quer ver uma criança passar o máximo de tempo possível rodeada de livros?

O mais difícil de convencer será Jack, entretanto. Tentei conversar diversas vezes na última semana sobre a mudança, mas ele deu um jeito de evitá-la sempre que eu começava a abordar o assunto.

Queria poder contar com a ajuda dele, seus conselhos e dicas de quem conhece a cidade e seus bairros mais seguros, mas agora que estou com o cheque em mãos quero logo encontrar algum lugar.

Minha chefe deve ter reparado que eu fiquei pensativa depois de receber o cheque, pois me perguntou se estava tudo bem, se aquele não tinha sido o valor acertado.

— O cheque está correto, Margarida — eu explico —, é que eu gostaria de usar esse dinheiro para alugar alguma coisa aqui perto e não sei por onde começar.

— Querida! — O rosto dela brilha de animação. — Você deveria ter começado perguntando para uma das maiores

especialistas em Blue Lake! Eu!

Como eu cheguei hoje quinze minutos mais cedo que meu horário de trabalho, e ela ainda está, oficialmente, no horário de almoço, começamos a procurar imóveis para alugar imediatamente.

Nos quinze minutos que tínhamos à disposição, ela me ajudou a selecionar três imóveis nas redondezas.

— Obrigada, Margarida — agradeço, sentindo-me, mais uma vez, muito sortuda por ter uma chefe como ela — Ligarei amanhã de manhã.

Eu jamais pensaria e ligar durante o trabalho, e muito menos vou ligar para ninguém à noite.

O pessoal de cidade pequena é bastante conservador neste aspecto; se eu ligar depois das nove horas, que é o horário em que eu geralmente chego no rancho (porque preciso esperar Jack sair da delegacia para me dar carona), é capaz de acharem que algo de errado aconteceu.

— Deixa de ser boba, Aurora — Margarida balança a cabeça, sorrindo. — Pode ligar agora. A biblioteca está praticamente vazia, e você já pode combinar de visitar alguns lugares quando sair daqui.

Mesmo eu tenho de admitir que essa é uma excelente ideia. E é uma forma de aproveitar o tempo que eu preciso esperar pela carona de Jack.

— Tudo bem, mas compensarei o tempo que levar para falar com essas pessoas amanhã — argumento, porque, mesmo que não haja patronos na biblioteca, eu não me sentiria bem resolvendo algo pessoal no trabalho sem compensar.

— Como você preferir, querida.

Margarida me deseja boa sorte, e vai até a recepção que fica na parte da frente da biblioteca, oferecendo-me privacidade.

Quando nós separamos as três melhores opções, também colocamos em ordem de preferência. Ligo para o primeiro nome da lista, a minha opção favorita. É um imóvel que pertence ao Sr. Clark. Ele atende no segundo toque.

— Soube que está alugando um apartamento. Meu nome é Aurora, e eu gostaria de visitar o imóvel — explico, quando ele questiona o motivo da ligação.

É um excelente custo benefício. Segundo Margarida me explicou, ele está alugando um conjugado simples, que ele construiu em cima de sua garagem, com o objetivo de alugar no verão e ter renda extra.

Ela me garantiu que o pequeno apartamento foi reformado dois anos antes e, apesar de pequeno, está em ótimo estado. Além disso, é muito barato, então eu conseguiria fazer uma poupança, caso ele me aceite como inquilina. Sempre é bom ter dinheiro guardado.

— Aurora? Aurora Jones?

Estranho. Estou certa de que jamais conheci o Sr. Clark, mas ele parece saber exatamente quem eu sou. Talvez eu tenha subestimado a importância da fofoca em uma cidade pequena. Aparentemente, as notícias aqui mais do que voam; elas explodem e se espalham para todo lado.

— Sim, sou eu. Nós já nos conhecemos? — acho melhor confirmar, considerando meu problema de memória.

— Só de nome, Srta. Jones — fico meio ansiosa ao saber que pessoas desconhecidas sabem sobre mim. O Sr. Clark parece adivinhar meus temores, e logo busca me tranquilizar: — E não se preocupe: todos na cidade fomos orientados a não falar de você a forasteiros — ele termina em tom conspiratório.

O Sr. Clark nem precisa me dizer quem foi que andou instruindo os moradores de Blue Lake. Só espero que Jack não tenha sido grosseiro ou ameaçador ao pedir que não falem de mim a pessoas de fora.

Ainda assim, sinto meu coração apertar de carinho. Essas pessoas não me conhecem, não sabem quem eu sou (assim como eu), mas estão mais do que dispostas a me ajudarem. É como se todos eles tivessem a necessidade de me proteger.

Pego-me pensando que, talvez, depois de descobrir quem eu sou e como vim parar aqui, eu consiga construir uma vida em Blue Lake. Isto é, se eu não tiver alguém que dependa de mim.

Droga, o que eu estou fazendo? Assim que eu descobri que tinha me acidentado, e havia perdido a memória, eu prometi a mim mesma que não me deixaria ficar apegada em Blue Lake.

Agora, olhe para mim, fazendo planos para alugar um imóvel, pensando em como vou continuar vendo Mandy, já imaginando como seria construir uma vida em uma cidade à qual eu não pertenço, por mais que seus moradores me façam sentir acolhida.

O mais seguro a fazer agora é não me iludir, não fazer planos para um futuro completamente incerto. Por isso, inclusive, que eu escolhi as três opções da minha lista:

todos os imóveis, por motivos diferentes, são de contrato mensal, o que significa que eu posso sair de um mês para outro, se assim precisar.

Não sei o dia de amanhã.

Não sei se tenho parentes vivos.

Não sei que vida eu deixei para trás.

Preciso me lembrar disso sempre que começar a ter sonhos tolos de possíveis futuros. Vou alugar um lugar barato, e ter reserva de dinheiro para o caso... Para o caso do meu futuro incerto bater à minha porta com alguma surpresa desagradável.

Limpo a garganta e retorno à minha missão do momento; arranjar um lugar para morar que não tenha o xerife Jack McQueen dentro dele.

— Que tal nos conhecermos pessoalmente hoje? Quero muito conhecer seu imóvel, Sr. Clark.

— Ah, querida — ele suspira, como se a possibilidade de me ver fosse dolorosa. O que está acontecendo? Não gosto nem um pouco do tom de arrependimento dele. Será que lhe disseram algo ruim sobre a minha pessoa? — Adoraria poder lhe mostrar o apartamento, mas o xerife conversou comigo.

Quê? Como assim? Já imagino que coisa boa não foi. Porém, como quero muito ficar no apartamento do Sr. Clark, engulo a irritação e mantenho um tom neutro.

— O que o xerife lhe disse, Sr. Clark?

Não saiu neutro como eu planejava. Na verdade, parecia que eu estava prestes a assassinar alguém a sangue frio. Talvez, se o xerife entrar na biblioteca agora, eu faça exatamente isso.

— O xerife me prometeu que vai perdoar todas as multas que meu filho deixou se eu não alugar o apartamento para você — à medida que o Sr. Clark vai falando, eu vou apertando mais meu lápis, até parti-lo ao meio. — Brian, meu filho, é um bom rapaz, mas ele sempre foi ruim de roda, sabe?

Eu mal consigo falar; parece que há uma bola de fogo na minha garganta, e eu quero soprá-la na cara de Jack e tacar fogo nele!

Que audácia, a dele! Impedindo que eu alugue a melhor opção no bairro? Depois dele próprio me dizer que esta região da cidade é segura para mim?

— O xerife me fez jurar que não alugaria para você, Srta. Jones — ele repete, enquanto eu estou praticamente tendo um derrame. É possível morrer de raiva? — E eu sou um homem de palavra. Sinto muito.

Ele desliga. Eu olho para o telefone boquiaberta, sentindo-me chocada.

Porém, não adianta chorar pelo leite derramado; o tom do Sr. Clark indica que não conseguirei fazê-lo mudar de ideia. Devo partir para a próxima. Depois eu planejo a minha vingança maligna digna de vilã de Hollywood.

Inspiro fundo, e digo para mim mesma que ainda tenho duas outras opções, e ambas são bastante satisfatórias, apesar de não me oferecerem o mesmo nível de privacidade que eu teria na casa do Sr. Clark.

Por outro lado, é bem óbvio que, se eu fosse me mudar, eu escolheria o apartamento em cima da garagem do Sr. Clark. Seria fácil para Jack ter adivinhado que eu o procuraria, afinal de contas, a casa dele fica ao lado da biblioteca, e ele e a Sra. Morland são amigos de longa data.

Aceito que perdi esta batalha e sigo para a próxima. O segundo nome da lista é de Joanna, uma funcionária do hospital que eu conheci quando estive internada. Ela está alugando uma de suas suítes. Eu preferiria morar em um imóvel separado, mas, pelo preço que quero pagar, estou ciente de que privacidade não é um direito, e sim um luxo.

Um luxo que Jack destruiu com sua intromissão ridícula.

Ao menos, Joanna vive sozinha; é viúva e seu filho faz faculdade em Dallas. Ela é adorável, e o aluguel já vem com energia, água e mobília inclusos, o que definitivamente é de grande ajuda.

O Sr. Clark cobra as contas separadamente do aluguel, apesar da quitinete ter a mobília básica. Decido olhar pelo lado positivo: se eu ficar com o quarto de Joanna, economizarei ainda mais dinheiro.

Sorrio internamente, segura de que conseguirei fechar negócio; eu e Joanna nos demos muito bem quando convivemos no hospital. Inclusive, ela foi uma das pessoas que me ofereceu moradia.

Ao falar com Joanna, entretanto, sua reação ao meu pedido é o oposto do que eu esperava.

— Aurora, de jeito algum posso recebê-la em minha casa! — ela comenta, exasperada, como se eu tivesse acabado de lhe pedir para cortar os próprios pulsos.

— O que houve? Eu fiz algo de errado?

Talvez algo que eu tenha feito ou dito no hospital tenha prejudicado Joanna de alguma forma.

— Claro que não, querida. Mas é que o xerife...

Ah, não. Ah, não e não. Acho que, finalmente, eu vou me tornar o que o xerife desconfiava. Vou matá-lo e virar uma foragida da lei. Solto um grunhido de raiva no telefone, e ela para de falar.

— O que o xerife disse? — questiono, quando ela continua quieta do outro lado da linha.

Meu tom perdeu sua neutralidade por completo; agora, estou praticamente latindo. Sei que não é culpa de Joanna, mas minha raiva está fervendo demais para eu contê-la.

— O xerife me ligou e comentou que estão investigando o seu sequestro!

— Ai, céus — massagueio minhas têmporas: pressinto que uma dor de cabeça está a caminho.

Uma dor de cabeça chamada Jack McQueen.

— Ele disse que seus sequestradores podem estar envolvidos em tráfico sexual!

— Ah, ele disse isso?

Eu. Vou. Matar. O. Xerife.

— Sim. Oh, Aurora! Se algo acontecesse contigo enquanto você está em minha casa, eu me sentiria culpada.

— Entendo — digo, enquanto listo mentalmente algumas formas de assassiná-lo sem ser pega.

Envenenamento? Não, fácil demais para ele.

Tiro na cabeça? Não, terei muito trabalho para limpar sua massa encefálica espalhada pelo chão.

Castrá-lo para depois afogá-lo no Lago Azul para que ele nunca seja achado? Hum... Pode ser uma boa ideia.

— O xerife deu a entender que ele poderia até mesmo me responsabilizar caso algo acontecesse — ela diz em um tom choroso que me deixa com ainda mais raiva dele.

E sim, eu já estava com M.U.I.T.A. raiva dele.

— Claro que ele te ameaçou.

— Sinto muito, Aurora — ela se desculpa, e nos despedimos.

Começo a bater a cabeça contra o tampo da escrivaninha, tentando tirar da cabeça as imagens que passam com ideias de como poderia ser a morte de Jack McQueen. Preciso me concentrar, preciso vencer os obstáculos.

Agora só há mais uma chance. Sim, eu estou mais do que horrorizada com a atitude de Jack, mas tenho que ser racional. Sei que ele não pode ter falado com a minha terceira e última opção.

A proprietária é uma mulher solteira, que vive em uma casa de dois quartos, e está à procura de uma companheira para dividir as despesas.

A sua antiga colega de quarto acabou de se casar, então ela nem colocou o anúncio no jornal ainda. Margarida soube porque a escutou comentando no supermercado.

O xerife não tem como saber dessa mulher, então não há razão para ele tê-la ameaçado, ou lhe feito promessas, ou lhe contado mentiras sobre meu suposto sequestro.

— Srta. Mills? — digo, já me sentindo animada, quando uma mulher atende o telefone. — Aqui é Aurora Jones. Soube que quer alugar seu quarto, e gostaria de vê-lo.

— Aurora Jones, que está na casa de Jack?

Ai. Meu. Senhor. O tom dela não é nada cordial.

— Hã. Sim, estou hospedada na casa do xerife McQueen — decido usar um tom formal, para o caso dela achar que tem alguma coisa rolando entre nós.

— Por que eu deixaria uma vadia como você ficar na minha casa? — ela grita no meu ouvido. — Sabe há quanto tempo tento levar Jack para a cama? Já até sei quais serão os nomes dos nossos futuros filhos! Ele estava interessado em mim, até você aparecer na cidade e estragar todos os meus planos, sua...

Desta vez, sou eu quem desliga o telefone. Oh, céus. Até sem falar com a Srta. Mills, Jack conseguiu atrapalhar meus planos. Jogo-me sobre o tampo da escrivaninha, e volto a bater com a testa na madeira.

Por que Jack não deixou claro a todos de Blue Lake que nós não estamos juntos?

— Ah, mas eu vou matá-lo! — eu grito, achando que estou sozinha na sala dos funcionários, quando ouço alguém

rindo baixinho.

— Aurora?

*

Levanto a cabeça e me deparo com o rosto preocupado de Mary, ao lado de sua versão mais nova, que logo adivinho ser sua filha. Ao contrário da mãe, ela parece estar se divertindo com meu desespero.

— Mary, que bom vê-la — levanto-me, imediatamente me sentindo mais leve com a presença dela, e a abraço.

Apesar de não ser sua responsabilidade, Mary me visitava diariamente quando eu estava de coma, e continuou a fazê-lo depois que eu acordei. Se eu já gostava dela, passei a adorá-la quando me contaram que ela foi a paramédica que fez o primeiro atendimento.

— Parabéns pelo emprego, querida — ela diz, parecendo orgulhosa. Em seguida, vira-se para a sua cópia jovem. — Esta aqui é a minha filha, Melanie.

— Oi, Aurora — ela abre um amplo sorriso, tão gentil e autêntico quanto o de sua mãe. — Todos na cidade só falam de você.

— Percebi — digo ironicamente.

— Quem exatamente você quer matar, querida? — Mary questiona.

— O xerife — respondo automaticamente, mais uma vez fazendo Melanie rir.

Elas não parecem surpresas quando descobrem quem é o alvo dos meus planos violentos.

— O que Jack fez desta vez? — Mary questiona com uma linha entre os olhos e os braços cruzados.

À medida que eu conto sobre as três ligações, os queixos das duas vão caindo mais, e eu descubro que, além de terem traços parecidos, suas expressões são idênticas.

— Pela primeira vez, as fofocas são verdadeiras — Melanie comenta, depois de alguns segundos considerando o que eu contei.

— Como assim? — pergunto.

— Todos estão comentando como o xerife está caidinho por você.

Ah, não. Eu definitivamente não quero esse tipo de fofoca circulando, porque vai apenas aumentar a desconfiança de que estamos envolvidos romanticamente. Notando que mãe e filha me observam como águias, mantenho a expressão o mais neutra possível ao dizer:

— Ele só está paranoico com a minha segurança.

— Duvido muito — Melanie rebate. — Ele está é paranoico com a possibilidade de você arranjar algum namorado aqui na cidade. Os homens de Blue Lake estão fascinados pela Bela Adormecida.

— Quem é ele para achar que é meu dono? — desabafo. — Eu só quero ter a minha independência.

— E você pode tê-la — Melanie diz, com uma sobrelanceira levantada e um sorriso maroto na face.

— Como?

Se ele já estragou minhas chances com minhas opções favoritas?

— Você poderia fazê-lo não querer morar mais contigo.

— Mary, gostei muito da sua filha — Digo para a mãe. Em seguida, viro-me para a filha: — Qual é seu plano, Mel?

Jack

Dia cheio da porra. Tive que fazer algo que só pode ter saído de filme. E um bem toscos, que a gente sente que rasgou o dinheiro do ingresso.

Na hora que eu estava saindo da delegacia, recebemos uma chamada que me fez ficar preocupado pra cacete: quem ligou foi uma garotinha histérica, que estava tão nervosa a ponto de nem conseguir nos explicar exatamente qual era o problema.

Apenas conseguiu pronunciar seu próprio nome e desligou. Por sorte, Lucas conhecia seu sobrenome e sabia onde sua família morava.

Depois de pedir a um dos caras do turno da noite para levar Aurora ao rancho, fui com outras duas viaturas para o endereço, todos nós preocupados com algum incidente sério, como violência doméstica ou agressão infantil.

Não precisei pedir a ajuda dos meus homens; eles foram comigo voluntariamente. Estava com as palmas das mãos suadas quando estacionei em frente à casa; se tem algo que me tira do eixo é crime envolvendo criança.

Ao invés de nos depararmos com uma cena sangrenta e violenta, entretanto, fomos recebidos por três pessoas presas em cima da árvore que ficava no quintal da casa.

— Mas que m... — Eu me seguro, quando vejo os olhos vermelhos de tanto chorar da garotinha que ligou para a delegacia.

Ela é a que está na parte mais alta da árvore. Peço para Lucas ligar para os bombeiros, porque não temos equipamentos que alcancem o topo da árvore. Em seguida, volto a minha atenção para os três.

A garotinha não deve ser mais velha que Mandy; seis ou sete anos no máximo. Logo abaixo dela, tem um moleque preso nos galhos. Ele é pré-adolescente, no máximo doze anos de idade. Por último, está o imbecil que deve ser o pai dos dois.

Ele aparenta ter a minha idade, apesar de seu físico ser de um velho obeso de noventa anos. Sua barriga saliente, provavelmente fruto de muitos litros de cerveja, está presa entre dois galhos que estão prestes a quebrar. Ele está a apenas um metro do chão.

O que diabos esse homem estava pensando quando decidiu subir nessa maldita árvore? Felizmente, é uma daquelas árvores bem antigas, cujo tronco é mais largo que meu sofá, então sustenta o peso deles sem maiores dificuldades.

Respiro fundo e pergunto para a menina que nos ligou, sabendo que os bombeiros levarão alguns minutos para chegarem:

— Poderia nos explicar o que aconteceu aqui, querida?

— Eu vi o Fofo em cima da árvore, liguei para vocês e, depois, decidi subir — ela responde em um tom choroso.

— Quem é Fofo?

— Meu gato! — ela aponta para uma bola de pelo acinzentada. Por sinal, a bola de pelo está tranquilamente se lambendo no chão, enquanto os patetas que foram salvar sua vida ficaram presos na árvore. — Aí, quando eu cheguei aqui em cima, ele desceu, e eu fiquei presa nos galhos.

Observo o animal com cuidado. O gato em questão não parece nada fofo. Tem uma cara arrogante, e está tomando seu banho como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Nem olha para a criança que chora copiosamente e foi a seu resgate.

— E depois? — questiono, porque ela apenas explicou a primeira parte da história.

— Depois eu subi para ajudar a Laura — o moleque explica. Ele, dos três, é o que está parecendo precisar de mais ajuda, pois está pálido e completamente enrolado nos galhos e na folhagem. — Mas eu esqueci que tenho medo de altura, e agora não consigo olhar para baixo que me dá uma vontade de...

Ele faz que vai vomitar, e eu e meus homens damos alguns passos para trás instintivamente. Nem fodendo quero receber vômito na cabeça de moleque com cara de quem só come Doritos.

Cruzo os braços e olhos furiosamente para o adulto da cena. Não apenas esse imbecil deixou os filhos subirem na árvore, como foi atrás deles. Escuto as sirenes da ambulância se aproximando.

— E o senhor? — pergunto ao pai.

— Fui pegar meus filhos, mas estou meio fora de forma
— Ah, jura? Nem havíamos percebido...

Ele bate na própria pança com um sorriso amarelo, mas nós continuamos sérios. Está com a cara vermelha como pimentão, mas se é do esforço ou de vergonha, não sei dizer.

— Quem eu ajudo primeiro? — um dos bombeiros questiona ao se aproximar.

— O garoto. Ele está parecendo prestes a vomitar. Depois, pega a menina lá em cima. — Dirijo-me ao pai. — O *senhor* vai descer sozinho.

— E eu? — uma voz feminina diz, e parece vir dos arbustos sob a árvore.

Mas que porra...

Eu e meus homens nos aproximamos devagar, e encontramos, entre as plantas, uma senhora que parece já estar na Terra desde os tempos bíblicos.

— Ligue para a ambulância — ordeno, depois de descobrir que a senhora tentou subir atrás dos bisnetos e do neto.

Isso mesmo: ela é a bisavó das crianças e a avó do imbecil com a barriga de chope. Agora descobrimos de onde ele tirou seu “bom” senso. Meu cacete.

A sorte deles é que a criança mais nova, Laura, teve a única boa ideia na família; ligou para a polícia antes de se arriscar na árvore. Quero dar uma bronca do cacete em

todos eles, mas me controlo. Todos estão nervosos e a idosa parece bem machucada.

Eu a acalmo enquanto os bombeiros tiram os três da árvore (eles acabam ajudando o pai, apesar de eu insistir que eles o deixassem se virar sozinho para aprender a não ser otário). Quando os paramédicos chegam, eles precisam movê-la com muito cuidado, pois acreditam que ela deslocou o quadril tentando escalar a árvore.

Sim, uma idosa de noventa e seis anos tentou subir no caralho de uma árvore. Se dependesse desta família, a humanidade certamente não teria futuro.

Agora, uma hora mais tarde, tudo o que quero é comer o que restou da pizza gigante de calabresa que comprei ontem para o jantar, acompanhada de uma cerveja bem gelada.

Minha vontade é voltar direto para casa, mas decido passar antes na delegacia para escrever logo o relatório desta ocorrência e me livrar o quanto antes desse caso de merda. Nem precisei dar uma dura na família: Mary foi a paramédica quem veio ao socorro da idosa, e ela deu bronca em todos, até na porra do gato.

Termino o relatório em tempo recorde e, quando estou saindo pela segunda vez da delegacia, um dos policiais do turno da noite me chama, dizendo que o Sr. Clark quer falar comigo com urgência.

— Xerife? — a voz dele está ansiosa, e já imagino o motivo.

A casa da família de escaladores-amadores de árvores é a algumas ruas de distância da dele. Provavelmente, ele soube o que aconteceu.

— Sr. Clark, se isso é sobre um gato nada fofo ou dois moleques e um idiota tentando escalar uma árvore, já está tudo resolvido. Eles estão todos bem.

Acho melhor nem falar da idosa com o quadril deslocado. O Sr. Clark é bem falante, pode ficar preocupado e começar a me contar toda a vida da mulher.

Uma vez, comentei com ele sobre um quase afogamento no Lago Azul e ele me contou – durante três horas seguidas – sobre todos os acidentes que ele já havia testemunhado no lago. Ao todo, foram trinta e dois.

— Não sei nada de gatos ou moleques, xerife — ele responde, esbaforido. Só falta eu ter que fazer outro atendimento. Estou morto, mas jamais deixaria de ajudar um morador de Blue Lake. — É sobre aquele nosso assunto. A Srta. Jones me ligou hoje querendo saber do aluguel.

Merda. Achei que ela fosse esperar mais. Pelo menos, até estar trabalhando na biblioteca um mês inteiro. Ela deve estar mesmo desesperada para sair.

— E o que o senhor disse?

— Exatamente o que combinamos.

— Como ela reagiu?

— Não parece ter gostado muito quando lhe contei que o xerife prometeu acabar com as minhas multas.

Porra, essa parte ele não deveria ter dito. Pedi a ele que falasse para ela que seu apartamento só é alugado por temporada. Será que alguém nesta cidade pode fazer algo sem me tirar da merda do sério?

— Contou *isso* para ela? — quase engasgo com minha própria saliva.

Conhecendo Aurora, ela estará uma fera quando eu chegar em casa. Se bem que... Ela fica bem bonita quando está toda nervosinha. Acomodo-me na minha poltrona, tentando ajeitar o pau que já começa a ficar duro.

Ainda assim, eu estava planejando uma noite bem tranquila no rancho, e sei que ela não me dará sossego se o Sr. Clark tiver lhe contado do nosso acordo.

— Sim, contei tudo.

Ah, fodeu. Ela vai estar uma fera. Bem, pelo menos, eu estarei preparado para a discussão. Vou pensar no meu discurso no caminho.

Se ela ligou para o Sr. Clark, deve ter ligado para outros também. Sabia que a minha precaução seria recompensada. É bom ser meio paranoico. Apesar de não achar que ela fosse querer sair do rancho tão cedo, eu tampouco quis arriscar.

Falei com meia dúzia de pessoas que estão alugando nos arredores da biblioteca, desde que Aurora começou com aquela história louca de que ficaria segura se morasse perto do trabalho.

Depois de decorar um texto para dizer a ela, chego em casa, e é muito pior do que eu pensava. Aurora me aguarda na porta. E ela está sorrindo para mim. Mas não é um sorriso simpático e gentil.

É o sorriso de um assassino em série que acabou de ver sua próxima vítima.

*

— Boa noite, Jack — sua voz é como cetim sobre aço.

— Boa noite — respondo, meio nervoso, meio excitado com sua carinha de quem está louca para me dar um tabefe.

Espero que ela fique violenta; se ela ficar, eu terei a desculpa perfeita para fazer algo louco, como calá-la com um beijo. Bem melhor do que o discurso tosco que eu preparei.

— Deve estar faminto.

— Hum... Estou? — será que ela colocou veneno na comida?

— Fiz jantar para você — o sorriso de assassina em série se transforma em um sorriso de tubarão.

Fodeu. Ela com certeza envenenou a comida.

— Ah. Obrigado? — agradeço, enquanto ela me puxa para dentro da casa e me senta na mesa de jantar.

Ouçó a risadinha de Mandy, e inclino a cabeça na direção do corredor onde ficam os quartos. A porta do quarto dela está fechada. Aurora não me mataria enquanto minha sobrinha está em casa, não é?

Não é?!

— Aqui está — ela serve o prato e um copo com uma bebida com cor de mijo. Merda, e fede a mijo também. — E tem um chá delicioso.

— Ah, que bom.

Ela se serve da mesma comida que colocou em meu prato e come um grande pedaço, depois toma um gole do mijo. Bem, pelo menos agora eu sei que a comida não está envenenada.

Começo a comer, e é pior do que parecia. O prato é uma berinjela sem sal com recheio de um queijo com gosto azedo. O chá não apenas fede a mijo, como tem gosto de mijo de bêbado.

Depois de alguns minutos tentando engolir a berinjela, Aurora se levanta e diz que vai dar uma olhada em Mandy. Graças a Deus, eu terei alguns segundos para engolir um pedaço de pizza da geladeira.

Quando abro a geladeira, entretanto, sinto que estou em um universo paralelo. Lá dentro, há apenas folhas, verduras, e frutas. Onde estão as carnes? O pão? O hamburger? A lasanha congelada? A merda da pizza que eu estava louco para comer?

Abro o outro lado da geladeira, onde guardo as bebidas. No lugar dos meus engradados de cerveja, há mais garrafas daquele líquido que Aurora chama de chá, mas parece mijo, além sucos e até uma merda com um rótulo que diz ser água aromatizada.

Água não tem gosto nem cheiro, porra! Quem gasta dinheiro com água com aroma de frutas cítricas?

Quando volto para a mesa de jantar, que fica de frente para a sala de estar, reparo em algumas mudanças que não havia notado enquanto era arrastado para dentro de casa.

Aurora tirou a minha televisão plana e a substituiu por um grande vaso de flores. Prefiro assistir aos jogos no

conforto do sofá, mas não me importo dela ter deixado a TV no meu quarto.

No lugar do meu sofá cinza, há um sofá florido, além de uma poltrona nova, combinando com o novo sofá. Os móveis novos parecem bem chiques, daqueles de revista, e imagino que tenham custado mais caro dos antigos, que meu irmão comprou de segunda mão, já que estava mais preocupado em quitar o valor do rancho.

O que significa que Aurora deve ter gastado todo seu salário da semana.

Se, por um lado, estou meio puto porque ela fez todas essas mudanças – especialmente o conteúdo da geladeira – sem me avisar antes, por outro eu me sinto aliviado, porque ela não teria investido todo esse dinheiro se não estivesse considerando continuar aqui.

Quando ela volta do quarto de Amanda, faço questão de elogiá-la.

— Gostei das mudanças que fez na casa.

— Ah, que bom que gostou — ela responde com um sorriso que, desta vez, é gentil, não assassino. — Consegui um preço ótimo pela sua televisão.

Cuspo o mijo-chá em cima da berinjela-azeda-feito-a-porra.

— O quê?

Aurora vendeu minha Smart TV LED Ultra HD de setenta e cinco polegadas com mais de oito milhões de pixels, conversor digital, wi-Fi integrado, quatro entradas de HDMI e duas entradas USB?

Ela era o meu bebê. Onde assisto aos jogos de futebol americanos e basquete.

Sinto o peito doendo, o coração acelerado e um suor frio cobrir meu rosto. Vou ter um ataque cardíaco. Pior; terei um ataque cardíaco junto com um derrame.

— Televisão não é bom para crianças, Jack — ela diz calmamente. — Mandy precisa ler mais. Com o dinheiro da TV, além do sofá e da poltrona, também comprei vários livros para ela, uma estante nova para ela ter onde colocar seus novos livros, e seu papel de parede.

Meu caralho. Eu vou matá-la. E o pior é que nem posso dar um escândalo, porque ela usou todo o dinheiro para a casa, inclusive comprou livros para Mandy e um papel de parede para mim.

Peraí. Ela usou o dinheiro da minha bebê novinha em folha para comprar papel de parede? Não preciso de papel de parede, caralho!

— *Meu* papel de parede? Que papel de parede?

— Do seu quarto, Jack — ela revira os olhos, como se eu tivesse acabado de perguntar como são feitos os bebês. — Mandy escolheu pessoalmente.

Putaque o pariu, isso não pode ser bom. Mandy sempre quis cobrir minhas paredes com desenhos de unicórnios e adesivos do Frozen. Se ela tiver comprado papel de parede de Frozen para o meu quarto, nem sei o que sou capaz de fazer.

Corro até a minha suíte, e descubro que é ainda pior do que eu imaginava. Aurora e Amanda redecoraram meu quarto com tema de faroeste. Minhas paredes estão

cobertas com desenhos de xerifes atrás de bandidos, todos em cima de cavalos.

— Meu caralho... — quero bater a cabeça contra a parede até furá-la.

— O que aconteceu com o seu coelho, tio Jack? — Mandy pergunta atrás de mim.

Respiro fundo e, olhando por cima do ombro, eu digo:

— Meu coelhinho amou o papel de parede, Mandy.

Aurora está atrás de Mandy, com aquele sorriso de tubarão satisfeito no rosto.

— E ainda nem é a melhor *surpresa* — Mandy anuncia, batendo palminhas.

— Sur-pre-sa — Aurora pronuncia lentamente.

— Sur-pre-sa — Amanda repete, e eu sinto que estou perdendo os sentidos.

É isso, eu vou morrer.

Fodeu. Fodeu geral. Pelo sorriso de Aurora, essa surpresa é ainda pior do que todas as outras que eu vi até o momento.

Jack

Cada uma me segura por um pulso, e sinto como se tivesse sendo levado para a cadeira elétrica. Ao invés disso, sou encaminhado até o quarto de Mandy, onde há uma pequena criatura com a língua maior que a cabeça.

— Um cachorro — eu praticamente cuspo.

Ele me olha com seus olhos pretos, dá voltinhas e se deita de barriga para cima. Elas se encantam, mas eu não sinto nada. Não gosto muito de cachorros.

Eles são carentes, querem atenção o tempo todo, são barulhentos e gostam de lambar sua cara depois de terem lambido a própria bunda. Isso quando não comem merda. Literalmente.

Sem contar que fedem pra caralho, destroem móveis, enchem a porra do saco, mijam em cada canto da casa até considerar que seu território está satisfatoriamente demarcado, e ainda peidam. Porra, peidam muito. Tanto quanto comem sapatos. Vou ter que esconder os meus.

Nunca tive cachorros, mas saí algumas vezes com uma pediatra em Austin que tinha um. Bicho enjoado da porra.

Era de raça, e latia toda vez que alguém chegava perto da porta do apartamento.

Além disso, ele tentava fornicar com a minha perna sempre que eu dava um beijo nela, o que quebrava qualquer clima romântico entre a gente. Nem preciso dizer que não saí muitas vezes com essa mulher.

— Adotamos um cão de guarda, tio Jack — Mandy anuncia, toda orgulhosa, como se tivesse acabado de ganhar o prêmio Nobel.

Se o bicho fosse um cão de guarda de verdade, teria uma serventia. Definitivamente não é o caso.

— Isso é um filhote — digo a ela.

A criatura parece saber que falamos dele. Levanta-se e gira em torno de Mandy, abanando o pequeno rabo. Ela o acaricia atrás das orelhas. Essa é outra coisa que me irrita em cachorros; eles são um bando de manipuladores.

Fazem carinhas fofas e nos olham como se fossem as criaturas mais inocentes do mudo, mas, no fundo, são um bando de estrategistas que nos manipulam para se tornarem os verdadeiros donos da casa.

Pois eu sou a merda do chefe desta casa e não é uma merda de uma bola de pelo que baba em todos os cantos que vai me manipular, porra!

— Em poucos meses, ele vai crescer e vai nos proteger — Aurora parece se preocupar com minha expressão de puro ódio, e tenta me confortar. — Assim, quando o tio Jack não estiver em casa, vamos ficar seguras. Não é, Mandy?

Amanda A Traíra concorda enfaticamente. Ela sabe como eu me sinto em relação a animais de estimação.

Em seu último aniversário, ela me pediu um cachorro de presente e eu lhe dei um de pelúcia, explicando que era a única forma que eu deixaria um animal entrar na porra da minha casa.

— Advinha qual é o nome dele? — Aurora insiste em me animar. Provavelmente, percebeu que estou prestes a explodir.

— Xe-ri-fe! — Amanda diz lentamente.

Como é que é? Isso é uma merda de piada por acaso?

— O nome do bicho é Xerife? — pergunto entredentes, sem conseguir acreditar na cara de pau de Aurora.

— Ah, sim. Em sua homenagem. — O sorriso de tubarão volta aos seus lábios. — E, quando nós chamarmos o cachorro de Xerife, vão achar que você está em casa.

— Muito esperta — solto um grunhido animalesco que assusta o bicho.

— Você não adora que estou morando no rancho? — Aurora pergunta em um tom irônico.

— Eu a-do-ro! — Amanda responde devagar.

Chego ao limite. Ordeno que Amanda fique quieta no quarto, enquanto eu pego Aurora, a coloco sobre meu ombro, e a levo até minha suíte. Fecho a porta atrás de mim e a coloco no chão na minha frente, bloqueando sua saída.

— Qual é o seu problema? — ela questiona, exasperada.

— O que acha que está fazendo, trazendo a merda de um cachorro para a minha casa sem a *minha* permissão?

— Como ousa me perguntar isso depois do que aprontou? — ela rebate.

— O que exatamente eu aprontei? — Eu me faço de desentendido, porque já esqueci a merda do discurso que tinha preparado.

— Quer uma ideia geral ou uma lista? Vou deixar apenas uma coisa bem clara para você, xerife Jack McQueen: vou ficar muito, mas muito confortável no seu rancho, já que não permite que eu saia daqui.

— Então isso tudo é sobre essa sua ideia maluca de querer morar na cidade?

— Ideia maluca é eu morar com um cara com quem nem sou casada.

— Podemos resolver isso amanhã mesmo, Aurora — digo meio sem pensar.

Sabe o que é mais louco? Acabei de falar em casamento com uma mulher e não saí correndo. Deveria ficar preocupado, mas, por algum motivo, estou com muito mais medo dela sair do rancho.

— Para de me provocar, Jack — ela sussurra, seu lábio inferior tremendo, suas pupilas ficando dilatadas. Olho para a sua boca, e começo a salivar. — Isso é sério.

Ela acha que eu estou brincando?

— Eu sei que é sério, especialmente a sua segurança.

— E a minha independência? — ela diz, e passa a língua inconscientemente pelos lábios carnudos.

Porra, essa mulher está testando todos os meus limites.

Eu a seguro pela cintura e a empurro, até ela ficar com as costas coladas na parede dos fundos da minha suíte, até nossos rostos estarem tão próximos que nossas respirações se misturam. Colo minha testa na dela.

— Você sabe o que eu faria se alguma coisa acontecesse a você? Acho que eu colocaria fogo nesta merda de país inteiro até te encontrar, Aurora! Eu não suportaria se alguém te machucasse.

— Jack...

— Eu sei que não deveria ter ameaçado o Sr. Clark, mas fiquei desesperado quando você falou em sair daqui e... Porra, que merda federal.

— Jack...

— Eu só quero mantê-la segura, e, vá por mim, não é aquela bola de pelo com cara de pobre coitado que vai te proteger. Só aqui você ficará protegida. Comigo, porra!

— Jack — ela coloca a mão no meu rosto, e sinto seu toque reverberando pelo meu corpo. — Você me convenceu quando falou em colocar fogo no país inteiro. Você... Iria atrás de mim? Mesmo?

Seus olhos se enchem de lágrimas, e eu sinto, no meu peito, que faria todo por essa mulher. Nem fodendo eu vou deixá-la sair do rancho. Se ela quiser pintar todas as paredes de rosa e colocar quadros de arco-íris, eu topo.

Pelo menos, sem a TV, não precisarei mais assistir a Frozen. Tudo tem um lado bom.

— Claro que iria atrás de você, Aurora.

Seguro seu rosto, e aproximo seus lábios ainda mais dos meus, deixando que se rocem de leve.

— Eu não me lembro de como era a minha vida antes, mas tenho a impressão de que ninguém nela faria por mim o que você acabou de dizer, Jack.

Se ela tivesse pronunciado aquelas palavras com ironia, eu teria conseguido soltá-la. Porém, o agradecimento verdadeiro em seu tom, aquele de uma pessoa que fala a outra como se tivesse acabado de salvar sua vida, destrói todas as minhas barreiras.

— Então só havia idiotas na sua vida passada.

Um dos cantos da sua boca se abre em um sorriso irônico.

— Agora o meu problema é um mandão possessivo.

— Vou te mostrar exatamente qual é o seu problema, Aurora Jones.

Quando dou por mim, meus lábios já estão sobre os dela.

O corpo de Aurora fica rígido quando eu a beijo. O beijo é lento, suave, diferente daquele que eu imaginava que seria o nosso primeiro. Minha expectativa era de mãos arrancando roupas, lábios mordiscando a pele sensível, e outras partes do corpo se encaixando.

No lugar disso, o que acontece é infinitamente mais perigoso. Há atração naquele beijo, e tesão também, tanto que minha calça já está apertada na região da virilha, mas meu peito também está repleto de carinho. E eu nunca fui do tipo carinhoso.

Acaricio sua mandíbula, e ela se abre para mim. Não perco tempo; invado-a com a língua, enquanto as mãos dela me seguram pelos ombros. Eu a pressiono ainda mais contra a parede, até levantá-la do chão, até minha ereção se encaixar entre suas coxas, e as longas pernas me abraçarem pelo quadril.

Ela usa um vestido curto e simples, e sei que usa apenas uma calcinha por baixo. Consigo sentir seus mamilos ficando durinhos mesmo através das camadas de roupa, então tenho certeza de que não usa sutiã.

Começo a brincar com a língua dela, arrancando gemidos de sua garganta. É a minha vez de gemer quando sinto seus dedos trêmulos passando pelos músculos dos meus braços, agarrando-os, como se eles pudessem lhe dar forças.

Minhas mãos, que estavam comportadas em sua cintura, sobem até seus seios. Aurora é mais do tipo modelo, elegante, porém magra.

Mas ela tem curvas nos lugares certos, especialmente os seios. Eles me fazem sonhar em várias formas de chupá-los desde que ela veio para o rancho. São fartos, redondos e empinados.

Há muitas semanas eu fico com uma porra de ereção sempre que a vejo de camisola ou com suas camisas de dormir, sem nada por baixo, os gêmeos balançando levemente enquanto ela caminha, e eu imagino como eles

se encaixariam dentro das minhas mãos, como eu engoliria um de cada vez, até ela gozar.

Esfrego a palma da mão contra o mamilo duro, e ela grita na minha boca. Que sensação deliciosa da porra. Mesmo com o vestido, sinto o montinho ficando ainda mais durinho sob meu toque, e o corpo dela estremece de prazer.

As mãos dela escorregam pelas minhas costas e apertam o meu traseiro; sentir que ela me deseja também, que ela deseja meu corpo, meus músculos, minha bunda e, eu espero, meu pau enterrado bem fundo nela, me deixa ainda mais duro.

Sem separar nossas bocas, eu tiro os sapatos, desabotoou a camisa e abro a calça. Levanto a saia do seu vestido até estar em sua cintura, e quase gozo ao sentir a maciez da pele dela sob meus dedos. Subo a mão, até encontrar a curva do seio, e continuo subindo.

Ela grunhe algo incoerente, talvez pedindo mais, e é isso que eu lhe dou. Ao mesmo tempo em que aprofundo o beijo, explorando cada canto de sua boca deliciosa, puxo seu mamilo entre meus dedos.

Abafo seus gritos de prazer com o beijo, e começo a descer meus lábios, para sua mandíbula, seu pescoço... Estou chegando em seu seio, quando escuto uma risadinha infantil e bastante familiar.

— Puta que o pariu! — solto, quando vejo minha pequena à porta da suíte, nos encarando com olhos arregalados, um coelho de pelúcia em uma das mãos, um travesseiro com arco-íris na outra.

Percebo meu erro assim que o xingamento deixa minha boca. Aurora fica tensa em meus braços, e eu a coloco no

chão, e me viro para esconder o corpo dela atrás de mim enquanto ajeita o vestido.

Assim que se recompõe, ela dá um passo para o lado, e nós dois encaramos Amanda, que nos observa com desconfiança, atônita, como se eu fosse o monstro do Lago Ness.

Quando estou começando a acreditar que ela não escutou o que eu disse, a pequena boca dela abre-se.

— Puta. — Não. — Que. — Porra, não! — *O paliu!* — Fodeu.

*

Com a minha sorte, essa será a primeira frase que ela dirá na escola amanhã de manhã. Estou absoluta e completamente fodido. Claro que, em face da minha iminente desgraça, Aurora está segurando a gargalhada.

Ela ainda não conhece Vivi, não sabe do que ela é capaz.

— O que vocês estão fazendo? — Mandy diz depois de dar uma risadinha sapeca.

— Antes de mais nada, me prometa que você não contará sobre a expressão feia que eu disse a ninguém, Mandy — Ajoelho-me em frente a ela, para poder olhá-la nos olhos. — Não pode repeti-la nunca mais, está me entendendo?

Ela inclina a cabeça e aperta os olhos.

— Hum... Não sei...

— Prometa-me. Especialmente para a sua tia Vivi.

— Talvez, se eu ganhasse aquele vestido da Elsa...

Uma criança de seis anos está... Me ameaçando? Um xerife com experiência na SWAT? Nem fodendo. Que comecem as negociações.

Trinta segundos e meia dúzia de ameaças depois, e eu acabo perdendo feio. Além do vestido, ela negociou um boneco de pelúcia do Olaf e sapatos novos para combinarem com o maldito vestido.

— Mas ainda não entendi uma coisa — ela comenta quando fechamos o acordo com um apertar de mãos. — O que vocês estão fazendo?

— Coisa de adulto — respondo de pronto.

Fico de pé e olho de soslaio para Aurora. Ela não está mais achando engraçado, agora que estamos lidando com um assunto que diz respeito a ela. Amanda já prometeu que não dirá mais filho da puta, mas não combinamos nada em relação à cena que ela viu.

Se ela contar para seus amiguinhos da escola amanhã, em menos de vinte e quatro horas todos confirmarão as suspeitas de que eu e Aurora estamos juntos. E eu, como sempre, não farei nada para negar esse tipo de fofoca.

— Você *tilou* o coelhinho da toca, tio Jack?

Solto uma gargalhada, e Aurora fica boquiaberta.

— Meu coelhinho continua na toca, Mandy. Por enquanto — pisco para ela de um jeito conspiratório, deixando Aurora ainda mais desconfiada.

— Você é *namolada* do tio Jack? — ela pergunta a Aurora.

— Não! — ela responde toda ofendida.

Vamos ver se ela continuará ofendida assim quando eu a fizer gozar com seu mamilo na minha boca e meus dedos dentro de sua boceta encharcada.

— Ainda não, Mandy — intervenho, para deixar claro às minhas duas garotas exatamente quais são as minhas intenções. — Mas o tio Jack está trabalhando muito nisso.

Amanda abre um sorriso imenso e sai do quarto, avisando que levará Xerife lá fora para mijar. Porra, estava tão distraído que tinha me esquecido completamente do cachorro.

— Do que ela estava falando? Que história é essa de coelhinho na toca? — Aurora questiona quando se certifica de que Mandy não pode nos ouvir.

— Você vai descobrir logo.

— Quando?

— Quando eu colocar o meu coelho na sua toca, Aurora.

Aurora

Quando eu colocar o meu coelho na sua toca, Aurora.

A frase se repete sem parar em minha mente desde ontem à noite. Até então, apesar de não esconder sua atração por mim, o xerife tentava manter as aparências, e me dava alguma segurança de que não tentaria nada comigo.

Agora, sei que ele não apenas vai tentar se envolver romanticamente comigo (ele não poderia ter sido mais claro sobre esse ponto), como também descobri que meu corpo não consegue resisti-lo.

Meu corpo? Quem eu estou enganando? Eu o beijei com o corpo, a alma e, devo admitir, com o coração também. Só faltou o bom senso, que voou pela janela no instante que seus lábios tocaram os meus.

Preciso fazer algo a respeito. Urgentemente. Ontem, percebi que não será possível alugar um imóvel aqui na cidade, pelo menos, não neste momento. Enquanto isso, terei que dar um jeito de manter suas mãos, seus olhos e, principalmente, sua boca o mais longe possível de mim.

O xerife Jack McQueen está acostumado a ter qualquer mulher que deseje, a mandar e desmandar nas pessoas, e não sabe ouvir “não”. Pois eu preciso demonstrar, de um jeito ou de outro, que não pertencço a ele, que ele não é meu chefe, e muito menos pode se comportar como um homem das cavernas possessivo.

O telefone da pequena sala dos funcionários da biblioteca toca, e, ao atender, reconheço a voz de Melanie, a filha de Mary.

— Aury! — aparentemente, ela já criou um apelido para o meu nome provisório, o que apenas me faz sentir como se fosse o verdadeiro, definitivo. — Como foi ontem? Nosso plano diabólico funcionou?

Apesar dos meus medos e dúvidas, não resisto e dou uma longa gargalhada. Já percebi que eu e Mel nos tornaremos grandes amigas. Pena que ela vive em uma das regiões mais turísticas da cidade, senão eu poderia morar com ela.

— Infelizmente, foi tudo por água abaixo.

Explico rapidamente o que aconteceu: a reação de Jack foi infinitamente melhor do que eu pensava. Depois de Mandy me garantir que ele morreria se nós adotássemos um cachorro, eu tinha certeza de que ele me expulsaria do rancho na hora que visse o Xerife.

Entretanto, ele nem reclamou da televisão gigante e supervalorizada que eu vendi; nem mesmo reclamou do jantar vegetariano ou da falta de cerveja. Não me lembro qual foi a última vez que um jantar na casa dos McQueen não tinha carne.

Ao contrário. Ele me disse coisas lindas. Posso conhecê-lo há pouco tempo, mas, dentro do meu peito, sinto que ele realmente iria até as profundezas do mundo para me procurar.

Quando ele me beijou, eu já estava tão louca para ser tocada por ele que nem considereei afastá-lo, que nem pensei na hipótese de lhe dizer não. Se Mandy não nos tivesse interrompido, nem sei o que teria acontecido.

Sei sim. O coelho dele teria terminado a noite na minha toca. Sinto um arrepio percorrer meu corpo ao pensar em como seria ter um homem viril como Jack na minha cama. Pelo seu beijo, sei que ele pode ser sedutor, intenso, mas também gentil.

Droga, por que eu fui provocá-lo?

— Como assim, vocês se beijaram? — Melanie pergunta, atônita, quando eu termino de contar sobre os acontecimentos imprevisíveis de ontem.

Eu a compreendo. Ontem mesmo eu disse a ela que queria me livrar da companhia dele, e hoje eu não apenas lhe conto que o beijei de volta, como adorei o beijo.

Céus, só de pensar em sua barba roçando no meu rosto, em sua língua fazendo maravilhas dentro da minha boca, nos sons que saíram da garganta dele enquanto me agarrava, sinto meu coração palpitar.

— Também mal consigo acreditar, Mel. Podemos mudar de assunto?

— Nossa, deve ter sido bom mesmo, para você ficar toda esbaforida só de falar no beijo.

— Preciso parar de pensar nisso — acabo dizendo em voz alta.

Ela gargalha do outro lado da linha.

— Que tal sairmos hoje juntas, Aury? Vai ter uma festa na casa de um amigo meu, mas só para o pessoal da cidade, então você estará segura.

Meu instinto imediato é dizer não; como Jack avisou que trabalhará até mais tarde hoje, fiquei de retornar com Mandy no ônibus da escola ao fim da tarde e faremos companhia a Clarissa até ele chegar.

Por outro lado, posso avisar a Clarissa dos meus planos. Antes de morar no rancho, ela cuidava sozinha de Mandy até Jack retornar da delegacia, e sei que fez um excelente trabalho.

Eu preciso sair mais. Eu *mereço* sair mais.

— Gosto da sua ideia, Mel. Eu tenho ficado trancafiada em casa.

— E o xerife precisa ser colocado em seu devido lugar...

Nem tinha pensado por esse aspecto.

— Se precisa — concordo com ela. — Quero a minha independência, só isso.

— Então, quer ele queira quer não, você vai ter a sua independência.

*

No fim das contas, a festa é no quintal da casa em que Vivianne, madrinha de Amanda, divide com uma colega de

trabalho. Aparentemente, é a antiga casa dos pais dela, que herdou quando eles e sua irmã faleceram.

É uma coincidência maravilhosa; apesar de Jack ter tentado marcar um jantar no rancho para sermos apresentadas formalmente várias vezes, sempre acabava surgindo alguma coisa na delegacia, obrigando-nos a postergar.

Como ela é professora na escola em que Mandy estuda, eu a vi algumas vezes de longe, mas nunca tivemos oportunidade de nos falarmos. Isto é, até hoje. Observo-a se aproximar de nós duas, com um sorriso enorme no rosto, tropeçando algumas vezes pelo caminho.

Amanda me contou que, o que a tia tem de ótima professora, ela tem de desastrada. Aparentemente, sua falta de jeito é conhecida em toda a cidade. Parece que ela até já colocou fogo na igreja. Acidentalmente, claro.

Quando perguntei a Mandy como alguém foi capaz de causar um incêndio em uma igreja sem querer, ela levantou os ombros e disse: “coisa da tia Vivi”.

Eu já tinha notado como Vivianne é uma mulher bonita de longe, apesar de fazer de tudo para esconder esse fato com roupas folgadas e escondendo o rosto delicado com seus longos cabelos ruivos.

De perto, vejo como Amanda puxou alguns dos meus traços favoritos da tia: o sorriso meigo e inocente; os olhos castanho-claros; as covinhas nas bochechas quando sorri bem largo; os traços delicados, que a fazem parecer uma bonequinha de porcelana.

— Aury, esta é Vivi — Melanie nos apresenta.

— Finalmente — Vivi me dá um abraço acolhedor, como se fôssemos amigas há anos. Sei que parece loucura, mas sinto que é exatamente isso que nos tornaremos. Assim como foi fácil gostar de Mel, eu sei que vou gostar de Vivi também. — Parece que sou a última a conhecer a famosa Aurora. Mandy tem falado muito bem de você.

— Ela é adorável — sinto meu peito encher de amor pela pequenina que conquistou meu coração.

— Ela acha o mesmo de você — Vivi diz com um sorriso ainda mais largo, aprofundando suas covinhas. — Assim como Jack.

— Ah.

Sei que minhas bochechas devem estar vermelhas, porque sinto meu rosto queimando de desconforto. Vivi parece ser bastante tímida e discreta, mas desconfio, pelo sorriso que me lança, que Amanda já lhe contou tudo sobre o beijo.

— Mandy comentou comigo o que você fez com a casa — ela diz, de forma dúbia. Isso confirma as minhas suspeitas: se Mandy lhe contou sobre as mudanças que fiz, decerto também tagarelou sobre... Bem, o restante. Melanie nos observa como se fôssemos personagens de um filme muito cômico. — Adorei o plano.

— O xerife sempre precisou de uma mulher que o colocasse em seu devido lugar — Mel complementa, e o sentido do que ela está dizendo não poderia ser mais claro.

Elas estão se referindo a mim e ao xerife como se fôssemos um casal. Tenho que cortar isso o quanto antes, senão, em breve, todos na festa falarão do “novo casal” de Blue Lake.

Eu vim hoje justamente para afastar esse tipo de fofoca. E dar uma lição em Jack, claro. Fiz questão de não lhe contar sobre meus planos, o que significa que ele apenas vai descobrir quando for buscar Amanda na casa de Clarissa.

Ah, o que eu não daria para ver sua cara quando ele souber que estou em uma festa na cidade, cercada por homens da minha idade, muitos dos quais atraentes. Não pretendo ficar com nenhum deles, claro, mas seria bom conhecer caras que não se consideram meus donos.

Exatamente por isso, decido cortá-las.

— Mel, sabe muito bem que eu e Jack não estamos juntos.

— Não gosta dele? — É Vivi quem pergunta, com uma expressão preocupada.

Provavelmente, ela e Mandy já devem até ter discutido sobre nossa festa de casamento.

— Não do jeito que está pensando, Vivi.

— Não gosta ou não *quer* gostar? — Mel questiona ironicamente, levantando uma sobrancelha para mim.

— Eu... Hã... Podemos mudar de assunto?

As duas riem do meu constrangimento óbvio, que revela muito mais do que eu desejava. Felizmente, elas seguem meu pedido e mudam imediatamente de assunto. Começam a falar sobre meus projetos na biblioteca, que eu estou amando, por sinal.

Depois de alguns minutos, Vivi se escusa para receber outros convidados, e Melanie parece distraída, observando o

pessoal da festa.

— Que estranho — ela comenta de repente. — Por que os caras te encaram como se você fosse um bolo de chocolate com cobertura de doce de leite, mas ninguém chega perto?

— Você também reparou nisso, Mel? — notei como alguns deles caminharam em nossa direção, como se fossem falar comigo, mas pararam no meio do caminho.

— Óbvio — ela me encara com olhos esbugalhados. — Você acha que...

Sei exatamente do que ela desconfia, porque eu pensei na mesma possibilidade.

— Não, ele não faria isso.

Jack pode ser um mandão, macho alfa e ultraprotetor. Mas ele não seria capaz de proibir os homens de Blue Lake de até falarem comigo.

Ou seria?

De repente, não tenho mais tanta certeza. Vejo que o namorado de Vivi, Lucas, acaba de chegar.

Ele é um querido, e acho que me contaria se soubesse de alguma coisa. Por outro lado... Ele é muito gentil, mas parece temer o xerife.

— Não fique paranoica, Aury — Mel coloca a mão sobre meu braço. Mas ela está trêmula. Sei que, apesar de suas palavras, ela está ainda mais desconfiada que eu. — Isso é demais. Até para o xerife.

— Está segura disso, Mel? — eu certamente não estou.

Na verdade, quanto mais penso no assunto, mais faz sentido a minha suspeita. Quando estou na biblioteca, mesmo quando fico no balcão de atendimento, nenhum homem ousa sequer se dirigir a mim.

E, de fato, há diversas câmeras na biblioteca interligadas a um sistema de segurança que, segundo Margarida, Jack insistiu em instalar em todos os prédios públicos de Blue Lake.

Será que ele ameaça os homens da cidade e avisa que está de olho neles pelas câmeras da biblioteca?

— Hã... — Mel parece ter engolido um ovo inteiro.

— Oi, Mel. Quer dançar? — ela é salva por um rapaz de olhos gentis e um sorriso tímido.

Ela acena rapidamente. Sei que não é só vontade de dançar com ele; ela quer é fugir de mim.

— A gente conversa sobre isso depois, tá? — ela me diz enquanto se afasta com ele. — Não faça nenhuma besteira.

— Como assassinar seu xerife com requintes de crueldade?

— Exatamente! O presídio mais próximo fica a cinquenta quilômetros daqui, e não quero perder todo esse tempo para visitá-la — ela pisca para mim e se vira para conversar com ele.

Não resisto, e começo a gargalhar.

Nossa, como eu precisava de uma amiga como Melanie, que me faz rir, mesmo das piores situações. Também

preciso de uma amiga como Vivi, que me ajude a entender Jack e descobrir exatamente o que ele está aprontando.

Ela está agora dançando juntinho com Lucas, mas, assim que a canção terminar, vou ter uma conversinha com os dois.

Minha atenção retorna para Melanie, que, ao invés de dançar com seu parceiro, está conversando com um casal sentado em uma mesa nos fundos do quintal.

Levo alguns segundos, mas noto que já conheço a moça. Seu nome é Francisca, ela é uma funcionária do hospital, e está grávida de uns sete meses.

Depois de alguns minutos, o seu marido, Mike, que também conheci quando estava internada, vem me convidar para dançar.

— Finalmente, Mike — acabo desembuchando quando já estamos na pista de dança improvisada no quintal, e ele me olha com curiosidade.

— Finalmente o quê?

— Finalmente um ser do sexo oposto veio falar comigo — digo, começando a ficar mais relaxada.

— Do que está falando?

— Como ninguém me convidou para dançar, comecei a ficar paranoica. Achei que o xerife havia proibido os homens de chegarem perto de mim — Explico, achando que ele gargalharia da minha loucura.

Mas o oposto acontece. Mike fica pálido. Ah, não. Isso é um péssimo sinal.

— O que foi, Mike?

Ele parece prestes a vomitar.

— Mike, juro que piso no seu pé se não me contar.

— O xerife proibiu quase todos os homens solteiros de Blue Lake de chegarem perto de você.

Meu senhor de mulheres que lidam com neandertais que se acham donos delas! O que ele Jack fez?

— *Quase* todos os homens?

— Exceto pelo Sr. Gunner — Mike explica. — Mas, antes que você se interesse em conhecê-lo, saiba que ele tem noventa e dois anos, é cego de um olho e completamente surdo, coitado.

— Sinto muito, Mike, mas preciso ir — eu me solto dele, que fica com uma expressão ainda mais preocupada.

— Para onde?

— Para o rancho.

Preciso matar um xerife possessivo.

Aurora

Estou tão desesperada para chegar logo ao rancho e matar o xerife Jack McQueen que acabo aceitando carona de uma das frequentadoras mais assíduas da biblioteca.

Ela acabou de completar dezenove anos e ainda não tirou a carteira. Segundo a própria, não passou nos últimos sete exames de direção que fez.

Sete. Exames. De. Direção.

Sim, devo estar ficando louca, porque eu aceitei entrar em seu carro. Quase batemos duas vezes e chegamos perto de atropelar uma vaca desavisada, antes dela finalmente me entregar – por um milagre, inteira – no rancho.

Assim que chego ao meu destino, esqueço minha experiência de quase morte e entro correndo na casa.

Começo a surrar a porta do quarto de Jack, que estava trancada. Ele abre a porta segundos depois, com uma expressão irritada. Dane-se a irritação dele; ele terá que me ouvir. Suas orelhas vão queimar com tudo o que tenho a dizer.

Estou tão furiosa que mal noto o que ele está vestindo. Ou melhor, o que ele não está vestindo. Jack usa somente uma toalha enrolada na cintura, mas o ódio nem me permite aproveitar a vista ou me dar conta do perigo da situação.

— Aurora? — ele questiona, seu tom preocupado.

Não respondo, não pisco, nem sequer o xingo; apenas corro em sua direção, até me colidir com a montanha de músculos, jogando-o para trás.

Aurora é o cacete!

Como aquele crápula tem coragem de fingir que está tudo bem depois de ameaçar os solteiros da cidade às minhas costas?

Traidor!

Antes que ele possa reagir, aproveito que estou deitada sobre ele e começo a surrar seu peito, até sentir algo crescendo entre minhas pernas.

Oh, não!

Olho para baixo, entre nossos corpos, finalmente enxergando Jack de verdade. Ele está molhado dos pés à cabeça, e pelado. Tipo, completamente pelado. Ao nosso lado, há uma toalha embolada no chão, que deve ter se soltado quando eu me joguei contra ele.

Meus olhos retornam aos dele, e noto, entre o medo e a excitação, que as pupilas de Jack estão tão dilatadas que eu mal enxergo o tom acinzentado e intenso deles.

Ele estica uma das pernas e fecha a porta com o pé.

Enquanto isso, eu continuo em cima dele. A ereção dele continua pulsando entre as minhas pernas. Ele permanece molhado. E pelado. E bem gostoso, por sinal.

Peraí um instante. Não era para eu estar brigando com ele por algum motivo?

Estava quase me lembrando do motivo de tê-lo atacado, quando a mão de Jack voa para a minha nuca e me puxa contra ele. Seus lábios esmagam os meus, em um beijo possessivo e desesperado.

A essa altura, eu já me dei conta de que nossa química é poderosa demais para eu conseguir resisti-lo.

Não posso mais mentir para mim mesma: se alguém for parar esse vulcão prestes a explodir entre nós, esse alguém será Jack McQueen, porque eu não tenho qualquer controle sobre meu próprio corpo quando estou nos braços dele.

Apenas de beijá-lo, meu corpo traidor já arrancou minhas sandálias e o casaco leve que eu vestia. Jack tampouco ficou apenas nos beijos; ele desabotoa meu vestido e o joga para longe, sem desgrudar os lábios dos meus.

A barba dele vai deixar meu rosto vermelho, marcado. E eu estou amando cada segundo.

Ele afasta os lábios dos meus para traçar uma trilha de beijos pelo meu pescoço e minha jugular, mordiscando minha pele, me provocando, me deixando cada vez mais distante da realidade, cada vez mais isolada na bolha erótica em que ele me prende sempre que me toca.

Depois de passar algum tempo brigando com o meu sutiã, ele consegue, enfim, libertar meus seios, e parece tão

impaciente quanto eu, pois abocanha meu seio no instante em que se livra da peça.

Viro a cabeça para trás e agarro os cabelos dele, trazendo-o ainda para mais perto de mim. Ele é como um homem das cavernas, deixando minha pele marcada pela sua barba, agarrando meu corpo como se fosse dele, sabendo exatamente como me deixar vulnerável a ele.

Neste momento, ele poderia fazer qualquer coisa comigo, que eu nem cogitaria a hipótese de dizer não. Eu sequer conseguiria dizer talvez!

Enquanto ele puxa um dos meus mamilos entre seus dentes, brinca com o outro seio com uma das mãos, apertando meu mamilo entre seus longos dedos.

E o que *eu* estou fazendo? Gemendo como uma atriz de filme pornô, arqueando as costas para ter certeza de que ele terá acesso o suficiente, e aproveitando cada segundo.

Ainda deitada em cima dele, começo a movimentar meu quadril, para frente e para trás, apertando a ereção dele entre nós. É quando o lobo mau substitui o homem das cavernas. Jack começa a grunhir, a gemer alto, a fazer sons que mais parecem uivos.

Quanto mais excitado ele fica, mais excitada ele me deixa, com mais intensidade ele brinca com meus seios, aí mais eu me remexo sobre ele...

Deu para entender o ciclo vicioso e ultrassexual, não é? Em poucos minutos, eu chego ao ápice.

— Jack! — eu grito, eu gozo, eu imploro. Por mais. Muito mais.

Devo ter passado pelo menos um minuto inteiro gozando porque, quando dou por mim, já estamos deitados na cama *king size* dele, e Jack está tirando a minha calcinha.

Engulo em seco ao observar seu corpo viril aos meus pés. Nossa, como ele é perfeito. Musculoso, alto, e, onde importa, muito grande.

Sinto uma pontada de insegurança ao imaginar sua ereção grossa e enorme dentro de mim, até notar como ele me observa.

Jack me olha com tamanha adoração, que sei que não vai me machucar. Ele vai garantir que eu tenha prazer, não dor. Ele já deve ter feito amor com outras mulheres inexperientes como eu.

Sempre senti ciúmes delas, bem lá no fundo, mas agora eu me sinto excitada por saber que toda a experiência sexual dele está sendo usada para a *minha* satisfação.

Mal tenho tempo para pensar no que está para acontecer, quando Jack me leva à loucura novamente. Com a mesma intensidade com que abocanhou meus seios, ele o faz entre as minhas pernas.

Jack não espera eu me recuperar; será que a palavra esperar sequer faz parte do vocabulário dele? Muito menos ele ficou enrolando, beijando as partes internas da minha coxa, aos poucos chegando ao meu centro.

Ele foi direto para o meu clitóris; vou à Marte e grito para os marcianos que Jack McQueen é o homem mais virial da galáxia. Mal me recuperei do primeiro clímax, e já estou me aproximando de outro.

Ao enfiar dois dedos dentro de mim, chego uma segunda vez ao ápice. Meu corpo estremece tanto que Jack é forçado a afastar o rosto do meu centro.

Claro que ele aproveita o fato de que estou tão mole quanto mingau para se posicionar em cima de mim, seu peso me afundando no colchão.

Os lábios dele retornam aos meus; sentir meu gosto na boca dele apenas me deixa mais úmida, como se fosse possível ficar mais excitada.

Sinto sua ereção pulsando sobre meu estômago, e meus quadris levantam de leve, um movimento quase que natural, convidativo, uma autorização de que estou pronta para ele.

E é nesse preciso momento que o celular de Jack começa a tocar.

Ignoro a chamada, ele também. Sinto a ereção dele na minha abertura; minhas pernas circulam a cintura dele, aproximando-o mais.

O. Celular. Toca. De. Novo.

Ele para por um milésimo de segundo. E, graças a todos os deuses do sexo, continua. Sinto-o entrando um pouco mais, encontrando alguma resistência. Ainda assim, apesar de sua paixão estar clara em seus olhos, ele não força a barra, continua me penetrando bem devagar, esperando até que eu me acostume.

A sensação dele dentro de mim, apesar de um pouco incômoda, é igualmente maravilhosa. Sinto que ele está no limite, que a qualquer instante vai enfiar tudo de vez, e descobrir que é o meu primeiro.

Não resisto; levanto mais os quadris para oferecer acesso total a ele.

O. Telefone. Fixo. Toca.

— Caralho! — Ele se afasta um pouco de mim, mas mantenho as pernas trancadas em volta dele.

— Não ouse parar, Jack!

Não acredito nisso; depois de todo o esforço dele para nos encontrarmos exatamente nesta situação, ele vai parar por casa de uma porcaria de telefonema?

Ah, mas não vou deixar mesmo.

Puxo os quadris dele para perto de mim, mas ele continua se afastando. Apoia um cotovelo do meu lado direito e estica o outro braço, até alcançar o telefone no criado mudo.

— Quem é? — ele late. Revira os olhos e sussurra para mim que é da delegacia. — Alguém morreu? — devem ter dito não, porque ele responde: — Então não me ligue a menos que o assunto envolva morte, porra!

Ele bate o telefone e me encara, seus lábios se curvando para cima em um sorriso sedutor. Ele segura meu rosto com uma mão, e me beija profundamente, engolindo meus gemidos, enquanto termina a penetração.

Sinto o exato momento em que ele rompe meu hímen. E sei que ele sente também, porque ele para de me beijar por um segundo, seus olhos queimando a minha alma. Eu o puxo para outro beijo, e uso toda paixão que guardei nas últimas semanas.

Depois de alguns segundos, quando meus músculos internos já se adaptaram à intrusão, Jack volta a se movimentar dentro de mim, esfregando seu peitoral sobre meus seios, deixando meus mamilos sensíveis.

Seus lábios se movem até meu pescoço, e chupa a pele sensível entre seus dentes, enquanto me penetra com mais força, em um ritmo cada vez mais acelerado, entrando em mim completamente, saindo até apenas a cabeça estar dentro.

Gozo mais uma vez momentos antes de senti-lo despejar tudo dentro de mim. Quando enfim paramos de estremecer. Ele joga seu peso sobre meu corpo, e sinto seu coração martelar contra meu peito.

— Você é minha, Aurora Jones — ele sussurra em meu ouvido.

Claro que ele terminaria esse momento perfeito com uma frase de macho alfa. Reviro meus olhos, mas ele não vê, porque ainda está com a cara enterrada no meu pescoço.

Minutos se passam antes dele se afastar um pouco de mim, colocando seu peso sobre os cotovelos.

Ele espera até que eu abra os olhos, e quase tenho um ataque cardíaco ao ver o olhar de puro desejo que ele me dirige. Mas há mais nesse olhar. Satisfação... Admiração... E muito carinho.

— Você... — ele diz e se interrompe. — Você era... Hum...

— Virgem? — Ajudo-o. — Sim, eu era.

Ele morde meu lábio inferior e cola a testa na minha, um sorriso arrogante começando a curvar seus lábios. Começo a me lembrar por que queria brigar com ele quando invadi seu quarto.

— Nós não usamos proteção — ele comenta.

— Não, não usamos — concordo com ele.

Nós nos comportamos como dois adolescentes com mais hormônios que neurônios. Felizmente, meu ciclo menstrual acabou de terminar, então acho que não tenho risco de engravidar. Muito.

Droga, agora terei que esperar quase um mês para descobrir se nossa aventura me engravidou ou não.

— Sabe o que isso significa? — sei que ele não está falando da provável gravidez, e sim de nós dois.

— Nada — replico seriamente. — Absolutamente nada.

— Nem vem, Aurora. Você é *minha* agora.

Ah, mas agora eu vou brigar com ele.

Dane-se que acabamos de fazer amor; dane-se que ele foi o meu primeiro; dane-se que foi perfeito; dane-se que ele já está ficando duro de novo entre as minhas coxas; dane-se que eu estou ficando excitada novamente.

Sei que não estou em posição de colocá-lo em seu devido lugar, como eu planejava, mas preciso ao menos tentar.

— Soube que andou ameaçando os solteiros da cidade.

Ele engole em seco.

— Não é o que você pensando.

— Não? — levanto uma sobrancelha para ele.

— Talvez seja. Foda-se. Tenho algumas coisas a dizer, Aurora.

— Não quero ouvir.

Ele segura meu rosto, e seus lábios roçam nos meus enquanto diz:

— Pois vai ouvir. Eu jamais senti por nenhuma mulher o que eu sinto por você. É uma mistura de sentimentos que gera um ciúme do caralho, então sim, eu deixei claro para os homens da cidade que seria capaz de matar o desgraçado que tocar em você. Eu não quero perder você, Aurora. Porra, eu não *posso* perder você.

Meu peito incha de amor por ele. Droga. É a realidade: eu o amo. E é isso que mais me assusta. Por mais que eu negue, por mais que eu queira afastá-lo, eu sou dele, de corpo e alma.

Mas a minha situação é de total desequilíbrio em relação ao xerife Jack McQueen.

Estou na casa dele. Dependo dele. Sou protegida por ele. Além disso, não sabemos qual é a minha outra vida. E se eu tiver alguém nela? E se eu for responsável por alguém, como ele é por Mandy?

— Diga alguma coisa — ele pressiona seu corpo contra o meu.

— Não tenho ideia do que dizer, Jack.

— Sei que me deseja — ele diz em um tom irritado. — Não entendo por que se faz de difícil.

— Isso não é um jogo, Jack! Se fosse, eu já teria perdido. Não sou forte como você, ou independente, ou segura de quem eu sou. Eu tenho medo.

— De mim?

— Não. Tenho medo do que eu sinto por você.

Ele me beija. Desta vez, é um beijo lento e profundo, que desperta cada canto da minha alma.

— Não vou desistir, Aurora — ele sussurra contra meus lábios. — Vou insistir até você não sentir mais medo algum. Vou insistir até você usar meu sobrenome e carregar meu filho na sua barriga.

Jack

Espreguiço-me até ocupar toda a cama, e tateio em busca do corpo macio e delicioso dentro do qual eu passei boa parte da noite.

Eu tinha altas expectativas em relação a Aurora; se nossos beijos já eram intensos o suficiente para provocarem terremotos, eu imaginava que o sexo seria como um tsunami. Depois dele, tudo seria diferente.

E foi mesmo. Muito mais do que eu imaginava. Nas últimas semanas, enquanto tentava descobrir a identidade verdadeira de Aurora, imaginei o que faria se descobrisse que ela tinha um namorado, ou pior: um marido.

Entretanto, a noite passada provou que o único homem que já fez amor com ela fui eu. Sim, sou sortudo pra caralho, e nem ferrando vou desperdiçar a minha chance. Vou pedi-la em casamento antes que ela descubra que é, digamos, do Alaska.

Se eu já não gostava da ideia dela ir embora antes, agora, depois da nossa noite perfeita, sei que será impossível. Por isso, quero tornar as coisas oficiais o quanto antes.

Só preciso descobrir com o juiz como faremos para ela se casar com sua nova identidade e, claro, preciso tirar o antigo anel de noivado de minha mãe do cofre.

Minha mãe disse que, um dia, eu encontraria uma mulher para ele. Até conhecer Aurora, achei que eu jamais o usaria.

Vou ter que planejar muito bem o pedido, para diminuir a chance de Aurora dizer “não”. Além disso, precisarei de um Plano B para o caso dela recusar.

Talvez eu possa sequestrá-la, levá-la até Vegas, e a gente se casa antes dela se dar conta do que está acontecendo.

Começo a ficar duro só de pensar em dormir ao seu lado e acordar rodeado pelo cheiro maravilhoso dela todos os dias. Seria melhor que ela estivesse aqui, na cama, para ajudar meu amigo que já despertou.

Levanto-me rapidamente, coloco a toalha jogada no chão em volta da cintura (espero me livrar dela em poucos minutos) e vou à procura da minha futura esposa e mãe dos meus filhos.

Eu a encontro fritando ovos, com um short curto que expõe suas longas pernas – as mesmas que passaram várias horas em volta da minha cintura – e uma camiseta branca sem sutiã que permite que eu veja os mamilos rosados que estavam na minha boca horas atrás.

Porra, estou salivando.

— Bom dia, Belo Adormecido — ela diz com um sorriso safado, colocando os ovos em dois pratos com torradas.

Eu dou a volta na ilha da cozinha, a abraço por trás, para que ela sinta a minha ereção, e lhe dou um beijo molhado no pescoço, deixando-a arrepiada.

— A culpa não é minha — sussurro em seu ouvido. — Você me cansou bastante ontem.

— Quem mal me deixou dormir foi você, xerife.

Mais especificamente, eu não a deixei dormir na noite passada três vezes. E só parei antes da quarta para não machucá-la.

— Você está bem? — pergunto.

Apesar de ter tomado bastante cuidado com ela, meu desejo não permitiu que eu fosse gentil cem por cento do tempo, especialmente quando ela gozava com meu pau dentro dela, me apertando e me levando à loucura.

— Sim, estou — ela olha por cima do ombro, e me dá um selinho.

Ela serve o café da manhã na própria ilha, e eu a sigo como um cachorro treinado.

— Onde está Mandy? — questiono, porque, em geral, ela vem correndo quando sente cheiro de ovo frito.

— Hoje é sábado.

Esta manhã está ficando cada vez melhor.

Eu tinha esquecido que Vivi passaria hoje cedo para buscar Mandy e ficar com ela até segunda. Devia estar apagado, porque não tenho qualquer recordação do toque da campainha ou da chegada dela.

Quero colocar Aurora em cima do meu ombro e levá-la de volta para o quarto, para comemorar a nossa privacidade. Porém, meu estômago reclama. Alto. É quando percebo que não como nada desde o almoço de ontem.

Planejava jantar depois do banho, mas alimentei-me de Aurora.

Engulo a comida em poucas garfadas, e termino enquanto Aurora ainda está na metade de sua refeição.

Foda-se. Preciso dela. Agora.

Retiro os pratos e os jogo na pia. Aurora não reclama nem exige que eu coloque a comida dela de volta na ilha; apenas me encara com uma expressão de quem quer ser muito bem comida.

— Está precisando de uma ducha — digo a ela.

— Ah, estou? Quem já está pronto para um banho é você.

Eu caminho de volta até ela e a carrego no colo. Ela gargalha.

— Não. Eu estou pronto é para te dar banho enquanto estou dentro de você.

— Hum... — ela diz contra meu pescoço e, desta vez, sou eu que fico arrepiado. — Gosto dessa sua ideia.

Minha suíte tem uma banheira confortável, mas, para o que estou pensando em fazer, o banheiro do quarto de Rob tem um chuveiro infinitamente maior, com espaço para tomarmos banho juntos. Em geral, não curto usar a suíte dele, mas vai valer a pena.

Nem preciso dizer que foi o banho mais erótico da minha vida. Conforme eu prometi, ajudei-a com o banho. Comecei lavando os cabelos dela, enquanto aproveitava para beijar seu pescoço e seus seios.

Depois, ela ensaboou meu corpo inteiro, e ficou uns bons cinco minutos lavando meu pau. Ela sorriu para mim, um sorriso sedutor e cheio de más intenções quando o senti crescendo - de novo - em sua mão.

— Que mão perfeita, Aurora.

— Está na hora de devolver o favor que me fez ontem — Aurora sussurra, mas eu estou tão focado na massagem que a mãozinha maravilhosa dela está fazendo que nem me dou ao trabalho de perguntar do que ela está falando.

Pois a mão é substituída pela boca de veludo dela.

Em poucos minutos, eu já estou no meu limite, então a puxo pelos ombros, a seguro no colo, e a empurro contra a parede. Eu me enterro dentro dela de uma vez.

Ela solta um grito de prazer com a intrusão, suas longas pernas me prendem pela cintura, e suas unhas cravam nos meus ombros.

Mais uma vez, ela chega ao ápice antes de mim.

Nós estamos nos recuperando, ainda no chuveiro, quando escuto o telefone fixo tocar.

— A delegacia de novo? — Aurora questiona.

— Porra, eles não conseguem ficar um dia sequer longe de mim — dou um beijo em sua testa e saio do chuveiro, colocando a toalha de volta ao redor da minha cintura.

Como planejo estar pelado e dentro dela de novo em alguns minutos, nem vou me dar ao trabalho de trocar de roupa. Dou uma olhada no aparelho identificador de chamadas e reconheço o número da delegacia.

— Quem morreu? — atendo em um tom irritado.

— *Ninguém, xerife* — a voz de John responde e, pelo seu tom preocupado, fico alerta. — *Mas temos visitas. Eles vieram ontem e retornaram hoje de novo, e exigem falar com você. Janice está com eles na sala de interrogatório.*

— Quem são eles?

— *São dois homens. Um deles diz que é irmão de Aurora. Segundo os documentos que ele trouxe, o nome dela é Julie.*

Sinto o peito apertar. Então, ela foi encontrada. O nome não combina em nada com ela; talvez, um dia, ela tenha combinado com Julie. Agora, no entanto, ela é Aurora. Espero que ela pense o mesmo.

— E quem é o outro homem?

— *Ele diz que é o noivo dela, xerife.*

Sento-me na cama de Rob para não cair. Ouço o chuveiro ser desligado, e sei que, assim que vir meu rosto, Aurora vai saber que há algo de errado.

Ainda não estou preparado para lhe explicar, até porque, nem mesmo eu sei direito que merda está acontecendo.

— Me dá um segundo. Já te ligo de volta.

Desligo o telefone na cara de John, pego meu celular em cima do criado mudo em meu quarto e saio da casa apenas

com a toalha na cintura.

Quando chego a uma distância de onde Aurora não poderá me ouvir, ligo para a delegacia. Janice atende.

— *Senhor, eles foram embora* — ela informa.

— Como assim? — dois minutos atrás, John me disse que eles exigiram a minha presença.

— *Eles insistiram para saber onde Aurora estava e eu informei que ela estava em um local protegido, sob proteção policial. Disse que, assim que nosso xerife checasse os documentos que eles nos deram com seus amigos no FBI, nós avisaríamos.*

Como já disse tantas vezes, tenho uma equipe pequena, mas eles são todos incríveis.

— Boa, Janice. Como eles reagiram?

— *Quando eu mencionei o FBI, eles só faltaram sair correndo da delegacia. Isso está fedendo, xerife.*

Como eu suspeitava, esses dois devem estar relacionados ao sequestro de Aurora. Talvez sejam até mesmo os desgraçados que a sequestraram. Ou o chefe de quem eles tanto falaram.

— Conseguiu tirar fotos deles?

— *Sim. Tirei algumas fotos esta manhã discretamente, enquanto eles aguardavam ser atendidos. Além disso, temos várias imagens das câmeras de segurança.*

— Você viu as identidades deles?

— *Sim. E xerocamos também. Mas tenho a sensação de que são falsas.*

Assim como eu.

— Vou sair do rancho agora. Estou indo praí.

— *John está enviando tudo o que conseguimos deles para aqueles seus contatos.*

Perfeito. FBI, SWAT, principais delegacias da região. Precisamos de toda a ajuda possível para identificar esses dois.

— Você e John podem se preparar para uma promoção, Jani.

— *Esses dois desgraçados é que têm que se preparar para uma bela surra se eles ousaram chegar perto de Aury.*

Passo algumas instruções a Janice e desligo o celular. Aurora está me observando da janela, seu semblante desconfiado.

Sei que, em tese, ela está segura aqui, porque não há qualquer registro de que Aurora mora comigo, e ninguém na cidade falará com estranhos. Porém, mesmo assim, não me sinto confortável para deixá-la sozinha.

Ouvi Lucas comentando que passaria o final de semana com Vivi. Talvez, eles possam vir ficar com Aurora enquanto eu conserto essa confusão e Mandy pode ficar com a colega de quarto de Vivi.

— *Claro que vamos ficar com Aury, Jack* — Vivi me garante, depois que eu explico, bem por cima, o que aconteceu.

— Mas não fale nada para ela por enquanto. Não quero lhe dar esperanças ou assustá-la sem necessidade. Quero descobrir antes quem são esses caras.

— *Não se preocupe.*

— E diga a Lucas para vir armado até os dentes — finalizo a ligação e retorno para o rancho.

— O que houve? — ela questiona, com um copo de café na mão.

— Preciso ir à delegacia.

Sem explicar nada, vou até meu quarto e começo a me trocar. Aurora aparece à porta, e vejo seu rosto ficar vermelho ao me ver pelado.

Sei que não deveria ficar excitado com todas as merdas que estão acontecendo, mas é exatamente como fico ao ver suas pupilas ficando dilatadas ao analisar minha nudez.

Em especial, minha ereção.

Quando começo a me vestir com a farda de xerife, seus olhos voltam a observar meu rosto, e uma linha profunda se forma entre suas sobrancelhas.

— O que está acontecendo, Jack?

Pego as chaves da minha caminhonete, minha arma, meu celular e caminho até ela. Seguro-a pelos ombros e a encaro intensamente, para ela entender que a situação é séria.

— Prometa que ficará aqui até eu voltar — eu lhe peço.

— Prometo.

— Prometa que não abrirá a porta para ninguém, a não ser Vivi.

— Você está me preocupando, Jack.

— Não, Aurora. Estou te protegendo — eu lhe dou um beijo leve nos lábios e saio da minha suíte.

Ela caminha atrás de mim, ainda perguntando sobre a ligação da delegacia. Eu a ignoro até entrar no carro, ao ver seus olhos cheios de lágrimas.

— Eu vou voltar, Aurora. Não deixarei ninguém lhe fazer mal.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que te amo.

Acelero a caminhonete antes que ela possa responder.

*

— Ah, merda — grito, ao ver os rostos dos homens que visitaram a delegacia mais cedo.

Todos na delegacia se apertam atrás de mim, para poderem ver a tela do meu computador. Nela, está aberto o e-mail do meu contato no FBI. São duas fotos de ex-presidiários.

O primeiro cara é o irmão mais novo de Aurora. Aparentemente, os documentos que ele trouxe dela e dele próprio são verdadeiros, porque os nomes – e a história que ele contou – batem.

Ainda assim, ela sempre continuará sendo Aurora para mim.

O irmão dela já teve passagens pela polícia, e passou dois anos na cadeia. Porém, não é esse tal de Jonas quem me preocupa; ele é peixe pequeno, foi preso por furtos – não violentos – a turistas desavisados em Miami. Mais recentemente, tornou-se suspeito de ser motorista de um roubo a banco.

Tanto John quanto Janice comentaram que Jonas parecia ter muito medo do outro cara. Pelas filmagens, dá para perceber que ele está bem mais magro que nas fotos que o FBI enviou e, segundo Jani, quando ela foi interrogá-los, notou que Jonas estava bastante machucado.

Talvez, o segundo cara o ameaçou para convencê-lo a vir com os documentos da irmã.

O segundo desgraçado, Michael Luna, é uma história completamente diferente. Trata-se de um rato, um criminoso profissional do pior tipo. A cada nova informação que leio sobre ele, mais estou seguro de que se trata do chefe dos sequestradores de Aurora.

Ele foi preso aos dezoitos anos por roubo à mão armada, e ficou apenas cinco anos na cadeia, antes de receber o direito de liberdade condicional. Desde então, os policiais não conseguiram mais colocar as mãos nele. Não que ele tenha melhorado.

Nos últimos dez anos, ele tem sido vigiado de perto pelo FBI e policiais da Flórida por ser o líder de uma das maiores – e mais sangrentas – gangues do Estado.

Infelizmente, toda vez que chegam perto de prendê-lo, as testemunhas morrem misteriosamente, e as provas desaparecem sem deixar vestígios. Acreditam que ele tenha homens infiltrados na polícia para ajudá-lo a fugir de processos criminais.

Envio uma mensagem a Vivi, pedindo que ela combine de encontrar com Aurora na casa de Clarissa e para Lucas dar uma olhada no meu rancho antes de ir até o vizinho ficar com elas.

“E peça que ele leve muita arma e munição”, repito o pedido que fiz ao telefone, temendo que ela vá reclamar da minha paranoia.

Felizmente, ela me responde com um “ok”, seguido de um “não se preocupe”.

Já era, Vivi. Depois de descobrir quem é o desgraçado que está atrás de Aurora, só relaxarei depois que ele estiver atrás das grades ou a sete palmos do chão.

“Já falei com Aurora, e ela foi para a casa de Clarissa”, Vivi escreve quinze minutos mais tarde, “Estamos quase na estrada de terra, então vamos ficar sem sinal até chegarmos no rancho”.

Excelente. Isso significa que ela está a menos de vinte minutos do rancho, bem perto. Peço que ela me envie uma mensagem assim que chegar lá.

Estou terminando de ler a ficha do desgraçado quando recebo uma ligação do meu contato do FBI que conseguiu todos os dados deles.

— *Estamos a caminho de Blue Lake, Jack* — ele me informa.

Sinto o alívio percorrer meu corpo; calculo que um líder de gangue da Flórida não viria até o Texas apenas com um magrelo sem muita experiência criminosa.

Provavelmente, trouxe ao menos uma dúzia de seus capangas com ele. Não tenho policiais ou armas suficientes para destruir uma gangue.

Posso atrasá-los, mas não conseguimos expulsá-los. Toda ajuda será mais do que bem-vinda.

— Quanto tempo?

— *Uma hora no máximo* — ouço sons altos, então sei que ele está de helicóptero. — *Você consegue esperar?*

— Acho que sim. Aurora está segura. Infelizmente, os criminosos já saíram da delegacia, mas tentarei descobrir seu paradeiro.

— *Sem chamar a atenção, Jack* — ele avisa. — *Estamos atrás de Luna há algum tempo.*

No instante em que desligo o celular, o sr. Clark entra esbaforido na delegacia. Ele está com um corte feio na testa, e está mancando, como se tivesse machucado a perna direita.

— Alguém me ajude! — Janice corre até ele, ajudando-o a sentar-se em sua cadeira.

— O que houve? — questiono, já com medo da resposta.

Esse tipo de violência não é típica de Blue Lake, mas seria esperada em uma cidade com gangsters.

— Eles me forçaram! — ele grita, desesperado. — Eles disseram que me matariam se eu não ajudasse!

— Ajudasse quem, Sr. Clark? — Janice questiona em um tom tranquilo, e John lhe oferece um copo d'água.

O sr. Clark toma um gole e inspira fundo antes de continuar.

— Eles queriam saber onde estava Aurora. Colocaram uma arma contra a minha cabeça. Eu falei do rancho, xerife. Sinto muito.

Merda. Aurora.

— Liguem agora para Vivianne e verifiquem se ela já está na casa de Clarissa com Aurora! — grito aos policiais. — Janice vai levá-lo ao hospital, Sr. Clark, onde fará mais perguntas sobre seus agressores, tudo bem?

Não culpo o Sr. Clark; ele é um idoso que não tinha como se defender de bandidos armados. Ainda assim, não estou com cabeça para consolá-lo agora; preciso verificar se Aurora está a salvo.

Achei que ela estaria protegida no meu rancho; ironicamente, acabou de se tornar o local mais perigoso para ela em Blue Lake. Se ela já estiver com Clarissa, ficarei muito mais tranquilo.

A mulher deve ter tantas armas em sua casa quanto temos aqui na delegacia. Além disso, sua casa, a despeito de sua propriedade ser vizinha à minha, não é próxima o suficiente para os desgraçados a virem do rancho McQueen. É improvável que eles sigam Aurora até lá.

— Xerife, as linhas caíram — Janice me avisa.

Não tenho como provar neste momento, mas apostaria a minha vida que isso foi obra dos desgraçados.

— Todos deixem seus postos! — grito — Vamos ao rancho McQueen, agora mesmo!

Aurora

Alguma coisa aconteceu; e sei que está relacionado ao meu desaparecimento. Quis perguntar a Jack por que o pessoal da delegacia insistiu em ligar para ele, mesmo após sua ameaça de ontem à noite.

Porém, pela expressão em seu rosto, soube que não conseguiria arrancar nenhuma informação dele.

Jack e sua mania de me esconder as coisas! Sei que ele quer me proteger, mas isso é sobre a minha vida, eu deveria decidir o que quero ou não saber!

Não tem problema: vou ligar para Janice. Ela certamente achará um absurdo seu chefe não ter me relatado o que está acontecendo. De todos na delegacia, ela e Sherry são as únicas funcionárias que não têm medo dele.

Pego o telefone sem fio para ligar para Janice, mas ele toca em minhas mãos. Pelo identificador de chamadas, vejo que é do celular de Vivianne.

— Você está bem?

Pelo tom de voz dela, tenho certeza de que Jack contou para ela o motivo pelo qual ele teve que sair correndo do

rancho, em pleno sábado, para ir à delegacia.

— Sim, eu estou bem. O que houve?

— Aury, preciso que confie em mim e vá até a casa de Clarissa.

Nossa, é tão ruim assim para Vivi querer que eu me esconda? Caminho até meu quarto, coloco o telefone no viva voz, jogo-o em cima da cama, e começo a trocar de roupa, sentindo meu coração acelerar.

— São eles, não é? — pergunto a Vivi, apesar de não estar segura de que estou mentalmente preparada para a resposta. Talvez, seja por isso que Jack não quis me contar. Ele temeu que eu fosse desmoronar. Não posso desmoronar, preciso ser forte. — Os sequestradores apareceram em Blue Lake. Por isso Jack saiu daqui como se tivesse sofrido um derrame?

— Ainda não sabemos, Aury. É mais seguro que você fique na casa de Clarissa até Jack descobrir exatamente o que está acontecendo.

— Estou indo para a casa de Clarissa agora.

Vai levar pelo menos uns vinte minutos para eu chegar lá. Isso se eu for correndo.

— Encontramos com você no rancho dela — ela diz, parecendo bem mais aliviada. — Eu e Lucas estamos a caminho.

Esta é a minha vez de ficar preocupada.

— Não quero que vocês se arrisquem, Vivi!

Por mais que nenhuma de nós saiba ao certo por que Jack se comportou esta manhã como se tivesse acabado de descobrir que lutaria contra um apocalipse zumbi, não posso exigir que Vivi coloque a própria vida em risco.

Já é ruim o suficiente eu ir para a casa de Clarissa; vou envolvê-la nessa confusão que é a minha vida antes da minha chegada a Blue Lake sem sequer pedir a permissão dela.

Sinto algo crescendo no meu peito; uma culpa por ter trazido tantos problemas a pessoas tão boas.

Sinto-me também egoísta porque, de todas as cidades pequenas onde eu poderia ter parado, eu me encontrei exatamente naquela com pessoas tão maravilhosas, e não trocaria Blue Lake por nada.

E Jack. Apenas ele faz com que eu me sinta completa e absolutamente segura como o xerife McQueen.

A minha vinda pode ter trazido coisas ruins a Blue Lake. Não quero que ninguém se machuque por minha causa. Céus, não sei o que eu faria se alguém morresse nas mãos de homens que estão à minha procura. O pensamento me faz ficar enjoada.

— Não se preocupe, Aury — a segurança na voz de Vivi traz um sorriso involuntário aos meus lábios; ela parece tão corajosa quanto o xerife, apesar de ter metade do seu tamanho. — Lucas tem um rifle e um revólver. Deixei Mandy com Lisa. Vamos ficar com você até tudo ser esclarecido.

Inspiro fundo, desligo, e saio do rancho, começando minha corrida até a casa de Clarissa, torcendo para que nada de mal aconteça aos moradores de Blue Lake.

*

— Onde está Lucas? — questiono, quando Vivi sai do carro e noto que não há ninguém no banco de passageiro.

— Foi verificar o rancho McQueen — ela responde despreocupadamente, e noto que um revólver está preso no seu cinto.

Como ela pode estar tão tranquila? Mesmo que seu namorado seja um policial treinado e tenha um rifle, não sabemos do que os homens que me sequestraram são capazes, caso eles sejam o motivo de terem ligado da delegacia.

Pode ser ainda pior; e se for o chefe deles dois? Um homem poderoso decerto não viria pessoalmente me buscar sem um pequeno exército de criminosos. Sinto minha pele ficando arrepiada, meu coração acelerando tanto que parece querer saltar do peito, começo a suar frio.

Não estou nem um pouco confortável com essa história.

— Deixei Lucas a uns cem metros do rancho — Vivi comenta, colocando as mãos sobre meus ombros. Uma linha se forma entre suas sobrancelhas, provavelmente porque ela sentiu que estou tremendo — Se ele vir qualquer movimento no rancho, virá imediatamente para cá. Ele sabe o que está fazendo, Aury.

Balanço a cabeça, mais como uma tentativa de me tranquilizar do que por concordar com o que ela está dizendo. A cada segundo que passa, piora a minha sensação de que algo terrível está para acontecer.

— Onde está Clarissa? — Vivi pergunta.

Assim que cheguei e expliquei o motivo da minha vinda, Clarissa, como sempre adorável, me ofereceu uma xícara de chá para acalmar os nervos.

Logo em seguida, ela fez algo não tão adorável assim: Clarissa pegou um rifle maior que minha perna e, depois de me assegurar que ninguém me faria mal no rancho dela, foi para os fundos da casa, que fica na direção do rancho McQueen.

— Se alguém se aproximar da direção do rancho do xerife — ela me explicou com um sorriso que me assustou um pouco —, vai levar bala na cabeça antes de ter a oportunidade de me ameaçar.

Mostro para Vivianne onde Clarissa está. Continua sentada na parte de trás de sua varanda, o rifle parado ao seu lado, e seu rosto parcialmente escondido por binóculos. Vivi apenas ri da cena.

— Sempre ouvi dizer que ela era durona. Agora entendo por que ela nunca teve medo de morar sozinha depois que ficou viúva.

— Queria eu ter a mesma segurança dela — sussurro para Vivi, meio brincando, meio falando sério.

Ela me encara por um momento, antes de me abraçar.

— Você já fugiu de bandidos antes, Aury. É uma das mulheres mais corajosas que já conheci.

Neste momento, Clarissa levanta-se de uma vez e entra na casa, encarando-me com olhos esbugalhados. Ah, não. O que eu temia aconteceu: algo terrível.

— O que você viu? — Vivi felizmente pergunta, porque um bolo se forma na minha garganta, e perco minha voz.

— Não vi nada. Mas estou ouvindo tiros, e eles vêm da direção do rancho.

Lucas! Oh, céus. Preciso fazer alguma coisa, preciso ajudá-lo.

— O meu celular está sem sinal — Vivi anuncia, com lágrimas nos olhos.

Isso não faz sentido. O sinal fica ruim na estrada de terra, mas, em geral, funciona no rancho.

Por algum motivo, tenho a sensação de que o sinal ruim está relacionado com os tiros que estamos ouvindo. Para piorar, Clarissa não tem telefone fixo, e Vivi veio no carro dela, não no de Lucas, que tem rádio.

— Consegue ligar para a delegacia com seu rádio, Clarissa? — questiono, lembrando-me do comentário de Jack que ela mantém um rádio na garagem.

— Ih, querida, o rádio quebrou uns dois anos atrás, e eu sempre postergo o conserto.

Isso quer dizer que sequer temos como pedir ajuda.

Em poucos segundos, elaboro um plano. Não é perfeito, mas, pelo menos, manterá Vivi e Clarissa relativamente protegidas.

— Esconda-se com Clarissa no porão.

O acesso é por uma porta pesada de ferro. Nem tiros passarão por ela.

— Não vou deixá-la sozinha, Aury!

— Eles estão atrás de mim, Vivi. Eles não vão me matar — pelo menos, é nisso que quero acreditar. Um homem não contrataria bandidos para me sequestrarem se quisesse simplesmente me matar depois. Se fosse isso, ele teria contratado assassinos, não sequestradores. —, mas não posso dizer o mesmo de vocês. Não discuta. Esconda-se com Clarissa.

Clarissa ainda está distraída tentando encontrar, com seus binóculos, a origem dos tiros. Ela não precisa procurar mais; eles certamente vêm do rancho McQueen. E é para lá que eu vou.

Pego o rifle ao seu lado, sem pedir permissão (sei que ela tem um armário inteiro de armas, não vai sentir falta de uma), e saio correndo de sua casa, torcendo para que Vivi a convença a fazer o que eu sugeri.

Clarissa tem uma audição impressionante, porque, ao contrário dela, eu não conseguiria distinguir os sons distantes que estou ouvindo como tiros se ela não tivesse dito antes o que eram. Para mim, poderiam ser qualquer coisa.

Corro até minhas pernas doerem, até meus pulmões arderem, até meu corpo implorar para que eu pare. Lembro-me do pesadelo, quando senti as mesmas coisas enquanto fugia dos sequestradores. Desta vez, entretanto, estou correndo na direção do perigo, e não dele.

Quando estou a uns cinquenta metros do rancho, os tiros cessam. Consigo ver a casa, ao longe, mas ainda estou escondida pelas árvores. Se eu me aproximar mais, entretanto, qualquer um que esteja olhando pelas janelas dos fundos poderá me ver.

Verifico o quintal, e noto duas formas caídas na grama. São corpos. Como uma tola, esqueci completamente de perguntar a Vivi o que Lucas estava vestindo. Ou seja, para me assegurar se ele é um dos corpos, terei que chegar perto o suficiente para checar seus rostos.

Agachada, sempre usando árvores e arbustos para não ser vista da casa, eu me aproximo dos homens mortos. Nem preciso ver o rosto de um deles; é um homem loiro, e Lucas é moreno. Infelizmente, o segundo corpo está bem próximo da porta dos fundos. Próximo demais.

Estou calculando se vale a pena o risco, quando noto as costas do homem subirem e descerem. Ele ainda respira. Ainda está vivo. Se for Lucas, ainda tem uma chance de sobreviver. Se eu ajudá-lo agora.

Dou adeus ao arbusto que me escondia e corro até o homem deitado com o rosto na grama. Ao virá-lo, vejo que não é Lucas; é um dos sequestradores. Escuto o som de alguém pisando na grama atrás de mim, mas não consigo me mover, estou nervosa demais.

— Olá, Julie — uma voz fria diz. Ao menos, ainda está relativamente distante, talvez porque ele viu o rifle na minha mão. — Ou seria Aurora?

Não sei de onde tiro a coragem, mas ela preenche todas as minhas veias, fazendo-me ficar de pé e me virar para apontar o cano do rifle contra o homem que proferiu aquelas palavras.

Seu tom indica que ele me conhece, que tem raiva de mim. Há algo familiar em seus olhos castanhos, em sua postura arrogante, em seus lábios curvados para baixo, como se estivesse ofendido pelo fato de que estou apontando uma arma para ele.

Não poderia me importar menos com boas maneiras. Idiotas que matam pessoas no quintal do rancho McQueen merecem ser recebidas com balas na cara, como Clarissa muito bem colocou.

— Onde está Lucas? — questiono, e a dureza em minha voz me impressiona.

— Está fodendo com aquele policial de merda, sua puta?

— Quem você pensa que é?

— Sou o seu *noivo* — a palavra faz minhas mãos tremerem. Noivo? Não me lembro desse sujeito, mas, sei, na minha alma, que jamais gostei dele. Na verdade, meu instinto me diz que eu o odeio, e que não devo confiar nele. — Fugiu de mim uma vez, não fugirá de novo, Julie.

— Agora sei por que minha memória não funciona. É porque minha mente não queria se lembrar dessa sua cara feia.

Não sei de onde isso saiu. Talvez não seja a voz de Aurora; talvez, quem disse isso foi a minha antiga “eu”, a tal da Julie, como ele me chamou.

Não importa. Julie ou Aurora, eu não quero esse crápula perto de mim. Não vou permitir que ele se dirija à minha pessoa desta forma.

O ódio contorce seu rosto; se ele não fosse um cretino, eu até poderia considerá-lo um homem atraente. Porém, sua maldade pode ser vista em seus olhos, na expressão horrível de seu rosto.

Esse é um homem que tem prazer com a dor alheia.

Sei que ele não se aproxima porque está desarmado, porque deve ter visto, na minha expressão, que não terei qualquer problema em atirar nele.

Com minha visão periférica, entretanto, noto outros homens se aproximando pelas laterais da casa, e eles estão muito bem armados.

Preciso sair daqui. Agora.

— Vai ver essa cara feia te comendo pelo resto da vida, sua vadia barata! — ele grita, mas continua sem se aproximar. — É melhor que ainda seja virgem, senão vou deixá-la trabalhar em um dos meus puteiros.

— Jamais serei nada sua!

Atiro nele, e sei que pegou no ombro. Ouço tiros na minha direção, mas acho que surpreendi os seus homens, ganhando alguns preciosos segundos de vantagem.

Quando eles começam a atirar, eu já estou à porta da casa. Entro rapidamente, e vejo outro homem estirado no chão; desta vez, não há qualquer dúvida. É Lucas.

Ele ainda está vivo; noto pelo subir e descer do seu peito, mas, pela quantidade de sangue ao seu redor, imagino que não tenha muito tempo.

Pego o telefone sem fio e teclo o número da delegacia. Ele não funciona. Droga!

Calculo que minha melhor chance é seguir meu próprio conselho: preciso me trancar no porão. Posso tentar encontrar algum rádio velho lá e me comunicar com a polícia.

Há uma escada estreita até o porão, e quem aparecer na porta de acesso não vai conseguir me ver direito, então eu terei uma boa chance de atingi-los. Ainda tenho meia dúzia de balas. E vou fazer cada uma delas contar.

— Julie! — Outro homem grita da sala de estar. Quando me viro para ele, o homem suspende suas mãos. Ele também não porta uma arma, e noto que seu corpo está coberto de hematomas. — Sou eu! Seu irmão!

Olho para suas feições; de fato, há várias semelhanças com o rosto que vejo no espelho todos os dias. Ainda assim, meu instinto fala mais alto, e simplesmente não confio nele.

— Se está com esses bandidos, não é nada meu!

— Eu erreí antes, Julie — ele diz, com lágrimas nos olhos. Eu o observo por cima do ombro enquanto destranco a porta de acesso ao porão. Não quero que ele chegue mais perto, mesmo estando desarmado. — Eu te traí. Sinto muito. Não errarei de novo.

— Não confio em você — respondo duramente, ao mesmo tempo em que ouvimos a porta dos fundos ser arrebentada.

— Esconda-se! — ele diz, com olhos assustados. — Eu vou distraí-los!

Não acredito nele, mas o meu suposto irmão avança até a cozinha e começa a gritar que eu saí pela porta da frente.

Sem perder mais um segundo sequer, passo pelo acesso ao porão e tranco a porta atrás de mim, ficando na escuridão completa.

Poucos segundos depois, escuto, do lado de fora, o desgraçado que diz ser meu noivo ordenar que atirem no meu irmão. Fico tão nervosa que acabo esquecendo sobre as escadas até o subsolo. Eu tropeço nos degraus e caio, perdendo-me na escuridão.

Aurora

Ouço um barulho estrondoso, e uma luz forte brilha contra meus olhos. Minha cabeça lateja, e minhas costas estão doloridas, como se eu tivesse sido atropelada.

Levo alguns segundos para me lembrar; não fui atropelada. Eu caí. De novo. Desta vez, pelo menos, não foi uma queda tão grande; sete degraus, para ser exata. Ainda assim, fez estrago. Meu tornozelo está pulsando, acho que eu o torci.

Vejo uma forma aparecer na abertura da porta do porão. Começo a tremer de medo; deve ser um dos bandidos que atirou contra mim.

Fico imóvel, evitando que ele me veja. Não sei onde o rifle de Clarissa caiu, e não quero arriscar a fazer barulho para procurá-lo.

Sinto os olhos enchendo de água, sinto as lágrimas descendo pelas minhas bochechas, mas engulo o choro, o soluço, o grito de horror. Tenho que ser forte. Até Jack chegar.

Se ele chegar, uma vozinha diz na minha cabeça. Teoricamente, ele não teria nenhum motivo para vir. Ele

deve achar que estou na casa de Clarissa com Vivi e Lucas; e nem tivemos como usar o telefone ou o rádio para ligar para a delegacia.

O homem desce alguns degraus, porém, ainda não consegue me ver. Arrasto-me para trás, a fim de usar a escuridão a meu favor, mas também não quero me mexer muito no escuro, por medo de acabar esbarrando em alguma coisa.

— Aurora? — uma voz familiar me chama

É Jack. Ele está aqui.

— Jack! Estou aqui embaixo! — minha voz sai trêmula e desesperada.

Ouç-o descer os degraus de três em três, e temo que o idiota vá cair também. Ao contrário de mim, no entanto, ele não é nada desajeitado. Além disso, ele conhece esta casa como a palma da sua mão.

Alguém acende a luz da entrada do porão, ao mesmo tempo em que ele se ajoelha ao meu lado e me puxa para um abraço.

— Aurora? Você está bem? — desta vez, é a voz de Clarissa, e percebo que ela andou chorando.

— Sim, ela está bem — Jack responde no meu lugar.

— Posso falar, sabia? — reclamo.

Ele vira a cabeça e gargalha. É uma risada nervosa e aliviada ao mesmo tempo. Em seguida, me dá um beijo, daqueles longos e molhados.

— Porra, que medo que tive, Aurora — ele sussurra, e me levanta em seu colo.

— Lucas? — questiono, temendo um pouco a resposta.

— Já foi levado ao hospital. Vivi foi com ele.

Pelo menos, ainda está vivo. Quando chegamos ao andar principal, há uma multidão de policiais, homens de terno preto, e outros com casacos com os dizeres FBI, todos tirando fotos, fazendo anotações, analisando a cena.

A quantidade de sangue espalhada pelo chão é assustadora. Sei que não é só de Lucas. Pelo menos outra pessoa recebeu tiros aqui dentro também. Olho para a direção da porta dos fundos, e noto que há um corpo ali.

Oh, céus. Pelo menos, não é ele: é bem mais alto e mais musculoso do que quem eu procuro.

— Tinha outro rapaz aqui... Ele disse que era o meu irmão.

— Sim — Jack confirma, ao se sentar no sofá comigo em seu colo. — Jonas. Ele ainda está vivo, mas está em estado crítico. Nós o levamos para o hospital.

— Ele tentou me ajudar.

— Nós imaginamos, pela cena.

— Preciso examiná-la. — Viro a cabeça e dou de cara com o rosto apreensivo do Dr. Russo. Ele veio pessoalmente me ver?

— Minha querida, que susto nos deu! — Mary diz, ajoelhando-se à minha frente.

— Nós não conseguimos localizá-la quando chegamos aqui — Jack explica.

Aparentemente, assim que descobriu que o meu suposto noivo, Michael Luna, sabia do meu paradeiro, ele tentou entrar em contato com Vivi e Lucas, mas os telefones não funcionavam.

O bando de Michael destruiu a principal antena de Blue Lake e cortou várias linhas telefônicas da cidade.

Eles vieram o mais rápido que puderam. O FBI chegou antes deles, pois estavam de helicóptero. Segundo ele, uns vinte federais vieram.

Depois de um tiroteio que durou quase quinze minutos e matou três homens de Michael (além dos outros dois que Lucas conseguiu atingir antes de levar dois tiros), eles conseguiram prender Michael e dois dos seus homens.

Aparentemente, havia mais capangas na região, mas eles fugiram. Como eles não conseguiram me encontrar no rancho e Vivi avisou que eu tinha deixado a casa de Clarissa para vir para cá, eles temeram que eu tivesse sido sequestrada por algum dos foragidos.

— Tive tanto medo de perdê-la, Aurora — Jack comenta, colando a testa na minha, ignorando os olhares curiosos do Dr. Russo e Mary.

— Como descobriu que eu estava no porão? — tento mudar de assunto, porque o jeito que ele me encara agora faz minhas bochechas arderem.

Só falta ele gritar para todos que estão aqui dentro que passamos a noite fazendo amor. Ele não poderia ser mais indiscreto.

Olho discretamente para Mary, que me encara como se me dissesse “eu e Melanie vamos querer saber de todos os detalhes depois”, e olho para o Dr. Russo, que parece morto de cansaço.

Coitado, deve ter pego um plantão de doze horas seguidas e ainda teve que vir até aqui me atender. Realmente, não poderia ter parado em uma cidade mais acolhedora.

— Nunca deixo a porta do porão trancada, então sabia que você devia ter se escondido lá embaixo — ele explica, mas seu olhar continua indicando que mal pode esperar para arrancar minhas roupas e me mostrar, de uma forma totalmente sexual, o quanto ele estava preocupado comigo.

— Quer parar com isso? — reclamo, enquanto o Dr. Russo ouve minhas batidas.

O médico vai dizer que estou prestes a ter um ataque cardíaco, porque é assim que eu me sinto no momento, sob o olhar intenso do xerife Jack McQueen.

— Preciso de privacidade! — Ele anuncia ao Dr. Russo e a Mary.

Qual é o problema de Jack? Será que ele não pode esperar um pouco?

Os dois dão alguns passos para trás, o que não adianta muito. Além disso, como teremos privacidade se há pelo menos uma dúzia de pessoas aqui dentro? E outra: para quê exatamente Jack quer privacidade?

Ele não vai querer me agarrar aqui, não é mesmo? Ou vai?

— Precisamos do depoimento dela, xerife. — Uma voz desconhecida sugere, e noto que pertence a um dos homens com um casaco que diz FBI.

Jack olha para trás e praticamente late uma resposta, avisando que ele tem que falar comigo de um assunto de extrema importância antes. Acho que nem mesmo um federal é capaz de negar qualquer coisa a Jack quando ele está nesse estado.

— Aurora, olhe para mim — ele implora, como se eu quisesse olhar para qualquer outra coisa. — Preciso te fazer um pedido.

Eu tinha acabado de acordar depois de achar que seria sequestrada novamente, cheguei a achar que morreria hoje, fiquei cara a cara com um homem que não apenas se dizia ser meu noivo, como também – segundo ouvi alguns dos policiais comentando – é um dos maiores gângsteres da Flórida, e Jack quer me pedir alguma coisa?

O que diabos ele vai pedir que não pode esperar?

Eu preciso é de um bom banho, um bom jantar (desde que não seja um dos pratos sem gosto que eu tenho feito para irritar Jack), e os braços do meu xerife favorito à minha volta na cama.

Quando estivermos sozinhos de novo, claro.

Jack afasta-se um pouco, ainda com um dos braços firme em volta da minha cintura e, com a mão livre, pega algo no bolso de sua calça.

É uma caixa de joalheria. Coloca a caixa à minha frente e a abre. Dentro, há um anel de brilhantes. Um anel de noivado.

Não. Não. Agora? Assim?

— Mas... Mas... — As palavras ficam presas em minha garganta. Jack interpreta isso como incentivo.

— Aurora Jones, você faria a honra de ser minha esposa?

Eu estou cansada, meu corpo inteiro está dolorido, estou com fome e com sede, mas, de algum lugar dentro de mim, tiro as forças para dar um tapa sonoro em seu rosto.

De repente, a casa fica no mais completo silêncio.

— SEU IDIOTA! Não acredito que você me pediu em casamento no meio de corpos e poças de sangue, logo depois de eu achar que ia morrer!

— Eu...

— O que você quer que eu conte para os nossos filhos? Papai pediu mamãe em casamento ao lado de um cadáver?? — Uso uma voz falsa, com muito sarcasmo no tom.

— Senhorita — o federal que queria me interrogar chama a minha atenção, provavelmente para evitar que eu mate meu futuro marido. — Meus homens acabaram de tirar o último cadáver e...

— Pouco importa! JOHN! — Viro minha cabeça na direção dele, e podia jurar que o policial de quase dois metros de altura tentou se esconder atrás da velha Clarissa, que mede pouco mais de um metro e meio. — Me passa a droga do seu caderninho!

— Q-que caderninho? — John gagueja, o que me deixa mais irritada. Todas as pessoas naquele cômodo estão

paralisadas, olhando para mim, boquiabertas.

Exceto Mary, cujos ombros estão sacudindo. Ela está rindo da situação? Pois eu não estou achando isso nada engraçado. Quero um conto de fadas, não um conto de terror para meu pedido de casamento.

— A droga do caderninho que os policiais sempre carregam de um lado para o outro! — Quase reviro os olhos, mas tenho uma pontada de medo que Jack me prenda por desacato, especialmente depois do tapa na cara. — E caneta também!

— Claro, claro. — Ele me entrega o que eu peço com mãos trêmulas.

— Anota aí! — Ordeno, ao enfiar os objetos nas mãos de Jack, que nem está piscando. — Eu quero que o pedido seja durante um jantar romântico, e que seja uma surpresa!

— Tudo bem. — Jack afirma, enquanto anota.

A testa dele está coberta de suor. Bem feito. Ele merece, depois de ter dado uma mancada federal dessas.

— Só para deixar uma dica, eu adoro espaguete ao molho bolonhesa com vinho italiano.

— Boa sugestão. — Ele me olha rapidamente. — Aurora, eu...

— Continue. Anotando. — Digo lentamente, entredentes, o meu indicador praticamente tocando o nariz de Jack.

— C-claro. — Ouço nervosismo em sua voz. Perfeito.

— Não quero só um pedido sem graça, quero um discurso completo. — Aviso. — Depois de ser sequestrada, cair, entrar em coma, perder a memória, e ser ameaçada pelo homem que diz ser meu noivo, eu mereço a porcaria de um discurso! Melhor ainda, pode me escrever uma canção!

— Tem toda razão, Aury — Mary comenta, só para me apoiar. Olho para ela e pisco um olho. Ela pisca de volta, com um sorriso.

— Agora, Jack McQueen, — Encaro de novo o homem que, em alguns dias (se fizer tudo direitinho, claro), será oficialmente meu noivo. — Me tira desta casa e me leve para um local onde teremos privacidade de verdade.

Os lábios dele se abrem, os cantos curvando-se para cima, expondo seus dentes, transformando todas as suas feições.

Eu quero ver esse sorriso estampado no rosto dele pelo resto da minha vida, a qual, graças surpreendentemente a um irmão que me traiu, não terminou hoje.

Epílogo

2 anos depois...

Aurora

Ainda não recuperei a minha memória de antes.

Pouco importa. Construí belas memórias novas. A pessoa que um dia eu fui morreu junto com aquela fatídica queda. Agora, sou Aurora Jones.

Ou melhor: Aurora Jones McQueen.

A vida de casada não é nem um pouco como eu imaginava. Primeiro, achei que o desejo explosivo entre nós dois diminuiria um pouco, mas parece que Jack não sabe disso.

Ele continua me procurando quase todas as noites, mesmo quando chega morto em casa. E, quando não fazemos amor à noite, ele me procura na manhã seguinte. Ou no banho seguinte.

Jack fez o prato que eu exigiu, espaguete ao molho bolonhesa, apenas uma noite depois de toda a confusão em Blue Lake. O macarrão ficou mole, o molho estava sem sal, mas, ainda assim, o discurso de duas páginas que ele fez foi suficiente para eu aceita-lo sem novos sermões.

Jack não apenas salvou minha vida. Ele me deu uma vida completamente nova. Ele me deu uma filha que eu amo demais. Nós adotamos Mandy assim que nos casamos, e temos um menino no caminho.

Por sinal, Jack parece ficar excitado toda vez que olha para a minha barriga inchada, ou para meus seios pesados de leite. Como agora. Ele passa a mão pelo meu estômago, um carinho gentil e sensual ao mesmo tempo, enquanto encara meus seios.

Céus, parece que ele está prestes a babar.

Sinto meus mamilos endurecendo sob seu olhar intenso, e ele me oferece um sorriso maroto. É uma pena que estamos no meio de um churrasco no quintal de Vivianne.

Mandy corre na nossa direção, com Xerife atrás dela.

— Que tal Harry Potter? — ela questiona, fazendo-me rir da cara de Jack.

Como presente de seu último aniversário, Mandy pediu para escolher o nome do seu irmãozinho. Ela tem dado sugestões bastante... Interessantes.

— Já conversamos sobre isso, Mandy — digo calmamente. — Não pode ter nome de personagem de livros. Lembra? Quando você sugeriu que ele se chamasse Professor Dumbledore?

— Mas pode ser Harry.

Sei que Jack não gosta muito de Harry, mas certamente seria melhor do que Han Solo ou Yoda, que foram outras das muitas sugestões de Mandy nos últimos dias.

— Harry? — ela cruza os braços e faz uma careta. — Nome mais sem graça.

Ela sai para brincar de novo com Xerife, mas retorna menos de cinco minutos depois.

— Que tal Presidente Obama?

— Ai, meu cara... coelhinho — Jack resmunga.

— Ainda gosto mais de Harry, querida — digo, ainda com paciência.

— Oh! Sei de um perfeito! Mario Bros! Gosto muito dele!

— O vídeo game? — Jack parece à beira de um derrame.

— Querida, nós não...

— Vocês não aceitam nenhuma sugestão! — ela bate o pezinho na grama e faz beicinho.

— Que tal o nome de uma pessoa real, que não seja rei, presidente, ou príncipe? — sugiro, imaginando que, desta forma, conseguiremos chegar a um meio termo.

— Já sei! Que tal Justinbieber? — ela pronuncia como se fosse um nome só.

— Acho que Xerife está fazendo necessidade bem ao lado de sua tia Vivi — aponto para o cachorro, que nos olha com cara de quem acabou de aprontar. — Tem como você verificar, Mandy?

Ela corre até Xerife, e o tira dos pés de Vivi, que está com sua pequena Ariel no colo, seu rosto sorridente ao encarar a filha. É o único momento em que sorri: quando está com Ariel.

Infelizmente, nem meu irmão Jonas nem Lucas resistiram aos ferimentos. Apesar de não me lembrar de Jonas, eu fiz questão de organizar um funeral muito bonito.

Dezenas de moradores de Blue Lake foram ao funeral. Sei que não foram por ele, e sim por mim.

O próprio Jonas admitiu que cometeu muitos erros comigo, porém, seu último ato foi com o intuito de me proteger. Ele morreu fazendo a coisa certa, e é assim que eu me lembrarei dele: alguém que deu sua vida para me ajudar.

Seu túmulo fica no cemitério de Blue Lake, e eu vou lá com Vivi, para colocarmos flores nos túmulos de Jonas e Lucas. Ela soube que estava grávida de Ariel poucas semanas depois de sua morte, e não namorou ninguém desde então.

Ela é tão linda, inteligente e meiga, qualquer homem de Blue Lake teria uma sorte gigante de tê-la ao seu lado. Pena que ela não se abre com nenhum deles. Sequer lhes dar uma chance. Todo seu esforço agora é para criar Ariel como mãe solteira.

Noto, pelo canto do olho, que não sou a única observando Vivi. O Dr. Russo a olha como se ela fosse uma sobremesa muito succulenta.

Que interessante... Mary tem me falado de suas suspeitas sobre os sentimentos do Dr. Russo em relação a Vivi. Até hoje, eu nunca tinha percebido...

— Estou preocupado com Vivi — Jack comenta. — Já passou da hora de ela arranjar alguém.

Seguro a mão dele.

— Se eu fosse você, não me preocuparia tanto com ela.

— Não? — ele me encara com um olhar desconfiado; em geral, sou eu que fico preocupada com a solidão de Vivi.

Porém, pela forma que o Dr. Russo a encara, ela não ficará sozinha muito tempo.

— Deveria se preocupar em dar prazer à sua esposa, xerife — sussurro em seu ouvido.

— Para sempre, Sra. McQueen.

— Melhor que seja para sempre, xerife McQueen.

FIM

A Dama de Vermelho

Herdeiros da Lua

Livro 1

Ele não deveria deixar forasteiros entrarem em seu clã, e muito menos em seu coração. Porém, assim que o chefe Owen pôs os olhos em Evelyn, ele soube que estava perdido. Como ele continuaria servindo ao seu povo, quando conseguia apenas pensar na dama da capa vermelha e dos olhos azuis?

Ela sabia que eles guardavam grandes segredos. Isolada nas Terras Altas da Escócia, ela não tinha outra opção: Evelyn precisava confiar naquelas pessoas com costumes estranhos. Enquanto tentava desvendar os mistérios do clã, um desejo avassalador começava a se desenvolver pelo seu líder, o chefe Owen, que fazia de tudo para provocá-la.

A Tentação de Dominik

Dominik Demidov só conhece um sentimento: o ódio. Traído pelo próprio pai, decidiu que tem apenas uma missão na vida: vingar-se dele. Para isso, torna-se um dos principais assassinos da organização criminosa de sua família. É um homem sem esperança de amar de novo, até ela entrar em sua vida. A bela e inocente Nat.

Natasha Kunis é apaixonada por Dominik desde que era criança. Ele, entretanto, sempre a enxergou como sua princesinha. Em um reencontro após anos separados, ela percebe que terá a chance de conquistá-lo. Finalmente, Dominik a enxerga como mulher, e Natasha não desperdiçará a chance de, enfim, tornar-se verdadeiramente dele.

Um homem que não acredita em finais felizes. Uma mulher que não desistirá do amor da sua vida.

Nos Braços do Assassino

Nikolai Makarov não confia em ninguém. Desde que descobriu que a própria esposa o traiu, não deixa outra mulher se aproximar. Porém, ele não esperava ser atingido pela tempestade chamada Catherine. Depois de anos trabalhando para um dos homens mais poderosos do mundo, conhecendo apenas a dor, o ódio, e a morte, ele nem sabe mais o que é o amor. Talvez a eletrizante Cat seja capaz de amolecer o coração de pedra de Nikko...

Catherine Swan é um ímã para problemas e não resiste a um bom desafio. E não há desafio maior que Nikolai, o segurança lindo e misterioso que trabalha para um dos homens mais ricos da Rússia. Quanto mais ele a despreza, mais ela o deseja. Ela não desistirá até tê-lo em sua cama. Mal sabe ela que Nikko não trará somente prazer à sua vida, mas também muita escuridão.

Um homem que não se permite amar. Uma mulher apaixonada pela vida. O encontro deles será explosivo, e poderá se tornar fatal.

TRECHO DE:

A DAMA DE VERMELHO

Prólogo

Terras Altas da Escócia

Setembro, 1385

O dia seguinte seria de luta, de morte.

Porém, ele ainda tinha aquela noite. Com ela. Sua forasteira. Sua Evelyn. Quem, ironicamente, não poderia ser sua depois de hoje.

— Eve — ele rosnou de desejo, o nome dela tão doce quanto mel em seus lábios, e tão amargo ao mesmo tempo.

Porque, muito em breve, ele teria que sussurrar outro nome, de uma mulher que ele não conhecia, de uma esposa que ele jamais amaria.

Não, ele se recriminou, não pense nisso. Aproveite o agora, os momentos preciosos com sua Eve.

Owen não era um homem tomado por sentimentalismos ou que se deixava levar pelo desejo. Tinha sido treinado, desde criança, para ser um guerreiro estrategista e um líder sensato.

Entretanto, apenas de encarar a imensidão azul que eram os olhos dela, ele ficava perdido em sua atração por aquela mulher que lhe roubara o coração e a alma, afogava-se na intensidade de seus sentimentos pela forasteira.

Os beijos foram ficando menos gentis, e mais desesperados. A língua de Owen penetrava a boca de Evelyn no mesmo ritmo que ele desejava tomá-la. Seu membro ficava rijo sempre que a via, desde o primeiro momento, a primeira visão da rosa inglesa em uma capa vermelha costurada pela avó.

Encaixou seu quadril entre as coxas dela, precisando segurar-se ao sentir sua ereção na entrada dela. Seria difícil se controlar, o desejo de tirar sua virtude e chamá-la de sua era quase sufocante, mas ele queria garantir que a experiência seria prazerosa para ela também.

— Jamais vou amar alguém como a amo — ele disse em sua entrada.

Ela arfou, os olhos marejados encarando-o com um misto de amor e desejo. Tomado por ondas de emoção, ele a penetrou, pouco a pouco, enquanto acariciava seus cabelos negros, sentindo os músculos internos dela apertando seu membro.

Foi quando ele sentiu: havia tirado sua virtude. Deixou que ela se acostumasse à intrusão; ele era um homem grande, especialmente para a primeira vez de uma dama. E ela era a dama.

Owen ficou tão focado nela que notou cada uma de suas reações; desde as pupilas dilatadas aos gemidos baixos, que revelavam um prazer superior ao incômodo da primeira penetração.

O controle estava no limite, e ela acabou com o pouco que lhe restava ao erguer seu quadril, permitindo que sua rigidez se acomodasse profundamente nela, levando-o à loucura. O grunhido que deixou sua garganta foi o de um animal, uma fera que mal conseguia conter-se.

Precisou morder e beijar seu pescoço para não golpeá-la com a força de seu desejo e acabar machucando-a sem querer.

— Eu o amo, seu porco selvagem.

Era típico de Evelyn tentar ofendê-lo mesmo quando admitia seu amor por ele. Evelyn adorava provocá-lo, adorava deixar claro que, por mais que ele a tomasse como dele, ela seria sempre como o vento escocês, forte e imprevisível, não uma flor inglesa delicada e submissa, como ele inicialmente achara.

O comentário carinhoso e ofensivo o fez gargalhar, uma risada que ressoou pelo cômodo, que refletia o desejo avassalador pela mulher que o havia conquistado.

Ela chegou ao ápice naquele instante, convulsionando e apertando-o dentro dela, sons incongruentes saindo de seus lábios inchados pelos beijos apaixonados.

Maldição, como ela era perfeita. Ao senti-la relaxando de novo, tornando-se apenas uma massa trêmula sob ele, tirou seu membro rijo por completo dela, apenas para estocá-la de novo; daquela vez, com um pouco mais de força.

— É tão apertada, Eve. Tão minha — ele sussurrou contra os lábios dela, e seu sorriso travesso o deixou ainda mais rijo.

Tomou um seio firme e redondo na boca, puxando-o entre os dentes até sentir o mamilo duro chegando à garganta.

As costas delas arquearam automaticamente, e ele a golpeou em um ritmo frenético, esquecendo-se dos cuidados que deveria ter, apenas sentindo-a em volta dele, úmida, apertada, simplesmente irresistível.

Levantou a cabeça, encarando-a intensamente.

— Olhe para mim, Eve, olhe para mim enquanto a faço minha — ele ordenou.

Os olhos azuis não deixaram os seus, e as coxas dela abriram-se mais, permitindo que ele a penetrasse tão profundamente quando desejasse, e foi quando ele se perdeu de vez, despejando-se dentro dela, como não se permitia fazer com nenhuma outra mulher.

Jamais desejara bastardos; entretanto, pouco se importava se Evelyn tivesse uma criança sua. Muito pelo contrário: a ideia o deixava ainda mais excitado.

— Vou estragá-la para todos os homens, Eve — ele lhe prometeu, desejando poder cumprir aquela promessa. — Não vai desejar mais ninguém além de mim.

*

Capítulo 1

Owen

Fevereiro, 1385

A reunião era entre amigos; ainda assim, o clima estava quase hostil.

Não era sempre que o conselho do clã decidia a respeito da chegada de uma nova integrante no vilarejo. Na realidade, algo semelhante não acontecia havia quase um meio século, quando um dos moradores apaixonou-se por uma forasteira durante uma viagem de suprimentos.

Para piorar, a mulher cuja entrada era solicitada por uma das anciãs era uma inglesa, além de filha de um grande traidor. Ela era, por outro lado, neta de uma anciã, que fora, décadas antes, a maior guerreira do meu avô, o líder do clã Gealach anterior ao meu pai.

— Mal conhece a moça, anciã Greer — disse à senhora de cabelos grisalhos e olhos azuis que me encarava.

Apesar de sua idade avançada, Greer ainda tinha em sua postura e em sua alma o poder de outrora. Era temida por alguns, admirada por outros, e odiada em segredo por poucos.

Havia aqueles que a culpavam pela traição do seu filho contra o meu pai; por outro lado, a maioria de meu povo (eu, inclusive) considerava-a corajosa e leal por ter dado as costas ao próprio filho quando soube de seu verdadeiro caráter.

Na verdade, ela sequer o havia mencionado até aquela fatídica manhã, quando recebeu a notícia de que ele e a esposa tinham falecido, deixando uma filha de dezoito anos órfã e sem qualquer meio de se sustentar.

— Eu a conheço o suficiente, Owen — ela replicou firmemente, apertando a bengala de carvalho que a

acompanhava nos últimos anos. — O clã Gealach pode confiar nela.

— Perdoe-me, anciã Greer, mas como pode ter tanta certeza? Apenas falou com a sua neta por cartas — meu irmão mais novo, Camden, questionou.

— Precisamente por suas cartas sei que a minha neta é uma boa pessoa, que ajudou a mãe enquanto estava doente e cuidou das poucas propriedades do meu filho enquanto ele passava os seus dias embebedando-se.

— E o que aconteceu com essas propriedades? — detestava ter de expô-la daquela maneira, mas queria arranjar qualquer desculpa para evitar que sua neta viesse.

Independentemente de quem fosse, ela era uma forasteira, e forasteiros sempre traziam problemas.

— Assim que o pai dela faleceu, credores apareceram à sua porta, dizendo que seu pai estava completamente endividado. Ela não tem nada, Owen — ela repetiu, a dor pela situação de sua neta clara em sua expressão.

Segundo a anciã, quando a neta lhe escreveu, não reclamou de nada, não pediu nada. Apenas lhe contou como o pai havia se acidentado com a mãe, ao sair de coche bêbado para levá-la ao curandeiro.

A anciã havia lhe enviado algum dinheiro para a viagem que faria à Escócia, e algum extra para ela poder se sustentar até Greer saber se conseguiria a autorização para recebê-la.

Fiquei silente por um longo tempo, considerando minhas opções, enquanto meus conselheiros e os anciões esperavam por uma resposta. Finalmente, anunciei;

— Minha cara anciã Greer, permitirei a entrada da sua neta. — Muitos dos participantes da reunião expiraram aliviados, enquanto outros ficaram claramente incomodados. — Desde que ela não entre na fortaleza e não saia da sua cabana durante a lua cheia.

— E se ela descobrir sobre nós e decidir deixar nossas terras, chefe Owen? — um dos meus conselheiros, Finley, questionou, claramente incomodado com a minha decisão.

— Ela não nos deixará — voltei a encarar a anciã —, ou será morta pelos meus homens.

Greer acenou uma vez e deixou o salão onde o conselho se reunia. Os outros três anciãos da vila foram embora com ela.

— Estou preocupado com a forasteira, chefe Owen — Finley, que era um grande amigo além de conselheiro, comentou, e alguns dos outros acenaram em concordância.

Eu tampouco estava confortável com aquele arranjo. Entretanto, Greer jamais me pedira nada, e me dera tanto. Meu avô havia sido um grande líder, permitindo que as propriedades do clã triplicassem, protegendo-nos do mundo exterior.

E meu avô não teria conseguido tudo aquilo sem a ajuda de sua melhor guerreira, como ele sempre fazia questão de dizer.

Por isso, eu não tinha conseguido negar o pedido de Greer: vi o desespero em seus olhos, a resolução em sua face, o nervosismo em suas mãos trêmulas. Se eu não permitisse que sua neta viesse, eu a perderia, ela deixaria o clã para viver com a neta.

Antes de morrer, meu avô havia implorado ao meu pai, seu herdeiro, e a mim, o herdeiro de seu filho, que cuidassem muito bem dos anciãos.

— A forasteira ficará sob a minha proteção, Finley. Eu me responsabilizarei por ela — garanti a Finley e os demais conselheiros. Compreendia a apreensão deles, mas eles teriam que aceitar a minha decisão. — Se alguém discordar de mim, pode lutar pela liderança do clã.

Dois haviam tentado quando meu pai foi brutalmente assassinado. Eu continuava sendo o chefe do clã Gealach.

— Não precisamos disso, chefe Owen — Finley rapidamente disse. Não seria louco de brigar com seu líder por causa de uma apreensão — Confiamos que vá cuidar para que a mulher não interfira em nossas... Questões.

— Não é uma mulher, Finn — Camden mencionou sarcasticamente. — É uma flor inglesa.

Todos na sala riram; até mesmo eu não deixei de curvar um dos cantos da boca. Nós, escoceses das Terras Altas, estávamos acostumados com mulheres guerreiras e trabalhadoras, e não gostávamos muito das frescuras das damas inglesas.

Porém, os mimos e chatices da neta da anciã seriam problemas para Greer, não para nós.

— Acha que ela é uma daquelas damas delicadas que desmaiam só de ouvir um xingamento, Cam?

Daquela vez, todos gargalharam com o comentário de Finley, e a tensão dissipou-se, como geralmente acontecia entre os membros do conselho.

Capítulo 2

Evelyn

Agosto, 1385

Vovó Greer mal sabia que sua carta tinha me salvado.

Eu comia apenas um pão com leite por refeição havia dias, e somente tinha um lugar para dormir porque o Padre Lewis, responsável pela paróquia da região, me deixava passar as noites em uma pequena despensa na parte dos fundos da igreja.

Assim que ela me deu permissão para ir ao seu vilarejo nas Terras Altas da Escócia, eu juntei meus poucos pertences (incluindo uma bela capa vermelha que ela costurara para mim anos antes), e deixei Dorset, onde vivi toda a minha vida, para trás.

Consegui uma carona com um dos meus amigos de infância, Will, até Norfolk. Ele entregava correspondências de Dorset para todos os cantos da Inglaterra, e não hesitou em me oferecer transporte sem custos.

A viagem foi longa e cansativa, mas bastante divertida, como sempre era a companhia de Will. Ele tinha se tornado pai recentemente, então tinha mil histórias sobre o pequeno Peter, e eu não me incomodava nem um pouco em ouvi-las.

De Norfolk, Will conseguiu outra carona para mim, com um conhecido seu de confiança, John, um noviço. Ele estava de mudança para um mosteiro escocês, e era muito gentil,

apesar de eu adormecer com seus sermões constantemente. Ele me deixou em Inverness, uma das principais cidades das Terras Altas.

Àquela altura, eu já tinha percebido que as minhas roupas leves para o sul da Inglaterra não eram adequadas para as temperaturas gélidas daquela parte do mundo, nem mesmo durante o verão.

Tinha começado a viagem no final de junho, e agora estávamos em agosto, mas, ainda assim, eu tremia violentamente de frio o tempo inteiro.

A capa de vovó, por mais que fosse feita com um material quente e confortável, não me protegia completamente, e eu tampouco tinha dinheiro para desperdiçar em um vestido adequado às temperaturas escocesas. Apenas me dei ao direito de comprar luvas e meias mais grossas; teria que ser suficiente.

Faltava pouco para chegar ao vilarejo de Gealach, pelo que vovó havia explicado em sua carta, porém, eu estava com bastante dificuldade em encontrar um cocheiro que aceitasse me levar até lá.

— Eles são bastante isolados, senhorita — consegui que um homem me explicasse —, e não gostam de forasteiros.

— Minha avó é moradora de lá, e tenho autorização para ir — respondi em gaélico, a única coisa útil que meu pai havia me ensinado.

A maior parte dos escoceses ao sul do país entendia meu idioma, entretanto, quanto mais ao norte eu viajava, mais eu precisava praticar o gaélico.

Vovó havia dito que alguns dos aldeões de Gealach falavam inglês, uma vez que precisavam, por vezes, deixar o vilarejo para buscar suprimentos.

O homem, que estava limpando um peixe em frente à sua pequena casa quando comecei a fazer perguntas, gritou o nome de alguém, que veio correndo.

— Este é o meu filho, Gavin — o homem me apresentou —; ele vai levá-la até os limites das terras de Gealach.

— Muito obrigada.

Gavin não parecia nem um pouco satisfeito, mas obedeceu ao pai, especialmente depois que lhe mostrei que poderia pagar pela viagem.

Se eu tinha achado o trajeto até aqui desconfortável, estava muito enganada. Mal havia algo que poderia ser classificado como estrada até as terras de Gealach, a não ser que alguém considere uma estrada um caminho lamacento, repleto de buracos, colinas, precipícios e ovelhas perdidas.

Depois de dois dias de viagem, eu não tentava mais iniciar conversas com Gavin, e ele aparentava estar satisfeito com o som do silêncio (e das ventanias noturnas que pareciam capazes de mover montanhas).

Na metade da manhã do quinto dia, quando eu achava que minhas costas partiriam de tão duras que estavam, Gavin parou de repente, e senti alívio ao acreditar que havíamos chegado.

Porém, ao olhar para fora, tudo o que vi foi uma cabana que parecia prestes a desmoronar no meio de um bosque com árvores que pareciam alcançar os céus.

— Onde estamos, Gavin? — era a primeira vez que eu falava em dias, então minha voz estava rouca.

— Nos limites das terras do clã Gealach. — Ele replicou. — Sou proibido de ir além deste ponto.

— É possível ir caminhando até o vilarejo? — não via qualquer resquício de outros seres humanos ali.

— Apenas se conseguir andar seis horas em terreno íngreme, senhorita. — Oh, céus. — Os homens do vilarejo devem vir buscá-la.

— Quando? — questionei, enquanto ele me ajudava a descer do coche com suas mãos calejadas e a expressão entediada.

— Em alguns dias, no máximo — ele respondeu e me deixou sozinha no meio do nada.

Alguns dias?

Sentindo-me exausta e frustrada, caminhei lentamente até a cabana. Se eles a usavam para deixar suas visitas até poderem buscá-las, então ela não devia estar tão danificada quanto eu imaginava.

Não poderia estar mais enganada: a cabana era ainda mais surrada por dentro do que por fora. Estava em péssimas condições. Havia ratos e ninhos de pássaros espalhados pelo pequeno espaço, e tantos furos no teto que nem me protegeriam caso chovesse.

Não havia camas ou quaisquer móveis; apenas paredes rachadas e animais que pertenciam do lado de fora.

Saí imediatamente do lugar, sentindo ânsia de vômito apenas por me imaginar dormindo naquele lugar. Tomei uma decisão: como ainda tinha muitas horas de sol, caminharia até o vilarejo.

Inspirei profundamente e iniciei a última parte da minha viagem. Eu esperava chegar viva.

Capítulo 3

Owen

Quando um dos meus guerreiros chegou de nosso posto avançado no bosque, eu imediatamente soube que era por causa *dela*. A forasteira. A inglesa. A ameaça.

Ela estava aqui.

Sempre deixava homens próximos aos limites de nossas terras, para que soubéssemos quando recebíamos correspondências, mantimentos e visitas, autorizadas ou não. Se havia uma coisa de que não gostávamos, era ser pegos de surpresa.

O clima no vilarejo ficou consideravelmente mais tenso quando as pessoas souberam que ela estava chegando. Havia pouco menos de duzentos habitantes naquelas terras, e todos se conheciam desde a infância.

Nascíamos juntos, morríamos juntos, sem ninguém de fora. Era o nosso lema, era como vivíamos nossas vidas; forasteiros sempre atrapalhavam nossa paz.

— Chefe Owen, há uma forasteira nos limites do bosque — o rapaz, Glenn, estava claramente ansioso.

— Deve ser a neta da anciã Greer — Camden disse, já se levantando.

Em geral, levávamos alguns dias vigiando os forasteiros que ousavam chegar perto dos nossos limites, para depois abordá-los e solicitar pacificamente (ou não) que se retirassem.

Porém, não estávamos falando de uma desconhecida, mas da neta de uma de nossas anciãs mais importantes. Portanto, sairíamos imediatamente para buscá-la.

Sim, eu iria com o meu irmão. Não era a nossa tradição, mas eu queria deixar claro para a garota inglesa quais eram as nossas regras antes de deixá-la na cabana da avó.

— Vou também — todos eles me olharam, sem entender a minha decisão. Entretanto, ninguém questionou meus motivos, mas eu achei melhor esclarecê-los. Essa história de recebermos uma forasteira estava deixando todos tensos. — Precisamos garantir que ela vai respeitar nossa privacidade e nossos costumes.

Os conselheiros relaxaram perceptivelmente.

— Ninguém melhor do que meu irmão para assustar a donzela indefesa — Camden era mestre em tirar a tensão de qualquer ambiente. Alguns gargalharam, e mesmo aqueles entre nós que estavam mais receosos sorriram.

— Indefesa ou não, ela precisa saber qual é o seu lugar.

Todos acenaram para mim em concordância. Era disso que eu precisava: do apoio de todos, não apenas de alguns.

Eles precisavam saber que meu povo sempre estaria em primeiro lugar.

— Cam e Finn, quero vocês comigo — Os dois começaram a se preparar. — Glenn também. Vamos!

Ela havia quebrado uma regra. Mal havia chegado e já tinha quebrado uma maldita regra.

Glenn nos avisou baixinho quando a avistou, mas eu já a havia localizado. Ela usava uma capa vermelha que certamente fora costurada por sua avó. A anciã Greer gostava da cor, porque era mais incomum atacarmos acidentalmente um dos nossos. Era a cor preponderante do nosso estandarte.

Não conseguia ver sua face, porém, pela forma como se movimentava, lentamente e com dificuldade, era perceptível que estava exausta. Fiquei impressionado: para uma dama fresca e mimada, ela tinha até conseguido avançar bastante sozinha.

— Maldição! — Ela xingou alto, e olhei para meu irmão de soslaio. Ele estava segurando a gargalhada. Aparentemente, ela não seria o tipo de dama que desmaiaria com palavras rudes.

Claro que isso não diminuía a irritação que senti ao vê-la caminhando por nossas terras como se fossem suas. Sem avisar aos demais, acelerei o cavalo em sua direção, e a agarrei pela cintura.

Puxei-a para cima da minha montaria, deixando-a sentada à minha frente, e logo me surpreendi com sua magreza ao sentir seu corpo sob meus dedos. Sua avó

estava certa: ela devia estar em apuros, porque era claro que não estava sendo bem alimentada.

O que também me surpreendeu foi seu cheiro, que era muito agradável. Esperava uma mulher fedorenta depois da longa jornada; ela, porém, tinha um cheiro natural e feminino que despertou a minha virilha.

Era apenas uma reação natural a uma mulher jovem, eu disse a mim mesmo. Eu não me deitava com ninguém havia algumas semanas. Precisava apenas procurar Moyra naquela noite para aquecer a minha cama.

Moyra era uma jovem viúva que havia retornado ao vilarejo depois que seu marido foi assassinado por Nômades. Tínhamos um acordo bastante amigável: dividiríamos a cama em segredo, mas, caso eu a engravidasse, casaríamos antes que seu estado ficasse visível.

Ajeitei-me na cela, controlei-me, coleí o corpo da forasteira contra o meu, e sussurrei em seu ouvido:

— Se caminhar pela minha propriedade sem autorização de novo, eu vou matá-la, *forasteira*.

Ela virou o rosto para mim, o capuz caindo de sua cabeça no meio do caminho, e tive que controlar a onda avassaladora que se apoderou do meu corpo, deixando-me com uma situação entre as pernas que ela certamente sentiria nas costas.

Afastei um pouco minha virilha de seu traseiro e mantive a expressão dura. Essas damas inglesas eram treinadas na arte de seduzir desde a infância. Eram capazes de tudo para enrolar um idiota e fazê-lo se casar com elas.

Para o azar desta moça, eu não era um inglês manipulável e fresco.

Ainda assim, passei um longo momento analisando sua face: tinha de admitir que ela era muito mais atraente do que eu imaginara, o que a tornaria um inconveniente ainda maior do que eu havia previsto.

Olhos azuis como o céu em um dia de verão sem nuvens me encaravam com um misto de irritação e surpresa. Sua pele era branca e delicada, contrastando com os cabelos negros e ondulados. Conseguia ver as veias de seu pescoço, que começaram a pulsar mais forte.

Suas pupilas estavam dilatadas, e peguei-me perguntando a mim mesmo se era de medo ou de atração. Maldição, ela tinha lábios bonitos. Daqueles que desejávamos sentir em várias partes do corpo, especialmente em volta do membro rijo.

As palavras que saíram daquela boquinha bonita, entretanto, não eram nada agradáveis.

— Deve ser o chefe Owen — sua voz era doce como mel; a única coisa que consegui fazer foi acenar duramente, como um completo idiota. — Vovó avisou que o senhor não tinha modos.

Escutei a gargalhada do meu irmão antes de vê-lo aproximando o cavalo do meu. Ele segurou a minúscula mão enluvada da forasteira e deu um beijo sobre o tecido. Quem diabos era este homem e o que ele havia feito ao meu irmão, um guerreiro impiedoso?

— Perdoe-nos pelo susto, senhorita — a gentileza em sua voz me chocou ainda mais que o beijo. — Sou Camden

Kinnaird, o irmão do chefe Owen e conselheiro do clã. Seja bem-vinda à nossa propriedade.

Ele ainda segurava a mão dela e, por algum motivo misterioso, aquela cena me irritou profundamente. Ele estava se dirigindo a ela como se fosse seu maldito pretendente e estivéssemos em um baile da corte!

Afastei o cavalo, obrigando-o a soltá-la. Ele me dirigiu um sorriso malicioso.

— Muito obrigada, Conselheiro Camden — ela replicou em um tom completamente diferente daquele que usara comigo, e seus lábios se curvaram em um sorriso tímido. — Sou a Srta. Barrach, mas meus amigos me chamam de Evelyn.

Limpei a garganta antes de continuar:

— Como eu estava dizendo, Evelyn...

— Sou Srta. Barrach para o senhor — ela replicou duramente, o sorriso desaparecendo de sua boca.

Sua frieza me pegou de surpresa; nem conseguir rebatê-la. Uma forasteira - tão pequena que eu poderia derrubá-la com o meu mindinho - acabara de me interromper?

— Meu nome é Glenn, senhorita — outro idiota que estava se dirigindo à forasteira como se ela fosse a maldita rainha!

— Vão. Embora. Agora. — Ordenei lentamente, e vi satisfação no rosto de Finley. Ele tampouco gostara da forma como a inglesa havia se dirigido a seu líder.

Finley nos deixou depois de uma breve reverência (que ele fez questão de dirigir apenas a mim), e os outros estavam relutantes em nos deixar, mas eu os encarei duramente, e eles enfim se afastaram.

— O senhor está me levando para o vilarejo?

— Não. À casa de sua avó — ela relaxou em meus braços com a notícia. — A senhorita não vai sair da casa até eu liberá-la — completei.

— Como?

Inspirei profundamente, demonstrando a minha irritação.

— Percebo que inglesas não são boas com regras — parei o cavalo, virei-a na montaria até ficar de lado e segurei-a pelos ombros para que me encarasse. — Aqui, quem desrespeita as minhas regras é punido com morte. Deseja morrer?

Daquela vez, foi ela quem me analisou por um longo momento, como se estivesse tentando decifrar um enigma complexo.

— O senhor me mataria apenas porque não fiquei naquela cabana horrenda à beira do que vocês escoceses chamam de estrada?

Ela havia mesmo conseguido me ofender de várias maneiras em uma mesma pergunta depois de ter violado um de nossas regras?

— A senhorita não poderia esperar algumas malditas horas?

— Não sabia que viriam tão rápido! O condutor que me trouxe disse que levariam dias para virem, e...

— Mesmo que levássemos semanas: regras são regras — aproximei meu rosto do dela a fim de assustá-la, mas foi uma péssima tática.

Agora, seus olhos me seduziam muito mais, como se fossem belos lagos onde eu poderia me afogar. Maldição dos infernos! Por que eu tinha que ter vindo recebê-la? Nunca devia ter posto os olhos nela!

— Eu entendo o seu ponto, chefe Owen, mas eu...

— Sem exceções, *forasteira*. Sem desculpas. Não vai sair da casa de sua avó até que eu a autorize.

Esperei que ela replicasse. Uma parte de mim desejou que ela o fizesse, porque assim eu justificaria fazer alguma loucura, como beijá-la.

Felizmente para a minha sanidade ela não o fez, apesar de franzir o cenho e virar-se de volta para a frente, afastando-se o máximo que conseguia do meu corpo.

Eu tinha permitido que uma rosa inglesa entrasse nas minhas terras. O que eu não tinha levado em conta na minha decisão era que ela não teria apenas a suavidade de suas pétalas: haveria também o desconforto de seus espinhos.
